Revista da SOCIEDADE de GEOGRAFIA do Rio de Janeiro

TOMO XLV - 38

9 1/8 D 1031

COMISSÃO DE REDAÇÃO

Alexandre Sommier — Carlos Domingues — Cesar Feliciano Xavier — Saladino de Gusmão — S. Fróis de Abreu

SUMÁRIO

Coronel Temístocles Pais de Sousa Brasil — Demarcação dos limites entre o Brasil e a Colômbia — Psicologia e ambiente.

Professor José Estelita — Fim Social do Urbanismo.

Dr. Saladino de Gusmão — Erros a corrigir na Geografia do Pará.

Vice-almirante Raul Tavares — Corografia da costa do Brasil — De Cabo-Frio a Santos.

Comandante Cesar Feliciano Xavier — Elogio geográfico-histórico do Almirante Barão de Tefé.

José Matoso Maia Forte — Estado do Rio-de-Janeiro — A novo divisão territorial administrativa e judiciária.

Coronel Luiz Mariano de Barros Fournier — Vestígios arqueológicos no Brasil.

Coronel Raul Correia Bandeira de Melo — Apelo feito na 7.ª Sessão do Conselho Diretor.

Alcides Bezerra.

Assembléia geral do Conselho Nacional de Estatística — Resolução n. 82, de 18 de Julho de 1938.

Relatório do ano de 1937.

RESUMO DE TODOS OS ARTIGOS EM ESPERANTO

PRAÇA DA REPÚBLICA, 54 - 1.º — Rio de Janeiro
BRASIL

MCD 2018

MCD 2018

Revista da SOCIEDADE de GEOGRAFIA do Rio de Janeiro

TOMO XLV
1938

COMISSÃO DE REDAÇÃO

Alexandre Sommier — Carlos Domingues — Cesar Feliciano Xavier — Saladino de Gusmão — S. Fróis de Abreu

ÍNDICE

Coronel Temístocles Pais de Sousa Brasil — Demarcação dos limites entre o Brasil e a Colômbia — Psicologia e ambiente..... 3
Professor José Estelita — Fim Social do Urbanismo 15
Dr. Saladino de Gusmão — Erros a corrigir na Geografia do Pará 31
Vice-almirante Raul Tavares — Corografia da costa do Brasil — De Cabo-Frio a Santos 53
Comandante Cesar Feliciano Xavier — Elogio geográfico-histórico do Almirante Barão de Tefé. 73
José Matoso Maia Forte — Estado do Rio-de-Janeiro — A nova divisão territorial administrativa e judiciária 105
Coronel Luiz Mariano de Barros Fournier — Vestígios arqueológicos no Brasil 113
Coronel Raul Correia Bandeira de Melo — Apelo feito na 7.ª Sessão do Conselho Diretor..... 139
Alcides Bezerra 145
Assembléia geral do Conselho Nacional de Estatística — Resolução n. 82, de 18 de Julho de 1938. 147
Relatório do ano de 1937 151

RESUMO DE TODOS OS ARTIGOS EM ESPERANTO

PRAÇA DA REPÚBLICA, 54 - 1.º — Rio de Janeiro
BRASIL

MCD 2018

MCD 2018

DEMARCAÇÃO DOS LIMITES ENTRE O BRASIL E A COLÔMBIA — PSICOLOGIA E AMBIENTE

Coronel Temístocles Pais de Sousa Brasil

Conferência pronunciada na 7.ª sessão do Conselho Diretor, aos 2 de Setembro de 1937.

A ZONA DE OPERAÇÕES

Desde meados de 1931, a Comissão Brasileira Demarcadora de Limites do Setor Oeste, conjuntamente com a Comissão Colombiana de Limites com o Brasil, estiveram empenhadas nos labores das demarcações das raias comuns aos seus respectivos territórios. Operaram essas Comissões precisamente na faixa central da zona tórrida, compreendida entre o paralelo de dois graus de latitude Norte e o de quatro graus Sul, tendo portanto de permeio a linha Equinoxial. Esta zona da planície Amazônica, é grandemente regada por uma infinidade de mananciais, coletores dos grandes derrames meteóricos que, dia sobre dia, lançam consideráveis volumes de água nas suas bacias hidrográficas.

Anualmente são ultrapassadas as capacidades coletoras desses mananciais transformando-se as terras que lhes são adjacentes em extensos *igapós,* nome este que designa, na Amazônia, as terras alagadas temporária ou permanentemente, são as terras que em Mato-Grosso se denominam *pantanais*. Este regime hidrográfico determina uma grande humidade, agravada por ativa evaporação consequente do calor peculiar à zona tórrida.

Calor e humidade, excessivos e associados, são os dois maiores inimigos do homem, aos quais se reune ainda, na Amazônia, uma pressão atmosférica quase uniforme, próxima de 760 milímetros de mercúrio, alta pressão que concorre para uma maior tensão de vapor d'água, formando assim um trio que constitue o ambiente depredador da vida e conspirador contra a integridade do homem.

MCD 2018

Não se infira daí que seja a Amazônia inhabitavel. Como em toda parte, há aí zonas más e zonas favoraveis, de um modo geral porem, é esse o meio Amazônico, felizmente atenuado por oscilações eólicas de ventos irregulares, predominantes em cada lugar, que veem amenizar em alguma coisa o ambiente, auxiliando a adaptação do homem. Este meio incubador de toda sorte de mosquitos, é responsavel pelas endemias palúdicas reinantes, que grandes embaraços causam ao povoamento. Zonas há, regularmente salubres, algumas mesmo, que notavelmente o são. A cidade de Manaus, está nestas últimas condições.

Cidade cortada por vários igarapés, com não pequena população ribeirinha pobre de recursos e de educação higiênica, apresenta no entretanto o fato notavel de, em grande número de dias do ano, não registrar nem um óbito sequer, e deve-se notar, tem a cidade uma população que orça em 70.000 habitantes aproximadamente. Os trabalhos de demarcação das fronteiras com a Colômbia desenvolveram-se na zona que acabamos de esboçar.

A PENETRAÇÃO

A entrada para um meio endemicamente palúdico, merece exame especial. Os engenheiros que estão habituados a trabalhar em tais zonas, sabem que em todas elas há sempre uma época em que uma espécie de acalmia, minora a atividade do mal. É essa a época da penetração. Conduzindo os trabalhos e a permanência em tais zonas, de modo a fazer uma retirada antes de findar o período favoravel, consegue-se bastante restringir as temiveis consequências do mal. No Amazonas e na vertente Norte da bacia do grande rio, este período corresponde às cheias dos seus afluentes e marca a época da entrada para a fronteira, o que tem lugar pelo mez de novembro, terminando pelo de junho.

O período de vazante estende-se de julho em diante, quando então ativa-se a produção dos mosquitos e tambem da moléstia. Nem sempre pode-se obedecer a esse ritmo. Contingências do serviço levam as turmas, muitas vezes, a permanecerem em trabalhos no mato alem dessas épocas, quase sempre, porem, com lastimaveis resultados. Se restrito foi o número dos casos fatais na demarcação de limites com a Colômbia, o mesmo não acontece com os de agressão das moléstias, a despeito do cuidadoso serviço de saude de cada turma, sempre assistidas por médicos. Raríssimos os que escapam ao palu-

MCD 2018

dismo, às polinevrites, às dermatoses resistentes às moléstias do fígado e dos rins, que são aí endêmicas.

O vaivem continuado na evacuação de doentes e substituições nas turmas, constitue um embaraço inevitavel para o serviço de demarcação. O sacrifício de vidas, o enfraquecimento fisico dos homens, que não poucas vezes ficam achacados para o resto da vida, a soma das despesas feitas a custos elevados, bem mostram o sacrifício que faz a Nação para conseguir delimitar o seu território, conhecer o seu melhor patrimônio e ao mesmo tempo afastar as possibilidades das guerras, pois são e continuarão a ser por muito tempo ainda, para infelicidade da humanidade, as questões territoriais as principais causas de desinteligências entre os povos. Não é demais, senhores, exemplificar aqui dois casos típicos do que afirmamos, casos bem conhecidos e bem notaveis, entre quatro países limítrofes do nosso Brasil, cujas pacificações elevam bem alto o conceito da nossa Pátria no consenso das nações e na defesa de elevados idéais da humanidade. Tal é o caso da luta entre a Colômbia e o Perú, tal é o da guerra entre a Bolívia e o Paraguai.

A VIAGEM

Depois de longo preparo da organização do pessoal e material partem de Manaus as turmas, aos seus destinos na fronteira, teatro de suas operações. A organização do pessoal é meticulosa, visando sempre reduzir o mais possivel o número de homens, sem sacrifício dos trabalhos, pois quanto menor é a turma, mais manejavel, menos dispendiosa. Procura-se no Setor Oeste não exceder trinta pessoas para cada turma. O material exige acondicionamentos especiais. Todos os víveres devem ser fechados em latas hermeticamente soldadas e ainda assim grande quantidade se deteriora. Os volumes devem ser tanto quanto possivel reduzidos a 30 quilos de peso, para serem facilmente transportaveis por um homem, nas cachoeiras, corredeiras e varadouros. Por essa forma elevam-se a bem mais de mil os volumes que constituem a impedimenta de uma turma suprida de víveres para cinco meses de trabalho. O transporte é outra grande preocupação, sendo no Amazonas quase que exclusivamente feito por água. Rios encachoeirados exigem embarcações pequenas que possam ser arrastadas sobre pedras e pelo mato, por isso a frota de uma turma eleva-se a um efetivo de cerca de 15 embarcações, todas porem, liliputianas, rebocadas por motores de popa, amoviveis, tipo *godille,* que são os grandes fatores da rapidez. Quatro ou cinco desses mo-

MCD 2018

tores constituem a dotação de uma turma e pagam generosamente o combustivel líquido que consomem, que, digamos de passagem, nas zonas de trabalho ficam a peso de ouro. Calcula-se que as mercadorias dobram o seu preço já de elevado custo em Manaus. Uma caixa de gasolina que em Manaus oscila acima de 65$000, acrescendo-se o preço do transporte e riscos, abeira por 100$000 na zona da fronteira do Noroeste, com a Colômbia. Embarcados nessa frota de nulo conforto, avança a turma dias e dias, uns tranquilos, nos trechos navegaveis dos rios, outros extenuantemente trabalhosos, quando os obstaculos à navegação obrigam a descargas e recargas, às vezes successivas e não raro debaixo de chuvas violentas. As pousadas são sempre feitas nas margens, em barracas.

Alguns naufrágios ocorridos, com perda de material de elevado custo e insubstituivel rapidamente, levou a chefia da Comissão a determinar obrigatória a parada às 5 horas da tarde e as partidas com dia claro, para evitar as aventuras de navegação em trechos de águas tumultuárias em plena escuridão.

Há tambem proíbição formal de afrontar as corredeiras e cachoeiras quer de descida, quer de subida, com as embarcações carregadas. Estas providências deram bons resultados. Os riscos de vida estão tambem empenhados nesses acidentes. Em trabalhos científicos imperiosos como os que são cometidos às Comissões de Limites, os operadores não teem o direito de expor a sua segurança nem a do material, aos quais está diretamente ligado o êxito dos trabalhos, único objetivo a atingir. Não raro, jovens operadores, no ardor da mocidade e no intuito de abreviarem o serviço, atiram-se a aventuras em que as probabilidades de êxito são diminutas, torna-se então necessário que os veteranos do serviço os contenham com os seus conselhos para evitar desagradaveis consequências. As turmas são providas de estações radiotelegráficas e radiotelefônicas com alto falante, estas destinadas a recepção dos sinais horários transmitidos pelos observatórios, aquelas destinadas às comunicações, organizadas de tal modo que diariamente pela manhã tem-se na sede da Comissão em Manaus, informaçõões das ocorrências em todas as turmas.

TRABALHOS TÉCNICOS

De duas naturezas são os trabalhos de mato a executar nas demarcações de limites: os de topografia, que teem por objeto os desenhos das plantas ou cartas topográficas da re-

MCD 2018

gião e os de astronomia, complementares daqueles, que teem por fim fixar na superfície da terra a situação de pontos notaveis da topografia determinando-lhes as coordenadas geográficas ou sejam latitudes e longitudes. Os primeiros, os topográficos, altamente importantes exigem do operador alem de seguros conhecimentos da ciência, aptidões e qualidades especiais. Aptidões porque em topografia a iniciativa, o golpe de vista, o sentimento da forma, o poder inventivo, são indispensaveis e estão em jogo em todas as ocasiões.

Casos dificeis não faltam.

Exige qualidades especiais, porque a integridade de carater é elemento indispensavel, talvez o mais necessário.

Trabalhar de sol a sol em cima d'água ou numa picada na mata, às vezes debaixo de chuva, acossados pelas pragas, mutucas, mosquitos, borrachudos e piuns agressivos e ousados, procurados pelas mansas e inofensivas abelhas de todas as variedades, que veem beber o suor que nos molha, deixando em troca o própolis que besunta e suja e a irritação nervosa que determinam seus passeios sobre o rosto e até nos olhos, é uma prova forte que exige dos operadores força de vontade e carater rijo para não cederem aos pedidos do corpo, para não desertarem, para fazerem sinceramente as medidas e observações indispensaveis, para não levarem à falsificação as cadernetas.

Em certas horas do dia, o corpo pede o repouso, o dever exige o movimento, só o carater de têmpera não cede ao repouso.

Os trabalhos astronômicos! Ó Astranomia! Palavra mágica que lembra o infinito, que conduz ao Deus Criador, que dá margem às concepções as mais audaciosas e espirituais!

A Astronomia, não é para os demarcadores da zona tórrida elemento de gozo, de deletantismo como em geral parece.

Quem vê um jogo de coordenadas, latitude e longitude, que fixam um ponto na superfície da terra, não avalia o esforço, o trabalho e a paciência que exigiu a sua determinação. Em princípio é preciso buscar no céu o que não podemos colher na terra.

O céu é o infinito estelar que nos cerca.

Para a Astronomia é preciso que haja céu, para podermos dele recolher os dados que nos conduzem por cálculos mais ou menos longos aos resultados desejados.

A dificuldade está em ter esse céu à disposição.

No geral, na zona tórrida nuvens impertinentes mascaram seguidamente as estrelas, interrompem-nos os trabalhos ini-

MCD 2018

ciados, fatigam-nos, extenuam-nos, sem que consigamos resultados.

Todos no acampamento montam guarda às estrelas.

Ao ser vislumbrado um céu limpo o alarme é dado e o operador salta da sua rede, corre aos instrumentos. Às vezes é feliz e a noitada produz algo de aproveitavel, as mais das vezes, porem, são noitadas perdidas, a fadiga improfícua. O rigor previamente estabelecido para os resultados, exige uma pluralidade de observações repartidas em várias noites e isto aumenta o trabalho.

Nota-se, porem, que esses fracassos devido a negaças do céu, são quase sempre acompanhados de infernos na terra.

Não raramente acossado por mosquitos que obrigam o uso de um véu incômodo na cabeça, o operador vê-se ainda na necessidade de besuntar continuamente as mãos para afugentá-los, com citronela, extrato muito aromático do *Cymbopogon nardus,* de Rendle, o conhecido capim limão. Uma outra praga não raro incômodo, é a das falenas, borboletas crepusculares de varios tamanhos, simples e não agressivas, que atraidas pela iluminação aliás discreta dos instrumentos, caem em enxame sobre eles e sobre o operador, debatendo-se, perturbando.

Como se tudo isso não bastasse, uma humidade forte que orvalha e embaça a ótica dos instrumentos, prejudicando as observações, obriga à continuadas limpezas. São assim dos operadores os serões e as vigílias, nada deliciosos, na prática da espiritual Astronomia. E ainda aquí, como sempre, a natureza defende avaramente os seus segredos, é preciso paciência para vencer. Mas não ó só. Após a primeira noite bem sucedida de observações, já há material o cálculo, que cresce com o êxito que se vai alcançando por fim, nas noitadas de vigília. Os dias são então tomados pelo cálculo volumoso, monótono, sempre o mesmo e como é preceito entre os matemáticos, que o calculador criterioso calcula pelo menos duas vezes, bem se pode avaliar o labor decorrente feito no calor da barraca, acompanhado pelas mutucas e piuns, com a bomba do *flit* ao lado das tábuas de logaritmos.

E nesse ambiente, o operador imbuido dos princípios científicos, disputa à Natureza os centésimos de segundo de arco nos valores das coordenadas geográficas.

São trabalhos distintos pelo modo de fazer: a topografia exige o deslocamento contínuo, o movimento, a viagem; a astronomia ao contrário, é sedentária, exige o repouso, a tranquilidade, a estabilidade, ambas com os seus onus pesados, cada qual com sua feição.

MCD 2018

A astronomia em geral precede a colocação dos marcos que devem assinalar sobre a superfície da terra o ponto geométrico definido pelas coordenadas geográficas, quer esses pontos refiram-se a acidentes geográficos, que caracterizem a linha de fronteira, quer não.

Obtidos os resultados, cotejadas as coordenadas determinadas pelos operadores de cada um dos países interessados e julgadas concordes, obedecendo a padrões de precisão previamente estabelecidos, procede-se à construção dos marcos e seguem-se as suas inaugurações. Nas nossas lindes com a Colômbia foram os marcos constituidos por esbelto tronco de pirâmides quadrada, repousando em base prismática, com proporções agradaveis, feitos de concreto armado e obedecendo a três ordens de grandeza. Recebem esses marcos placas de bronze com as armas dos dois países e inscrição em alto relevo dos seus nomes. Uma placa tambem de bronze, gravada na ocasião, em baixo relevo, traz inscritas as coordenadas do ponto da fronteira.

A inauguração dos marcos é festiva e consta da leitura e assinatura dos termos de inauguração, perante as turmas, seguindo-se saudações e vivas recíprocos às duas Nações.

Terminados os trabalhos de mato com a conclusão dos programas de cada turma, recolhem-se elas à sede da Comissão, onde realiza-se a fase mais tranquila e agradavel das suas tarefas.

Os trabalhos de escritório consistem em cálculos, desenhos e organização dos relatórios técnicos de cada turma.

De acordo com a quantidade do material colhido no terreno as operações de escritório duram de dois a três meses, trabalhando-se diariamente em dois expedientes, um pela manhã das 8 às 11 horas, outro à tarde das 14 às 17 horas.

Findos esses trabalhos que são feitos pelos operadores, os Membros das duas Comissões reunidas em Comissão Mixta organizam uma Conferência para aprová-los, terminando assim os labores de uma campanha anual.

PSICOLOGIA DAS TURMAS

É preciso ter acompanhado uma turma de serviço para fazer idéia da sua vida íntima, da sua psicologia.

Nos primeiros tempos tudo são flores, a novidade de abandonar a cidade traz alegria, os menores acontecimentos são acolhidos com jovialidade, o riso é frequente. A medida, porem, que decorre o tempo, que a turma avança para o desco-

MCD 2018

nhecido, o bom humor vai escasseando, o riso desaparecendo. É a invasão de neurastenia.

Os temperamentos joviais e espíritos fortes são a salvação da turma, os hipocondríacos e os soturnos os seus inimigos. A estes tudo os incomoda e irrita, vivem querelando com os companheiros por tudo e a propósito de tudo, as queixas se multiplicam e os chefes transformam-se em juizes de questiúnculas. É preciso energia para vencê-los sem violência. O melhor remédio para isso é o trabalho, tomar muitas horas do dia, e deixar ao sono estimulado pela fadiga ocupar os outras. Entreter a alegria na turma é uma necessidade e pode-se dizer que uma turma alegre é turma que produz, turma que estará sempre pronta e não encontrará dificuldades, daí o interesse em manter pessoal veterano selecionado.

Os chefes precisam ter o espírito forte para não se deixarem tomar pelo pessimismo, pelo desânimo diante das dificuldades e aí a educação tem um valor notavel para evitar os gestos grosseiros, a brutalidade, as injustiças nos julgamentos das pequenas ocorrências, injustiças que causam grande dano moral, repercutindo em todo o pessoal.

RECRUTAMENTO DO PESSOAL SUBALTERNO

O serviço militar obrigatório trouxe consequências apreciaveis de benefício à Nação, independentemente do preparo do cidadão no manejo das armas. O valor prático que a caderneta do reservista tem na vida civil é notavel, embora não esteja ela ainda suficientemente conhecida. No Setor de Oeste a primeira seleção do pessoal subalterno é feita pela caderneta de reservista, qualquer castigo nela mencionado é motivo de recusa e raro é aquele que tendo uma boa caderneta não se adapta às exigencias da Commissão, sobretudo da disciplina grandemente exigida. Para premiar os civís, que teem as suas cadernetas militares encerradas, criou-se no Setor Oeste uma caderneta individual, onde alem da identificação fotográfica são registradas as referências de serviço publicadas no Boletim Interno da Comissão, após encerrados anualmente os trabalhos de mato.

RECRUTAMENTO DO PESSOAL TITULADO

Uma das grandes necessidades para o bom funccionamento das Comissões é o recrutamento de bom pessoal titulado. Três principais causas influem no ânimo das pessoas com ha-

MCD 2018

bilitação para o desempenho dos trabalhos da Comissão: amor pela ciência, amor pelo dinheiro, amor pela Pátria. São três espécies de amores. Os espíritos de elite optam pelos três, os espíritos mercantilistas pelo segundo, pelo terceiro sómente, não se pode optar porque nesses trabalhos só se pode demonstrar amor pela Pátria, trabalhando pela ciência e assim sendo, não há como excluir o primeiro amor. Cientistas há muitos, porem, que amam a ciência no conforto dos seus gabinetes. O amor pela ciência em frente à natureza, afrontando labores e riscos não é largamente praticado. Os que praticam a segunda espécie de amor, o amor pelo dinheiro, são os mercenários, aqueles que vivem contando os mezes que se escoam, o que equivale a contar o dinheiro vencido, preferem o mato porque não fazem despesas, não trabalham, são boas pessoas para o pessoal das turmas, iludem os chefes, por fim arranjam uma incompatibilidade para deixarem as Comissões.

São os vivedores, as pragas que infestam, às vezes, as Comissões e para as quais não há profilaxia possivel. Deixam sempre o mau exemplo. Por isso o empenho que alguns candidatos às vezes fazem para entrar para as Comissões trazem, não raro, tais consequências. Do recrutamento dos operadores técnicos, depende grande o êxito dos trabalhos.

RELAÇÕES COM AS COMISSÕES ESTRANGEIRAS

Parecem cousa simples as demarcações das fronteiras, visto como os Tratados de limites e acordos internacionais definem tais demarcações. A realização porem desses trabalhos mostra muitas vezes o quanto são elas dificeis. Os Tratados de limites são calcados sempre sobre uma carta geográfica escolhida a melhor. Acontece, porem, que as cartas geograficas das zonas lindeiras, quer do Brasil quer dos países limítrofes, estão longe de precisar os acidentes geográficos, dos quais a grande maioria senão a totalidade são traçados a simples vista ou por informações, quando a fantasia dos cartógrafos não os levam à fraude de riscar a esmo para fazerem trabalho artístico, para fazerem edições *completas*.

As consequências disto, pode-se bem avaliar, são os desacordos entre os Tratados e o terreno. É a discussão entre os commissários dos dois países, é a paralização dos trabalhos até que os dois Governos resolvam o caso.

Em artigo de uma revista já tive ocasião de frisar este fato pouco conhecido que aquí pela oportunidade reproduzo,

MCD 2018

para responder triviais acusações de demora na execução das nossas demarcações de limites. É facil imaginar que a diplomacia poderá fazer obra melhor, mais precisa, na elaboração dos Tratados, mandando executar previamente cartas geográficas das zonas de interesse, com reconhecimentos completos bem difinindo o terreno. Tais trabalhos são, porem, muito, longos, duram muito anos.

Todos sabemos que os ajustes diplomáticos, são atos de oportunidade e deve-se notar que essas oportunidades diplomáticas são muitas vezes fugazes, de sorte que uma oportunnidade que se apresente para a negociação de um Tratado de Limites, que é tambem um Tratado de Paz, não deve ser perdida, sendo melhor resolver divergências parciais que possam surgir posteriormente na demarcação, que perder essas oportunidades.

Ressalta-se aquí um dos grandes valores das cartas geográficas e topográficas, aos quais devem-se juntar o militar, o industrial, o commercial, o viário, todos econômicos, todos valiosos.

Infelizmente no Brasil, com a sua vastidão territorial, ainda não dispomos senão escassamente de tais documentos, bastantes precisos para preencherem as necessidades.

A parte culta da nossa Nação não avaliou ainda o valor econômico dessas cartas e assim é que os empreendimentos para execução desse magno serviço teem se arrastado penosamente sem a eficiência necessária.

É que ainda não encontraram o apoio material suficiente da Nação e tambem o seu amparo moral decorrente de uma convicção segura da sua utilidade.

Assim justifica-se cabalmente algumas imperfeições dos Tratados de Limites e a demora, muitas vezes longa, que exigem as demarcações. Foi, por desconhecer essas circunstâncias que uma ilustre e alta patente do Exército, brilhante acadêmico que foi da Escola Militar da Praia-Vermelha, disse, com a ironia do latino, que os limites do Brasil são ilimitados.

RESUMO — *Temas pri komunikaĵo rilata al la laboroj pri la limigo, ĉe la Okcidenta Sektoro, inter Kolumbio kaj Brazilo, en kiuj ĝia klera aŭtoro, kiu estas altpatentulo de la nacia militistaro, ludis rolon je granda scienca reliefo.*

Li detale pritraktas pri la multnombraj malfacilaĵoj, kiujn la sovaĝa naturo de la Amazonas'aj arbaroj antaŭme-

MCD 2018

tas al la kuraĝo de la homo, ilin invadas kaj venkas. Liaj konsiloj, rezultintaj el longa sperto akirita en tiuj laboroj, malproksime de la civilizacio, batale kontraŭ la medio, preskaŭ ĉiam malamika, multe utilos al tiuj, kiuj venonte havos similan komision.

MCD 2018

MCD 2018

FIM SOCIAL DO URBANISMO

(Oração de mestre proferida pelo professor José Estelita, na abertura dos cursos da Escola de Belas Artes de Pernambuco)

O vocábulo Urbanismo, criado em 1912 pela "Sociedade Francesa dos Urbanistas", foi, durante algum tempo, considerado barbarismo.

Com o uso, adquiriu, posteriormente, "foros de cidade".

Hoje, é universalmente empregado, sendo mais expressivo que o termo alemão *Staedtebau, a* palavra inglêsa *Town-planning* e a norte-americana *City-planning*.

Por influência francesa, os italianos adotam a palavra URBANÍSTICA.

STAEDTEBAU quer dizer construção de cidades, TOWN-ctivos territórios. Operaram essas Comissões precisamente na PLANNING e CITY-PLANNING significam projeto de cidade.

As palavras alemã, inglêsa e norte-americana visam mais especialmente o fato material da edificação do núcleo urbano.

Ora, construir uma cidade, organizar um plano de cidade, são formas, aplicações do URBANISMO.

Esta disciplina apresenta-se-nos com um domínio muito mais vasto.

Engloba questões de tôda ordem, que interessam as aglomerações humanas, questões gerais e particularizadas, relativas à economia política, ao tráfego, ao comércio, à indústria, aos movimentos da população, à higiene, à arquitetura, à estética, à arqueologia, como também aos simples problemas de pavimentação, arborização e iluminação das ruas.

Por isso, o termo francês é mais compreensivo que o comumente utilizado na Alemanha, Inglaterra e Norte-América.

Os vocábulos que designam em francês, alemão e inglês a ciência das cidades não são sinônimos, prova de que cada povo tem o seu modo próprio de encarar e resolver o assunto.

AS FUNÇÕES DA CIDADE

O professor Agache costuma comparar uma cidade ao organismo humano. (1)

MCD 2018

No organismo urbano como no humanno, encontram-se anatomia e suas funções.

A anatomia da cidade é o seu próprio plano que a define: é o conjunto de terrenos, edificados ou não, a divisão dos quarteirões, os espaços livres.

As funções da cidade, eis o que é importante para o seu desenvolvimento.

A alimentação é, pode-se dizer, uma das funções mais interessantes dos modernos núcleos urbanos.

Muitas cidade européias possuem, na zona de contôno, campos de cultura onde se abastecem.

Os livros e as revistas alemãs nos trazem estudos, descrições, fotografias dos modernos *Siedlungen;* na Itália várias cidades já apresentam as *colonie rurali periferiche,* tendo o gogerno italiano construído ultimamente tres belíssimas cidades agrícolas, na zona saneada da Campina Romana.

Tratarei mais adiante dessas colônias ruraes perifericas, de que tanto necessitam as capitais brasileiras, maximé o Recife, onde a vida se apresenta em nossos dias reconhecidamente cara.

A *circulação* é o reflexo imediato do surto econômico; as avennidas, as ruas, as praças, precisam ser fiscalizadas de tal forma que não sejam surpreendidas pela intensidade do movimento.

Outra função: a *digestão*.

As cidades, como o gênero humano, necessitam eliminar as matérias inservíveis pelos sistemas de esgotos, organizações essenciais à higiene urbana.

Como o ser humano, a cidade deve digerir bem, ter rápida, completa e ordenada digestão, porque a intoxicação urbana, que provém de uma digestão má, é mais temível do que a congestão circulatória.

A *congestão,* sistema mórbido, para a cura do qual o único remédio é a remodelação, ao menos parcial, das praças e das ruas.

Ainda outra função: a *respiração*.

Para isto, é preciso reservar, nas cidades, os espaços livres e coletivos.

Velar pela *respiração* de uma cidade consiste em reservar para o futuro e distribuir, equitativamente, certas áreas de terreno, que permitirão encontrar para a coletividade, logo que a população se torne mais densa, tudo o que falta ao indivíduo.

Assim, será evitada a asfixia, estado mórbido, que se opõe à *respiração*.

MCD 2018

Os espaços livres destinados a jardins e parques não desempenham somente o papel de pulmões, nos núcleos urbanos.

Há outra finalidade digna de atenção.

Em inquérito entre os diretores de PLAYGROUNDS das cidades norte-americanas, chegou-se à conclusão de que o aumento de jardins e parques corresponde a uma diminuição sensível da delinquencia juvenil, acentuadíssima dentro na zona de acessibilidade dos pontos de divertimentos.

Justificando obras de remodelação urbana, que visam para a coletividade um mais íntimo contato com a natureza, os técnicos alemães costumam dizer:

"LEBENSART MACHT DEN MENSCHEN", isto é, o "modo de viver faz o homem".

A verdadeira política de supressão do crime não deve ser *repressiva* mas *expressiva;* deve-se procurar fazer normais e equilibrados os impulsos humanos.

No trabalho? Não. No recreio.

No último Congresso sobre matéria penal realizado nos Estados-Unidos da América do Norte, e a que compareceram figuras eminentes em Criminalogia, foi adotado por aclamação o princípio seguinte:

"O Congresso exprime a sua convicção de que o valor do recreio ativo e organizado precisa ser melhor compreendido por aqueles a quem incumbe o estudo dos problemas da criminalidade.

Se tôda cidade oferecesse meios adequados de recreio ao povo, muitas de suas tendências más poderiam ser corrigidas, e, ao mesmo tempo, se formaria o bom cidadão, sadio, moralizado e alegre". (2)

É conhecido que 80% dos crimes cometidos em New-York teem como autores indivíduos que possuem menos de 22 annos.

O diretor do conhecido Presídio de Sing-Sing declara que o único meio eficiente para prevenir a delinquencia é o desenvolvimento dos sistemas municipais de jardins, parques, zonas de recreio, mormente nos distritos congestionados, e a adoção de outros centros de reunião onde haja divertimento sadio e higiênico.

O recreio, é, pois, uma responsabilidade social tão grande quanto a escola.

Se a escola desenvolve o lado inteletual, o recreio desenvolve o lado social e moral.

O dever de quem dirige uma comuna é proporcionar à

MCD 2018

coletividade um sistema de recreio de valor social, isto é, recreio ativo e organizado para tôdas as classes e idades.

Para que o símile se apresente perfeito, o professor Agache vê na cidade um sistema nervoso, incluindo, nesta denominação, as communicações postais, telegráficas, telefônicas, que permitem a uma aglomeração crescer e estender-se, conservando sempre o contrôle e a coordenação dos movimentos.

Suponhamos uma cidade cujas funções se desenvolvam naturalmente; a alimentação, a circulação, a digestão, a respiração e o sistema nervoso, sejam perfeitos, e as casas construídas regularmente.

Será isto suficiente? Parece que falta ainda alguma coisa.

Se uma pessoa dispõe de forte musculatura, de um organismo que funcione regularmente, deve-se desejar que seja bela.

Para a alegria de viver, é preciso adicionar à saude o equilíbrio, tudo o que faz a beleza, isto é, a harmonia e as proporções.

É mister, pois, possuir uma estética urbana, como é preciso ter uma estética humana. (4)

DEFINIÇÃO DE URBANISMO

O Urbanismo é uma ciência recente, contemporânea por seu desenvolvimento, e que se nutre de quasi todos os conhecimentos humanos.

Em certos espíritos generalizadores aparece como uma Filosofia.

Alguns consideram-no uma Filosofia Social.

Se a Filosofia é a ciência da universalidade das coisas, o Urbannismo é bem uma Filosofia das ciências aplicadas.

Como ciência, tem por fim o emprego dos conhecimentos sociais de hoje à economia das cidades de amanhã; é a pesquisa e a coordenação dos meios que tendem a fazer de uma aglomeração humana um todo perfeitamente organizado.

O engenheiro entende de construção de estradas, pontes, prédios, portos calçamentos, abastecimentos de águas e redes de esgotos; o eletrotécnico entende de "tramways" elétricos, "subways"; o arquiteto entende da arte de projetar e erguer, isoladamente, edifícios; só merece, porém, o título de urbanista aquele que souber harmonizar, em conjunto, tôdas essas coisas de modo que elas possam funcionar simultaneamente, com a menor fricção, maior rendimento, melhor proveito e bem estar da coletividade.

MCD 2018

O que caracteriza justamente a atuação do urbanista é a visão de conjunto.

Raymundo Unwin já definiu o Urbanismo: A CIÊNCIA DE ESTABELECER A LIGAÇÃO ENTRE AS COISAS. (5)

Cumpre que em uma aglomeração haja respeito e tolerância mutuos, porquanto há um estreito contato de vizinhança.

Certa polidez deve existir entre os habitantes, isto é, certa *urbanidade*.

A mesma polidez deve existir entre as coisas; e à ciência que estuda o melhor modo de se conseguir esta polidez se chama Urbanismo.

CITY-PLANNIN IS COOPERATION, dizem os norte-americanos, "Urbanismo é cooperação", é tarefa da comunidade inteira.

Todo aquele que determina a forma ou uso de qualquer coisa, na cidade, é, dentro dêsse limite, um pequeno urbanista.

Um dos bons urbanistas que possuiu a Europa foi Howard, o celebre criador da CIDADE-JARDIM inglêsa.

O primeiro núcleo dêsse tipo foi Letchworth, construída por inspiração de seu autor.

O construtor foi Unwin.

Howard sem ser engenheiro ou arquiteto mas simplesmente sociólogo, escreveu o seu grande livro GARDEN CITIES OF TO MORROW, que se tornou clássico entre os profissionais da matéria.

Êle pesou as vantagens e as desvantagens da cidade e do campo.

Na cidade há o afastamento da natureza, aluguéis elevados, trabalho bem organizado mas que conduz à *surmenage,* sem contar com as tentações do álcool e as depravações.

No campo, a natureza delicia, há o verde das folhagens, ar puro, muito sol e área cultivável.

Mas os salários são exíguos, o confôrto não existe, nota-se a falta de iluminação, de distrações, as comunicações são difíceis, etc.

Howard estabeleceu que a solução social e econômica seria reunir em uma aglomeração as vantagens da cidade e as do campo, desfazendo os defeitos de uma e outra.

Inventou, assim, a CIDADE-JARDIM, organizada de modo a facilitar aos habitantes uma vida social perfeita, possuindo cada cidadão uma faixa agrícola, de que se torna proprietário por meio de pagamento de pequenas prestações, a prazo longo.

Howard tem o seu nome ligado a um sistema de organização urbana, que tem servido de inspiração a muitas iniciativas do mesmo gênero noutros países europeus.

MCD 2018

Bastou que êle tivesse a percepção perfeita do fenômeno social e uma larga visão de conjuto, para que idealizasse um novo tipo de cidade, que há de auxiliar a resolver, no futuro, o problema social, e que constitue uma das coisas mais encantadoras a se visitar na Inglaterra de nossos dias.

Comporta uma parte de intuição e uma de invenção.

Mas, se o Urbanismo é uma ciência, tambem é uma arte.

Se êle fôsse apenas uma ciência, diz um técnico francês, o problema das cidades se limitaria a livros e a fórmulas.

A experiência tem demonstrado que é impossível.

Tôdas as regras que a observação, o raciocínio e mesmo a experiência nos fornecem sobre o assunto, teem necessidade de ser adaptadas conforme os casos e os lugares.

Os conselhos, os *desiderata,* que os sanitaristas, os economistas, os engenheiros, os arquitetos, fornecem ao organizador de um plano de cidade, precisam ser traduzidos em beleza.

As necessidades concretas motivadas pela habitação em vizinhança imediata devem dar lugar a uma composição feliz.

Tudo isso constitue a parte do talento pessoal do indivíduo a quem estiver confiada a organização do plano, tudo isso comporta uma arte real.

Para ser urbanista completo, opina o professor Agache, é preciso sentir como um artista e poder exteriorizar, plasticamente, o quadro onde todos os efeitos sociais da vida se manifestam em imediata coordenação.

NOVA CONCEPÇÃO DO GOVÊRNO DA CIDADE

A organização da cidade supõe o que Pierre Lavedan chama ESPRIT D'URBANISME, isto é, uma disciplina espontânea ou imposta a abdicação do indivíduo em proveito das exigências coletivas.

Embora o Urbanismo seja uma ciência recente, essa abdicação é notada mesmo na antiguidade. (6)

O *espirito de urbanismo* nunca foi apanágio de civilizações requintadas.

Povos que alcançaram um alto grau de perfeição, cuja arte e a literatura foram florescentes, recusaram-se aos sacrifícios necessários, enquanto raças primitivas subordinaram-se docilmente a uma regra de conjunto.

Ordem urbana e cultura intelectual nunca marcharam junto, acrescenta Lavedan.

Entre nós, temos uma prova dessa afirmativa.

MCD 2018

A capital do nosso país gastou, faz oito anos, cêrca de 2.000 contos na confecção do plano Agache, e ainda hoje se desenvolve sem regras de conjunto.

Não é exagêro dizer-se que talvez o nosso Recife resolva o problema antes mesmo que o Rio.

No século XI apareceu outra coisa nova, que Lavedan denomina *esprit citadin*: a idéia de que a cidade possue caracteres morais e sociais diferentes dos da aldeia. (7)

Administrativamente, é um direito particular; moralmente, é um outro gênero de vida: costumes burgueses, espírito de sociabilidade mais refinado, menos simplicidade, uma vida mais nervosa, a procura do confôrto e do prazer.

Nos dias correntes, a cidade é um fenômeno demasiadamente complexo.

A cidade moderna, tentacular, industrial, cosmopolita, é um problema multifário; imenso e variado de estudo e experimentação para o sociólogo, o economista, o jurista, o legislador, o político, o engenheiro.

RobertoPark, professor de Sociologia Urbana na Universidade de Chicago, considera a cidade moderna, tentacular, um mosaico de pequenos mundos que se tocam mas não se interpenetram.

Uma das faces mais sérias a encarar é a que se refere ao govêrno e administração.

Raras são as capitais brasileiras que não vivem, financeiramente, desequilibradas, porque se julga, entre nós, que o problema urbano é exclusivamente do domínio do técnico em engenharia, quando, na realidade, é tambem do domínio do técnico em finanças.

A própria Prefeitura do Rio, que tem 108 técnicos, entre engenheiros e arquitetos, com as suas dívidas colossais, é uma vítima dessa má orientação.

Na Itália, os planos de cidade são postos geralmente em concorrência pública, e, nos editais, o govêrno exige a apresentação de um estudo financeiro completo, que justifique as idéias do autor.

A injunção do estudo dos meios, previsto o prazo de 25 anos, tem a vantagem de criar obstáculos ao capricho individual e à fantasia dos projetistas.

Um traçado de sistematização urbana é organizado, assim, dentro de bases reais.

No último Congresso de Urbanismo realizado nos Estados-Unidos, dos poucos rtabalhos apresentados 8 versaram sôbre questões financeiras.

MCD 2018

Na América-do-Norte, já se prega a doutrina que uma cidade deve ser administrada como uma corporação de negócios.

O professor Anhaia Melo, da Escola Politécnica de São-Paulo, nos diz que antigamente o negócio das cidades era govêrno, hoje o govêrno das cidades é negócio. (8)

Porque chamar governo, pergunta aquele professor, as atividades de construção de calçamentos, abastecimento de carne verde, direção dos serviços coletivos, água, gás, esgotos, *tramways,* força e luz elétrica?

São negócios, *business operations,* em toda a latitude do têrmo.

A cidade é, em primeiro lugar, um organismo econômico.

O seu complexo — avenidas, casas, fábricas, oficinas, transportes, etc. — é um instrumento de trabalho cujo principal escopo é funcionar bem e economicamente, e não exclusivamente "parecer belo".

A Suprema Côrte do Estado de Flórida, em caso forense, decidiu do seguinte modo:

> *"Nenhuma função municipal deve ser governativa. Uma cidade não deve ser uma subdivisão política de um Estado, não deve ser um govôrno mas um diretorio comercial e de negócios dos interêsses públicos locais".*

A Suprema Côrte de Florida falou dessa forma sem ter a mais ligeira idéia dos graves embaraços burocráticos que estorvam a marcha dos papéis públicos nas municipalidades brasileiras...

O URBANISMO RURAL COMO SOLUÇÃO AO PROBLEMA DO "CHÔMAGE"

Não é mais admissível, em nossos dias, que uma cidade, organismo econômico, se apresente como um gigantesco e absurdo mecanismo fechado em si mesmo, no meio de incultas regiões.

O campo, por todos os motivos, deve envolvê-la, cada vez vez mais populoso, fértil, cultivado, rico de centros de vida menores.

Alguns técnicos preferem que a cidade seja levada para o campo, e a sua divisa é: URBS IN RURE.

MCD 2018

ento das zonas alagadas, que, de tão
moradias nas proximidades.

O AGRO-PONTINO mede cêrca de 800 quilômetros quadrados, e foi conquistado pelos romanos no século IV antes de Cristo.

Dessa região é que nasceu a palavra de origem italiana MALARIA (*male* — mau, *aria* — ar, mau-ar), pois, não se conhecendo o modo de transmissão da moléstia, havia a suposição que teria o paludismo a pessoa que apenas passasse perto das lagoas e respirasse o ar envenenado.

Ruskin, notavel crítico de arte e escritor inglês, em seu livro PÁGINAS ESCOLHIDAS, pinta em côres impressionantes o aspecto lúgubre e doentio com que se lhe apresentara a Campina Romana. (11)

Quem conhece a literatura italiana sabe que foi histórica a insalubridade daquele território sezonático.

Os próprios clássicos latinos fizeram menção à virulência das febres alí adquiridas.

Vergilio, Horácio, Ovídio, Sílio Itálico cantaram em prosa e verso o flagelo.

Os papas Sisto V e Pio VI, o primeiro entre 1.586 e 1.589, o segundo em 1.777, empenharam todos os esforços para sanear a zona pontina, sendo infrutíferas as tentativas.

Em 1810 foi nomeada uma comissão de profissionais de que fêz parte o célebre engenheiro hidráulico francês M. De Prony.

Com a quéda de Napoleão dissolveu-se a comissão técnica sem resultados satisfatórios.

Entre os estudos efetuados, os da autoria de De Prony, publicados em París em 1818, podem ser considerados fundamentais. (12)

Pouco realizou, nesse assunto, Pio VIII e menos ainda conseguiu objetivar Gregório XVI.

Na epoca da vitória fascista os *Paludi Pontine* encontravam-se na mesma situação deixada 400 anos antes por Leão X.

A antiga região do Lácio continuava a desafiar a ciência e a técnica dos governos.

A literatura de bonifica não se iniciou senão depois da guerra européia de 1914.

BONIFICA ou BONIFICA INTEGRALE quer dizer, sinteticamente, em italiano, obras hidráulicas, drenagem, dragagem, retificação de rios, irrigação, construção de canais, atêrro de alagados e pântanos, serviços de abastecimento de águas e esgo-

MCD 2018

guir uma política que tenha em mira uma distribuição equitativa das energias humanas e productoras.

A atividade urbanística de hoje se enquadra neste programa econômico-social.

O quarteirão rural periférico, a cidade agrícola, a cidade-jardim, novas formas de elemento urbanístico, nasceram, exatamente, no âmbito dessas idéias para auxiliar o gradual descongestionamento dos grandes núcleos, marcando o início de um movimento muito vasto do "rumo ao campo". (10)

RITORNO ALLA TERRA! é grito do govêrno italiano, condenando por todos os meios o congestionamento das metrópoles, como fenômeno prejudicialíssimo à estética e à higiene das cidades, à saude física da raça à economia geral do país.

Em discurso proferido perante os agricultores premiados na "batalha do grão" (BATTAGLIA DEL GRANO), o Duce assim se expressa.

"O tempo da política exclusivamente urbana já passou. Quasi todas as cidades européias teem gasto somas fabulosas nas suas sistematizações e embelezamentos.

Embelezamentos, alguns úteis, outros supérfluos.

Agora é o tempo (o grande tempo!) de dedicar milhões ao campo, se quisermos evitar aqueles fenômenos de crise econômica e de decadência demográfica que já angustiam horrivelmente outros povos".

AS OBRAS DE "BONIFICA" DA CAMPINA ROMANA E SEU ALCANCE SOCIAL

O Govêrno italiano está cumprindo à risca o seu programa.

As novas cidades agrárias de Littoria, Sabaudia e Pontinia são iniciativas admiráveis, dignas de ser imitadas por um país como o nosso, eminentemente agrícola.

Roma, Nápoles, Turim, Milão e outras importantes cidades viviam, há dois decênios, como o Recife de nossos dias: superlotadas por uma população indolente, desocupada, descrente do futuro, habitando, não raro, casas coletivas cujos apartamentos eram talvez peores que os nossos mocambos.

Nos arredores de Roma havia as *Lagoas Pontinas,* que, durante dois mil anos, desafiaram a boa vontade, a ciência e a técnica dos governos.

Todos os imperadores tentaram improficuamente o saneamento daqueles pântanos colossais.

Quasi todos os papas intervieram, no sentido de interessar

MCD 2018

Outros julgam que o campo deve ser trazido para a cidade, e adotam o lema: RUS IN URBE.

A descentralização para as cidades satélites, de caráter agrícola, é a idéia mais aceitável e que resolve o caso dos núcleos supercongestionados.

URBE IN RURE é o princípio hoje geralmente seguido pelos govêrnos italiano, inglês e alemão, como auxílio à solução do problema social.

Começa a desenvolver-se, nos dias atuais, um outro Urbanismo, aberto e longitudinal, que se contrapõe ao Urbanismo denso e vertical dos centros metropolitanos.

Com a criação do Urbanismo rural, o homem procura voltar-se, definitivamente, para a terra, para a natureza, procura substituir a selva primitiva pelas culturas inteligentes e, ao mesmo tempo, educa, civiliza, organiza, disciplina o mundo botânico.

Senhor dos segredos agrícolas, o homem realiza as grandes culturas pelas quais atinge à abastança, à riqueza, à liberdade, à felicidade.

Pela feliz unidade das concepções de conjunto e íntegra modernidade dos princípios, êsse novo Urbanismo opõe-se ao geralmente adotado nos planos diretores das cidades históricas, onde, na frase de Piacentini, as condições existentes, os interêsses particulares e a tradição constituem graves obstáculos às mais geniais iniciaitvas. (9)

O centripetismo das populações e, consequentemente, o desemprêgo, são fatos tão comuns e prejudiciais no Brasil como o são nos países civilizados de outros continentes; são fatos intimamente ligados e provenientes das mesmas causas.

A aglomeração nos grandes centros alem dos danos bem conhecidos, como o aumento do coeficiente tanatológico, a diminuição da taxa de natalidade, etc., conduz a uma situação que faz as oscilações industriais repercutirem no campo social de maneira profunda e duradoura.

Os períodos em que a indústria atravessa uma crise são acompanhados de um aumento de desocupação.

O operário sem emprêgo, tendo perdido o contato com a terra e os trabalhos agrícolas, e não sabendo achar fora do campo industrial os meios de existência, vem agravar com a sua família o orçamento das metrópoles.

Para eliminar esta causa profunda de perturbação, urge uma união simbiótica entre a agricultura e a indústria com o fim de estabelecer um ajuste duradouro de mútuo equilíbrio entre as duas atividades fundamentais do homem, procurando se-

MCD 2018

tos, construção de rodovias, de vilas o[illegible]
colas, enfim, cultura completa das zonas [illegible]

No têrmo BONIFICA INTEGRALE estão envolvidos todos os serviços técnicos que podem direta ou indiretamente proporcionar o rendimento máximo dos campos.

Por *bonifica integrale* compreende-se o complexo de obras rurais necessárias à provocação de uma nova ordem no aproveitamento do solo, e que melhor responda aos fins econômicos, sociais, moraes e políticos, da nação.

Saneando com os aperfeiçoamentos da engenharia moderna a Campina Romana e sobre ela construindo as cidades agrárias de Littoria, Sabaudia e Pontinia, o governo italiano fêz belissima obra de BONIFICA INTEGRALE.

EXEMPLOS A SEGUIR NO RECIFE

O problema de habitação popular e do desemprêgo, no Recife, deve ser resolvido como se está procedendo nos países apontados.

É uma necessidade a criação de colônias rurais periféricas, de cidades agrícola, que resultados satisfatórios estão oferecendo no estrangeiro.

A Itália, como vimos, oferece um exemplo digno de ser imitado.

A insalubridade de zonas destinadas às plantações exigiu do govêrno esforços ingentes no atêrro de lagoas que desafiaram a boa vontade e os conhecimentos higiotécnicos de muitas gerações.

A natureza foi mais pródiga para conosco.

Não necessitamos de obras rigorosas de BONIFICA, nas regiões a utilizar para o plantio.

Com uma orientação racional, o Recife não será a cidade do Brasil de vida mais cara, como realmente o é, conforme dados numericos da Diretoria Geral de Estatística de Pernambuco.

Olhemos com carinho para as nossas fontes de produção e nossa agricultura.

Isto não significará indiferença pelas obras em curso de remodelação urbana.

Seria um êrro inominável desdenhar as reformas edilícias em andamento.

A pesar disso, é justo perguntar: de que nos serve o embelezamento de nossas principais avenidas, o asseio apurado das ruas centrais, o luxo dos palácios da administração pública, os

MCD 2018

obismo de nossos palacetes particulares, a qui-
o poder público sos cais de embarque, o aparelhamento mo-
palustres, não sso Pôrto, enfim, de que nos serve todo êsse pr. sso urbano, se uma grande parte da população vive em míseras casas lacustres e não tem o que comer?

Ao lado do Urbanismo vertical nas zonas centrais e ricas da cidade, carecemos também do Urbanismo rural, para que a nova ciência e arte de organização das aglomerações humanas, tenha, entre nós, a sua perfeita finalidade social.

Pensar que a solução do problema do mocambo consiste simplesmente em demolí-lo, é uma utopia.

Não se resolve definitivamente a questão apenas demolindo mocambo: resolve-se, sim, fazendo desaparecer o mocambo, mas deslocando o mocambeiro para trabalhar em colônias agrícolas.

Nesse assunto, temos de seguir muito de perto o que estão fazendo povos de experiência mais larga que a nossa.

Outra não é a orientação na Itália, Alemanha, países escandinavos, Inglaterra, etc.

Os alemães dão à colônia agrícola o nome "IEDLUNG, palavra formada do verbo *ansiedeln,* que significa fixar-se, estabelecer-se, domiciliar-se.

É o que justamente nos cumpre fazer: deslocar gente desocupada e fixá-la, definitivamente, em casas higiênicas, nas zonas de fácil cultura agricola.

O *Siedlung,* instituição do após-guerra, nasceu para combater a especulação do solo, a casa coletiva (MIETSKASERNE) e para exigir o máximo de alargamento (AUFLOCKERUNG) nos espaços não edificados das cidades.

É estabelecido que o lar seja independente, cercado de jardins, tendo uma pequena faixa de terra cultivável.

Lendo-se SIEDLUNGSKUNDE, a parte da Antropogeografia que se ocupa com os estudos de colonização, verifica-se como tem sido útil ao país o moderno Urbanismo rural, como êle tem procurado resolver o problema social de um modo lógico, definitivo e humano. (13)

O atual Prefeito de Recife já tem mostrado pela imprensa o desejo de criar, nos subúrbios, núcleos agrícolas, com orientação moderna, destinados a dar trabalho honesto a centenas de pessoas sem ocupação e a abastecer a zona central de legumes, hortaliças, verduras, frutas, etc.

A orientação do Chefe do Executivo, nesse particular, é muito louvável e enquadra-se, perfeitamente, nas diretrizes que

MCD 2018

hoje veem seguindo as administrações das principais cidades do mundo.

O descongestionamento desta capital, o aproveitamento na lavoura, dos desempregados e a sua fixação ao solo, enfim, a objetivação do RITORNO ALLA TERRA, italiano, a construção do SIEDLUNG, alemão, é, talvez, uma das mais sérias questões a ser encarada pelo Conselho Legislativo e de Economia do Estado.

Tudo isso está a merecer leis bem estudadas sôbre o assunto.

Trata-se de uma questão que envolve a mais ampla assistência social, que está a exigir o concurso, a boa vontade, sobretudo o espírito de renúncia dos nossos industriais, dos cidadãos abastados, que fizeram fortuna à custa do pequeno trabalhador.

Muito se poderá conseguir, sem coação, dêsses bons brasileiros, a quem não faltará patriotismo e conciência cívica.

O DEUTSCHE ALLGEMEINE ZEITUNG, que se edita em Berlim, exalçando o saneamento das Lagoas Pontinas e a construção da cidade agrícola de Littoria, declarou que uma obra tão gigantesca não teria sido possível em países onde o govêrno depende de Parlamento e da álgebra das maiorias.

Êsse trabalho de *bonifica,* diz o jornal, constitue uma condenação absoluta e definitiva do Parlamentarismo.

"Uma obra dêsse porte só foi possível porque há um hopovo que obedece às suas ordens".

Precisamos, sob as influências benfazejas do Estado Forte, seguir, no Brasil, o lema do Duce, se quisermos engrandecer o território pátrio:

"RISCATTARE LA TERRA
E CON LA TERRA GLI UOMINI
E CON GLI UOMINI LA RAZZA"...

"Rasgatar a terra
e com a terra os homens
e com os homens a raça"...

BIBLIOGRAPHIA

1) — Prof. Agache — *Les grandes villes modernes et leur avenir*
2) — Prof. Anhaia Melo — *Problemas de Urbanismo*

MCD 2018

3) — Prof. Agache — *Cidade do Rio-de-Janeiro — Remodelação — Extensão e Embelezamento*
4) — Prof. Agache — *Ob. cit.*
5) — R. Unwin — *Town — Planning in Practice*
6) — Prof. P. Lavedan — *Histoire de l'Urbanisme*
7) — Prof. P. Lavedan — *Qu'est-ce que l'Urbanisme?*
9) — Prof. M. Piacentini — *Sabaudia — Revista Architettura — Junho* 1934
10) — F. Fariello — *Le Colonie Rurali Periferiche — Revista Arcritettura — Outubro de* 1937
11) — Ruskin — *Pages Choisies*
12) — De Prony — *Desséchement des Marais Pontins*
13) — R. Mielke — *Die Entwicklung der doerflichen Siedlungen.*

RESUMO — *Ĉe la malfermo de l' kursoj de la Belarta Lernejo el Pernambuco profesoro José Estelito faris tiun ĉi gravan paroladon pri urbanismo. Ekzameninte ĉion plejmodernan pri tiu inĝenierarta fako li ne kontentiĝis fari simplan didaktikan ekspozicion, sed ankaŭ disvagadis prezentante proprajn opiniojn kaj solvojn, kiujn li trovis esti aplikotaj al la medio, en kiu li vivas. Ripetante difinojn, ilin analizante kaj elmontrante sian punkton la profesoro donis majstran lecionon al sia aŭdantoro.*

MCD 2018

MCD 2018

ERROS A CORRIGIR NA GEOGRAFIA DO PARÁ

Dr. Saladino de Gusmão
(Da Soc. de Geografia e Academia Carioca de Letras)

(Conferência proferida na Sociedade Carioca de Educação, em 19 *de Setembro de* 1933).

Exmas. senhoras.
Meus senhores.

Eu vos direi de início, à guisa de explicação, que Suess, grande geógrafo-geólogo, ao escrever a introdução de seu livro magistral *A Face da Terra* (*Das Antlitz der Erle*), imaginou que um observador, do seio do espaço celeste, pudesse afastar as faixas de nuvens escuro-avermelhadas que empanam a atmosfera e contemplar a superfície do globo, tal qual êle se apresenta no curso de uma rotação diurna.

Também Selma Gerlof, eminente educadora, na sua preciosa obra *A viagem maravilhosa de Nils Holgerson através da Suécia* (*Le merveilleux voyage de Nils Holgerson à travers la Suède*), imaginou, como mistério de fada, que um menino houvesse montado num ganso bravo e, em vôo, descrevesse o seu país, a cada passagem por cidades e povoações, montes e vales, canais, rios e lagos, cabos e promontórios.

Ainda o pranteado engenheiro Dr. Henrique Santa Rosa, a figura mais representativa do Pará, nos últimos tempos, usou de quáse idêntico método para recitar a sua brilhante conferência sôbre a *Amazônia Paraense,* com a apresentação das riquezas e maravilhas de seu Estado.

O conhecimento dêstes livros chegou-me quando já estava delineada e escrita esta conferência, que também será dita do alto. Não me permitiram afazeres traçar novos rumos; não há imitação, talvez coincidência. Eu vos convido, pois, a viajar pelo céu paráense, embarcando comigo num dêsses transportes modernos aéreos, que a ciência distingue pelos princípios que os apoiam: avião ou zeppelin, mais pesado ou mais leve do que o ar.

MCD 2018

O assunto da palestra — "Êrros a corrigir na geografia do Pará", proporcionar-me-á ocasião de apresentar ao ilustrado auditório, de permeio aos pontos a discorrer, o grande Estado setentrional, parte importante da *Hylaea* amazônica, opulenta e incomparável.

Estamos embarcados e já pairamos à embocadura do rio Gurupí, limite do Estado pelo lado oriental.

Aurora equatorial.

Do alto mar, vem fresca e suave a briza e na fímbria do horizonte, longínquamente, bruxoleia a claridade, precursora da aurora equatorial, que se anuncia envolta em jorros de luz e ouro!

Em tôrno, o céu começa a iluminar-se e radiosa manhã festiva abre a Natureza à vida. Desperta a terra humosa e fértil, sacudida pelos pipilares, piados e gorgeios da passarada, oferecendo a face aos beijos sempre fecundos do Sol, eterno apaixonado!

Das outras bandas, ouve-se a canção saudosa do sabiá, modulada do alto das palmeiras, perdidas nas lindas praias sem fim, que o maior cantor lírico equatoriano imortalizou em rimas de cristal.

No céu azul e sem igual, que outro sonhador chamou de anil, surgem e deslizam ràpidamente manchas vermelhas, como se fôssem o sangue de planetas chocados no espaço celeste; são bandos de guarás, que se levantam do pouso noturno e reiniciam a peregrinação de todos os dias. Atrás, distende-se um rosário ainda rubro, conta após conta; são os retardatários, eternos perturbadores da harmonia de tôdas as sociedades...

O movimento se accentua e o dia ascende com o encarto da música selvagem.

Rio Gurupi.

Penetremos no rio; esta é a cidade de *Vizeu,* fundada pelos jesuítas nos tempos das missões, para vigilância das comunicações entre *Belém* e *S. Luís do Maranhão;* essa, é a próspera vila de *S. José do Gurupí,* com estações telegráfica e telefônica; aquelas, as povoações de *Bela Aurora, Gamiranga, Colônia, Curucáua, Glória, Itamaratí, Marianica.*

Os brancos lençóis de espuma que se vê esvoaçando, como véus de noiva, são as neves perenes das cachoeiras, cujas águas revôltas marulham roucamente entre rochas e fraguedos, espa-

MCD 2018

danando cèleremente. É nessa região que sobeja o ouro, em veeiros e aluvião, de combinação com a *chalcopirite* e a *coprite*. Nos leitos pedregosos, dos afluentes, vêem-se *turmalinas, granadas, opalas, rubís* e no igarapé da Cachoeira de Baixo, tributário do rio Macaco, como também no rio do Peixe, que o é do Gurupí-mirim e êste por sua vez do rio Piriá, são encontrados o *manganez,* o *titânio,* o *níquel,* a *platina* e a *bauxita.*

Aquela elevação, são os *Montes Áureos,* guardadores impertérritos de célebres minas, que seduziram famosa empresa à instalação de poderosos aparelhos em seu seio, para dêle arrancar a riqueza avaramente guardada. Mas a ambição, aliada à deshumanidade do europêu, levou o amerígena à expulsão do intruso, reivindicando seu direito à terra e à liberdade.

Rio Pará.

Regressemos à embocadura e acompanhemos as intérminas praias da região do *Salgado,* denominação advinda da mistura das águas fluviais com as marítimas, tornando-as salubres.

Aquelas canôas de vélas pandas e enfunadas, são as *vigilengas,* embarcações apropriadas à navegação em alto mar, que andam à pesca, a faina de todos os dias. O nome vem da cidade de Vigia, ponto de convergência dos veleiros.

Eis aí a cidade de *Bragança,* ponto terminal da estrada de ferro do mesmo nome, que vem da capital; ali, *Salinas, Quatipurú, Maracaná, Marapanim, Curuçá, S. Caetano de Odivélas, Colares* e *Vigia.*

Êste largo estuário que temos acompanhado, os compêndios de Geografia dizem ser uma das embocaduras do rio Amazonas, chamada canal do Sul, simplesmente porque parece que a ilha de Marajó, atalaia à fóz da grande corrente, divide a imensa caudal. Eis o *primeiro êrro a corrigir.*

O estuário é o caudaloso rio Pará, que forma a secção fluvial do sul e de léste da ilha, desde a baía de Goiabal até a ponta de Tijóca e o cabo Magoarí, onde lançam suas águas: o rio Tocantins; os diferentes rios e igarapés que desembocam nas baías de Melgaço, Portel e Bôcas; os rios Mojú, Acará, Guamá, Capim, Guajará, etc., e os que escôam pelas baías de Guajará, Santo Antônio, Sol e Marajó. Certamente concorrem também águas do rio Amazonas, através um labirinto de canais, Tajipurú, Macacos, Jaburú, Furo da Companhia e centenas, que não podem pretender supremacia ou superioridade. A acção ininterrúpta dessas águas, pelo lado de dentro, e a acção corrosiva do oceano com suas marés, pelo lado de fora, alargaram

MCD 2018

contìnuamente os canais por onde escoavam, até separarem definitivamente a parte do continente que veio a tornar-se ilha e denominar-se *Marajó*.

Agassiz demonstrou que o Oceano, separando a ilha de Marajó, reproduziu séculos depois o mesmo fenômeno em *Caviana,* destacando esta daquela, e, mais modernamente, dividindo-a ao meio. Os elementos continuam na sua faina quotidiana; o Oceano tende sempre a penetrar, destruindo as terras, formando bancos e deltas com as matérias carreadas pelos rios, que são forçadas a depósito.

O engenheiro paráense Otaviano Pinto, em seu livro *Hidrografia da Amazônia,* cita opiniões probantes de que desde os tempos coloniais o rio Pará não era admitido como fóz do rio Amazonas e tais são:

1ª) Carta régia de 13 de Abril de 1633: "A Capitania do Pará começa no rio Maracaná, cortando pela ponta dêle, pela *bôca do Pará acima* e pelo primeiro braço do mesmo rio", etc.;

2ª) La Condamine — *Relation d'un voyage fait d'un l'interieur de la Amérique Méridionale*: "Só em presença de um mapa se pode ter uma idéia exata da cidade de *Belém,* num ponto onde concorrem tantos rios, e declarar que não é sem fundamento que seus habitantes estão longe de acreditar que se acham na margem do Amazonas, *da qual é verosímil que nem uma gôta d'água banha os pés do cáis*";

3ª) Henry Walter Battes — *A Naturalist on the river Amazon*: "Observei já por várias vêzes, passando por aqui, que o fluxo da maré ao longo do estuário, assim como acima de *Breves,* era muito forte. Isto parece provar, suficientemente, que não é considerável o volume d'água que é desviado do rio Amazonas para o *rio Pará* e que a opinião de certos geógrafos, que pensam ser o rio Pará uma das bôcas do rio Amazonas, *é errônea*";

4ª) Barão de Marajó — *Regiões Amazônicas*: "Penso que a embocadura do Amazonas é a que tem a sua parte extrema no canal entre a costa de Macapá e as ilhas de *Mututí* e *Marajó.* Quanto às águas que correm entre a face oposta da ilha de Marajó e as terras em que estão situadas *Belém* e *Vigia,* eu não as considero como um braço do Amazonas, não só porque é pequena a quantidade das águas dêste que correm pelo *Tajipurú, Aturiá* e *Jaburú,* comparativamente à grande massa de águas do Amazonas, como também em relação ao grande volume das águas fornecidas pelos rios *Jacundá, Pracajá, Pracuúba* e *Tocantins,* que, com as que são dadas pelos rios da ilha de Marajó, o *Guajará,* o *Mutuacá,* o *Piriá,* o *Canaticú,* etc., formam a quá-

MCD 2018

se totalidade das águas que veem lançar-se na baía *Goiabal,* seguindo para o mar depois de engrossada ainda pelos abundantes tributos do *Mojú, Acará* e *Capim.* Emquanto no ramo que banha a costa ocidental da ilha de Marajó existe sempre uma forte corrente para o mar, no ramo de que me ocupo e que querem considerar como segundo braço do rio Amazonas, o fenômeno oposto é observado, — a corrente varia com as marés."

O melhor argumento, fácil, curto e incisivo, de modo a não permitir mais dúvida, é que o *regime* das águas do rio Amazonas é *fluvial,* emquanto que o das águas do rio Pará é *marítimo;* daí, a impossibilidade de ser êste uma segunda embocadura daquele.

Cidade de Belém.

Esta é a *baía de Marajó,* cavada no continente, tôda percorrida pelos fortes ventos alísios que veem de léste, aliados aos que veem do norte, consórcio que desde o estuário passa a ter o nome de Marajó, por soprarem destas bandas com quáse pontualidade, depois das quatorze horas, às vêzes arrastando núvens que se desfazem em chuvas rápidas e copiosas.

A ilha de *Tutuóca,* à entrada do rio Guajará, é sentinela avançada da ridente capital do Estado, que se debruça à margem direita, entre pompas e galas variadas, que a Natureza lhe prepara todos os dias.

Ao referir-me à minha terra, é natural que ao carinho de filho sinta a saudade conseqüente a prolongada ausência; empresto, pois, ao naturalista Herbert Smith — *The Amazon and the Coats,* opinião mais valiosa: "Esta é uma cidade com destino manifesto: cidade de futuro, que ainda há de enriquecer o mundo com o seu comércio. Quem sabe se alguma vez não virá ela a ser a verdadeira metrópole do Brasil? Assim eu suponho. O Rio de Janeiro está afastado do mundo comercial algumas bôas cinco mil milhas de Nova-York e ainda mais longe da Europa. O Pará está mais perto de quáse a metade daquela distância... com magnifícas comunicações por água, através o coração do continente. E êste vale, se o povo o soubesse! É a parte mais rica da América do Sul. A cidade do Pará tem o seu título de nobreza: — pela sua situação, ela é a *rainha do Amazonas!*"

Rio Tocantins.

Eis o rio Tocantins, do qual James Orton — *The Andes and the Amazon,* disse: "... regar a região de mais delicioso

MCD 2018

clima do Brasil, correndo sôbre um leito de diamantes, rubis, safiras, topázios, opalas, ouro, prata e petróleo."

A cidade que ali vemos, à margem esquerda, é *Cametá,* a setenta e seis quilômetros da fóz; as outras são *Mocajuba, Baião,* à margem direita, e as povoações de *Tocantins, Limoeiro, Pacajá, Cupido, Parijós, Carapajó, Patos, Alcobaça,* donde partiu a malograda Estrada de Ferro Araguaia-Tocantins, e, por último, *Marabá* e *S. João de Araguaia,* na confluência com o rio Araguaia.

Elevemos o aeroplano e divisemos as nascentes dos dois rios, os seus desenvolvimentos, larguras e descargas; o rio Araguaia é mais extenso, tem maior volume d'água e mais largura, de modo que o rio Tocantins lhe usurpa a soberania, avassalando-o como tributário, arrancando-lhe a corôa e o trono. Da nascente à fóz, tem o rio Tocantins um desenvolvimento de 2.640 quilômetros, ao passo que o rio Araguaia, por heresia geográfica tido como seu afluente, tem 2.627 quilômetros sòmente até a confluência!...

Êsse *segundo êrro* também não pode subsistir; devemos reduzir o Tocantins às suas proporções e restituir ao Araguaia o que lhe pertence de direito, a condição que é sua de rio principal; mas, se não quisermos alterar tão profundamente denominações já consagradas, demos a de Tocantins ao trêcho da confluência à fóz e lembremos outro nome amerígena ao trêcho da nascente à confluência.

A vassalagem do Tocantins, mesmo assim privado de grande extensão, será enorme ainda; muitos são os afluentes de ambas as margens que lhe proporcionam um grande trono, sem mentira à geografia...

Sem embargo de acatadas afirmativas — e aqui está o *terceiro êrro,* o rio Tocantins não é tributário do rio Amazonas, como ainda ensinam alguns compêndios. Já no passado século dizia o eminente médico paráense Dr. Francisco da Silva Castro:

"Uma simples vista de ólhos sôbre as posições hidrografi-
cas do Amazonas e do Tocantins, separados um do outro por uma zona de terra de mais de quarenta léguas de largura, faz conhecer que muito errados teem andado os geógrafos que supõem ser o Tocantins um afluente do Amazonas. E não admira, porque todos êles não tendo visitado o país e atraídos pelo entusiasmo que lhes excita a majestosa opulência do grande rio, não hesitam em render-lhe cultos, emprestando-lhe uma bôca de sessenta léguas de largura, desde a ponta de tijóca até o cabo do Norte, e sacrificando-lhe por vassalo o Tocantins, sòmente

MCD 2018

porque êste rio teve a audácia de arrojar suas águas na mesma região assombrada pelo Amazonas! Não... as águas do Tocantins correm separadamente pela orla meridional da grande ilha de Joanes ou Marajó e as do Amazonas banham a orla setentrional da mesma ilha, sem jamais se confundirem. Se por afluente de um rio se entende aquele outro que com suas águas vai engrossar as do primeiro, é antes o Amazonas que se deve considerar afluente do Tocantins, porque, pelos dois canais de Tajipurú e de Breves, êle envia uma porção de suas águas às baías de Melgaço e de Breves, prolongamento da de Marajó, por onde se deslizam as águas do Tocantins. Se mentalmente se faz abstração da ilha de Marajó, ter-se-á uma larga e profunda enseada, cuja bôca ou corda, tirada pela ponta da Tijóca e pelo cabo do Norte, terá pròximamente sessenta léguas. Pelo ramal setentrional da curva anseática, isto é, pela costa de Macapá ao cabo Norte, despeja o Amazonas suas águas em direção a banhar esta mesma costa; pelo ramo meridional, isto é, pela costa da Capital até Tijóca, despede o Tocantins as suas, em direção quáse paralela à do Amazonas, pois que, correndo aquele S. a N., inclina-se para N.E., desde a cidade de Cametá até a sua fóz, em uma extensão de quarenta milhas, ficando os leitos dos dois rios distantes, um do outro, mais de quarenta léguas, na mais curta distância. A ilha de Marajó, colocando-se precisamente entre os dois rios, nêste espaço de quarenta léguas, e prolongando-se até a corda ou bôca da enseada, completou a separação, vedando até a permixtão das suas águas, mesmo no oceano."

Paul Lecointe acrescenta: — "A corrente do Tocantins, não tendo sido bastante forte para repelir os depósitos aluviários que se acumularam em frente à embocadura, obstruíu-se pouco a pouco e, assim recalcado, o rio não demorou em romper a fraca barreira que lhe opunha a largura da terra, cada vez mais estreita, que a separava do oceano e na qual êste já tinha alargado e aprofundado a bôca de alguns riachos, como acontece em nossos dias, em que êle talha e aprofunda aberturas em tôda a costa, desde a Vigía a S. Luís do Maranhão. O Tocantins abriu assim uma saída direta para o Atlântico e abandonou gradualmente o seu antigo leito; depois, as enormes quantidades de limo, provenientes de uma imensa bacia, depositaram-se principalmente na zona onde se equilibraram a fôrça da corrente do Amazonas e a fôrça contrária da maré, subindo fàcilmente o novo estuário; a separação tornou-se cada vez mais completa entre os dois rios. Em conseqüência, os rios *Anapú, Pacajá, Jacundá,* etc., foram obrigados a infletir as suas

MCD 2018

curvas para léste, juntando-se ao Tocantins. A parte do vale do Amazonas na qual êles desaguavam antigamente está claramente indicada pela região baixa, de lagunas e baías, cortada de furos e pelas expansões lacustres que formam nas suas embocaduras atuais (baías de *Caxinauá,* de *Portel* e de *Melgaço*), onde não se faz sentir absolutamente a influência do Amazonas, mas sòmente a das marés do Pará."

Labirinto.

Nesta digressão geográfica, deixamos à esquerda as cidades de *Oeiras, Bagre, Portel* e *Gurupá,* assim como as embocaduras dos rios Oeiras, Araticú, Capijó, Proaná, Maracujá, Anauerá, Irapixuna, Preto, Laguna, Camarapí, Pacajá, Anapú, todos formadores do rio Pará e do labirinto de canais, furos e lagos, enseadas e ilhas que nos ficaram à direita, onde Agassiz viu, "não pròpriamente uma rêde fluvial, mas antes um oceano de água dôce, cortado pela terra!"

Desembaraçados dêsse labirinto, estamos em plena bacia amazônica, tôda desenvolvida na zona equatorial, tendo só em território brasileiro a superfície de quatro milhões de quilômetros quadrados!...

Rio Amazonas.

O mar interior amazônico, formado pela separação das bacias dos grandes rios *Paraguai* e *Amazonas,* em virtude do levantamento do planalto central, não podia deixar de procurar um escoadouro por onde extravasar suas águas. Impedido em três direções por imensas barreiras de montanhas, ao norte, ao oeste e ao sul, oferecia-lhe o lado oriental vasta planície, entremeiada de lagos e golfos, só de longe em longe interrompida por elevações, pequenas demais para constituirem obstáculo à sua marcha.

Insinuadas por entre elas, as águas tomaram velocidade e abriram caminho, obedecendo à direção fácil que a Natureza talhara, a princípio e longamente, do ocidente para o oriente, e, já quáse ao têrmo de enorme percurso, de sul para norte, escancarando enorme embocadura, rasgada entre *Macapá* e *Marajó.*

Iniciada a vasão, o nível baixou; delineou-se a artéria principal, eixo do maior sistema hidrográfico do mundo, pela extensão, pelo volume e pela variedade. Rios imensos, afluentes e sub-afluentes de outros tão grandes, todos se dirigiram para ela, caudal enorme a cuja capacidade e desenvolvimento deveu

MCD 2018

a denominação de *Rio Mar,* competindo com o Oceano, que êle invade livre de margens, audacioso, soberano.

Desde então, o regime do sistema vem procurando definir-se, em rivalidade com a planície, que se esforça por consolidar-se; a luta pelo espaço vai cavando a terra e afastando a água. Entretanto, o rio se desloca para o sul, paralelamente a si mesmo; a terra, em desperdício diário, é carreada para o oceano, plasma gerador de territórios, em busca de outras latitudes, no dizer de Euclides da Cunha.

Na corrente impetuosa flutuam galhos, palmas, troncos e balcedos, arrancados das margens, muitos descidos de outros rios, todos levados pela voragem. Ao curso vertiginoso da carreira, entrelaçam-se às vêzes, como que amparando-se mútuamente, para se deterem no primeiro lugar onde o baixio se insinua, efêmera formação aluvial gerada pela terra moça, que resistiu à tremenda luta com a água e não foi arrastada!

Precária vida! A formação operada no fim da vasante, quando enfraquecida a corrente, só permanece para entrar em agonia aos primeiros sinais da enchente, quáse sempre violentos. Depois, vem a torrente desfazer-lhe a tessitura pacientemente urdida e levar tudo tumultuàriamente na sujidade revolvida. Não raro, porém, acontece subsistir a ilha que se insinuou; os detritos e as sementes que aí pararam, germinam e crescem; dentro em pouco é mata espêssa, novo obstáculo modificando o regime das águas.

Assim, os *thalwegs* mudam contìnuamente, infletindo a corrente, ora numa direção, ora noutra, atacando as margens. Abalada na sua base, a terra despenha-se, *terra caída,* na expressão simples dos nativos, arrastando com uma porção da margem a canôa, o banheiro flutuante, a palhoça, a plantação, a própria vida do morador ribeirinho!

Ainda na vasante, é a maior caudal, volumosa, violenta, incessante!...

Euclides da Cunha diz, com lirismo:

"Não se lhe apontam formações duradouras ou fixas. Por vêzes, nas arqueaduras de seus canais, remansam-se as águas, fazendo que se deponham os sedimentos conduzidos e as sementes que acarretam. Então, as faculdades criadoras do rio despertam surpreendedoramente. O baixio prestes recem-formado e aflorado à superfície, delinea-se em contornos indecisos; define-se logo vivamente; dilata-se e ascende, bambeando levemente nas águas; é uma ilha que se gera, crescendo e articulando-se a olhos vistos. Mas, formam-se para se destruirem ou se deslocarem incessantemente. As ilhas trabalhadas pelas mesmas

MCD 2018

correntes que as geraram, desbarrancam-se a montante e restauram-se a jusante e vão lento e lento derivando, rio abaixo... Por fim, desgastam-se e acabam."

Antigo geógrafo brasileiro, estudando a função social dos rios, disse que as correntes longitudinais formam as grandes artérias da vida internacional, ao passo que as linhas transversais constituem artérias da vida nacional. Otaviano Pinto diz que o rio Amazonas, corrente transversal, com a disposição longitudinal de seus afluentes, está destinado a ser o supremo regulador dos destinos do país, o eixo sôbre o qual deve girar tôda a sua política, quer nacional, quer internacional.

Rio Xingú.

Prosseguindo à margem direita do rio Amazonas, deixamos atrás a cidade de *Melgaço* e estamos à embocadura do rio Xingú, um dos mais percorridos do Estado. O seu primeiro explorador foi o príncipe Adalberto da Prússia, acompanhado dos condes de Bismarck e de Oriola; vieram depois o Dr. Carlos von Den Steinen (de Berlim); Othon Clauss (de Nuremberg) e Guilherme von Den Steinen (de Dusseldorf); o comerciante João Torquato Galvão Vinhas, que o descreveu minuciosamente e nos últimos tempos o comandante Otávio de Gusmão Fontoura, que teve ocasião de verificar, de modo a não deixar mais dúvida, que o Xingú, longe de ser formado pela reünião dos rios *Batoví, Ronuro, Caluene* e *Coliseu,* é o próprio rio *Ronuro* que recebe os outros como tributários.

Eis aí mais um *êrro a corrigir* e da mesma forma que procedemos com o rio Tocantins, não alterando velhas denominações já consagradas, devemos manter o nome Xingú, sem desconhecer que o rio principal é o Ronuro.

Dêsse rio diz o padre João Daniel:

"...é um dos rios mais célebres e de maior nome dos que recebe o Amazonas da banda do sul, pelo comprimento, pela largura e pela facilidade de navegação, durante quáse um mês."

A sua riqueza animou Henri Coudreau a dizer que seus produtos são reservas para tempos futuros, mais ou menos afastados, achando-se aí a esperança de um *Gram-Pará* ainda maior nas éras porvindouras, com produtos vegetais da maior importância, como baunilha, batatão, castanha, copaíba, jaburandí, salsaparrilha, etc.

No seu afluente *rio Claro* fica o lendário *Paiól de diamantes,* denominação provinda da profusão do precioso carbono, que consagrou a região.

MCD 2018

A parte baixa do rio é inteiramente desimpedida de cachoeiras, apresentando larguras de 4.800 a 8.000 metros. Aqui, está *Vilarinho do Monte;* ali, *Porto de Móz* e além, *Souzel,* separados por um trêcho tão largo, que parece mais um soberbo mar!

No espaço grasnam ensurdecedoramente os trepadores de variegadas côres. O Brasil é sempre a terra dos papagaios — *Brasilia sive papagalia terra,* como se lê no globo de João Schoner, cosmógrafo de Nuremberg.

Rio Tapajóz.

Entremos no *rio Tapajóz,* também caudaloso e imenso; logo à fóz, debruça-se a bela cidade de *Santarém.* A sua largura aí, de 2.500 metros, vai aumentando ràpidamente até *Itaituba,* com trêchos de dezesseis a vinte quilômetros, *estirões* onde se elevam as povoações de *Vila-Franca, Álter do Chão, Boim, Pinhel, Uxituba, Santa Cruz, Aveiros, Brasília Legal* e a moderna *Bôa-Vista,* que o nosso impenitente snobismo insiste em trocar por *Fordlândia,* adaptação neologística para agradar a empresa de um milionário!

O rio Tapajóz, que já o vem sendo de longa data, é hoje ainda a melhor saída dos produtos do Estado de Mato-Grosso para o Atlântico, mais fácil e mais rápida.

O célebre naturalista Katzer refere-se à abundância de *ferro* e de *limonite* aí encontrados, ao mesmo tempo que nega a existência de *carvão de pedra,* tanto anunciada por outros investigadores que o precederam, mas acha que "... as condições dêsse rio são mais favoráveis."

A sua riqueza aurífera levou para o rio *S. Manoel* ou das *Três Barras* os garimpeiros do XVIII século, quáse todos, então, dizimados pelos germens do impaludismo endêmico, ou pela flecha do amerígena, que êles não souberam agradar. No ano de 1758 os granetes de ouro abundavam tanto, que eram empregados como carga de espingarda, bastando arrancar as toiças de capim para os colher!... Humboldt diz que o Brasil o produziu nêsse século em quantidade superior à metade de tôda a produção da América e... nem por isso veio a ser um país rico!... Artur Orlando (*Brasil, a terra e o homem*) comenta que todo o ouro explorado passou para Portugal, sob a forma de pepitas, de confiscos, de pedágios, de donativos, o qual, em vez de reduzí-lo a indústria, a comércio, a progresso, a civilização, gastou-o na compra do título de *fidelíssimo* e outras prodigalidades de beatice...

MCD 2018

Ali, avistamos a povoação de *Jurutí* e ao longe a *serra de Parintins,* donde parte a linha divisória com o Estado do Amazonas, que vai até a confluência do rio Tapajóz com o rio São Manuel ou das Três Barras.

Percorremos já uma vasta extensão da margem direita do rio Amazonas, por isso mesmo quáse deshabitada; a longos espaços, destaca-se uma palhoça solitária, no seio de cacauais que o homem abandonou... Paisagens variadas vão se desdobrando, com predomínio da floresta imensa e incomparável.

De Martonne dizia que as associações vegetais refletem os caracteres gerais do clima e as influências especiais do sólo; são elas que determinam o aspecto da paisagem, as condições do *habitat* dos animais, as próprias formas da actividade humana.

Êsses novos painéis, desenrolados a cada avanço, distraíram vossa atenção e não vos apercebestes da passagem do tempo!

Meio dia.

Sol a pino; cáem seus raios na vertical. O ambiente está parado e há um recolhimento por tôda a parte.

É a hora da sésta nos climais tropicais! A Natureza como que modôrra, ao pêso da canícula; só os rios não suspendem sua incessante marcha, simultâneamente destruidora e construtora, na faina de desbarrancar aqui e agregar ali.

O silêncio se extende e domina; o ar lampeja em chispas. Nas frondes não saltitam os passarinhos e os insetos não zumbem sôbre as flores; as folhas se abandonam, murchas pelo ar causticante. Os ninhos dormem e entre as árvores não perpassa a brisa que mistura o perfume da floresta.

Nos campos, o gado procura a sombra dos troncos copados ou das palmeiras perdidas nos banhados; nos lagos, as aves correm para as margens ensombradas. De longe em longe, a piada aguda do maçarico, que se assusta, fere o ambiente morno, ou o grito estridente do téu-téu vigilante denuncia a presença de um estranho.

Os felinos se espreguiçam nas forquilhas ou nos galhos inclinados, sempre prontos a um assalto de surpresa. Os répteis, jacarés, lagartos, tiiúassús, camaleões, ofídios e todos os da família procuram o sol, extendendo-se ao comprido nos barrancos, nos campos abertos, nas clareiras ou à borda da floresta.

Meio dia!

Rio Iamundá.

Atingida a serra de *Parintins,* transponhamos o rio Ama-

MCD 2018

zonas e passemos a acompanhar, de regresso, a margem esquerda. Os lindes ocidentais do Estado são assinalados pelo rio Iamundá, que vemos serpear por entre a floresta, verdejante tapete de folhas, e aquela linha a que já nos referimos, partindo da serra de Parintins e procurando a confluência do rio Tapajóz com o rio S. Manuel.

O rio Iamundá não é tributário do rio Amazonas, como ensinam os compêndios; eis outro *êrro a corrigir.*

Segundo Barbosa Rodrigues, êle tem êsse nome só até a confluência do rio *Pracutú;* daí para baixo, toma o nome de Fáro, até o lugar denominado Repartimento, onde se divide em dois braços, um com o nome de igarapé de *Bom-Jardim* e vai ao Amazonas e o outro, que é o principal, com o nome de *Sapucurá* e vai ao rio *Trombetas.* Se êle lança, pois, seu ramo principal nêste rio, é tributário do outro. Ferreira Pena também é de opinião que o Iamundá é tributário do rio Trombetas e assim o descreve:

"Antes de entrar no Pracutú, deixa a planície e, então, suas margens tornam-se altas e às vêzes montuosas. O rio Pracutú, que é um ramo menor, corre mais ou menos paralelo por algum tempo ao rio *Iatapú,* tributário do rio *Uatuman;* segue a léste e reüne-se ao rio Iamundá, cêrca de trinta e cinco milhas acima de Fáro. No ponto de junção dos dois rios, as águas se dilatam consideràvelmente, formando uma vasta baía, quáse tôda rodeada de terras altas e de montes. Deixando a baía, o Iamundá se dirige para léste em estirão considerável, fazendo apenas ligeiras inflexões; depois de dezoito milhas ou vinte nêste rumo, descreve um vasto *S* invertido, no fim do qual entra com o rumo léste no lago de Fáro, deixando a cidade do mesmo nome na ponta norte de sua entrada. Aqui terminam as serras e as colinas, que o acompanham; desaparecem as praias de arêia e a vegetação brilhante; acabam os terrenos acidentados e começa a planície quáse nivelada do Amazonas; aqui está emfim a verdadeira fóz do Iamundá. Com efeito, apenas se feche o lago ao lado oriental, o Iamundá recolhe-se a um leito pouco largo; entra aí logo na margem direita o rio Caburí, o primeiro braço ou paraná-mirí, que o Amazonas lhe envia. O rio perdeu o seu aspecto soberbo; seu leito é acanhado; sua marcha torna-se vacilante; sua côr mesmo desbotou-se um pouco com o pequeno contingente de águas esbranquiçadas do Caburí. O rio não toma o rumo de N.S., como se tem pretendido, mas o rumo geral E.N.E. até o paraná-mirí do Caldeirão. Nesta secção, é acompanhado, pròximamente à margem, de uma serie de lagos consideráveis, *Carauarí, Algodoal* e *Araquiçáua,* ou de lagos medío-

MCD 2018

cres, *Maracaná, Ubim* e *Abaucú*. A partir do lago Araquiçáua o rio volta-se para o Norte, passando pelo lugar denominado Repartimento, onde recebe na margem direita, que agora é oriental, o paraná-mirí do Caldeirão, que vem do Amazonas. Plácido, largo e ainda cristalino, recebendo êste contingente do Amazonas, o Iamundá muda totalmente de fisionomia; seu leito estreita-se e profunda-se muito; a marcha é arrebatada; suas águas tomam uma côr amarelo-olivática, perdendo logo tôda sua transparência. Daqui em diante o seu rumo geral até perder-se no rio Trombetas é N.E., onde entra defronte da ponta *Uruá-Taperá,* com cem metros de largura."

O rio Iamundá é, pois, tributário do rio Trombetas.

Rio Trombetas.

O rio *Trombetas* é extenso, caudaloso e cheio de majestade com suas grandes cachoeiras e maiores riquezas em produtos vegetais.

De tôda parte lhe chegam tributários: *Iamundá, Curuá, Cuminá, Branco, Acapú, Erepecurú, Cachorro, Mapuera, Jurutí,* todos com enorme cortejo de afluentes e de lagos que atravessam os campos nativos, onde as gramíneas são sempre verdes e a primavera eterna!

Descendo de montanhas, êstes rios não poderiam deixar de apresentar as mais belas quédas, os mais arrojados saltos. Pela sua grandiosidade destacam-se as cachoeiras: *Bemfica,* no rio Curuá; *Grande, Varadourosinho* e *Resplendor,* no rio Cuminá; *Inferno,* que só pode ser admirada de distância não inferior a um quilômetro, tão difícil é vencer a correnteza; *Porteira, Viramundo, Pancada Grande, Cachorro* e o salto *Xacururí.*

A cachoeira *Resplendor* é de uma majestade impossível de descrever, disse Mme. Coudreau; entretanto, Richard Burton nol-a apresenta assim:

"A caudal parece querer varrer-nos. No fundo e próximo ao lugar onde nos achamos, a corrente volta-se e parece, por um momento, passar no bordo estuante da caldeira, orlado de vagas; estas levantam-se, matizando com a brancura de neve das espumas a água côr de palha que desce ao precipício e é aí, então, que o marulho rouco, profundo, tonitroante, abalando a terra com o ruído característico do terremoto ou bufo-cavernoso, revela-nos a proximidade da grande quéda. A altura é grande. As águas revolvem-se e espadanam-se na anfratuosidade dos rochedos do lado direito da bocaina; empinam-se, levantam-se em ondas e cáem resupinas, arremessando ao ar neblina perma-

MCD 2018

nente .Semelhantes a esquadrões de cavalos brancos, disparam, relinchando na vertigem infinita daquela luta e confusão, até o vértice — *Mãe Cachoeira,* que fica em baixo."

Da riqueza mineral diz o Dr. Henrique Santa Rosa:

"Granitos, porphiros, arenitos, folhelhos, ardósias, arêias, calcáreos, conglomerados, são rochas que se encontram nos vários trechos obstruídos dêsses cursos fluviais, caracterizando as diversas camadas da formação da bacia nos sucessivos períodos, desde o *cristalino* até o *aluvium,* com manifestações mais evidentes do siluriano, devoniano, carbonífero e terciário."

O naturalista Katzer encontrou aí grandes massas de manganez.

Para que imagineis a grandeza e a majestade dêsse rio, repetir-vos-ei o cientista brasileiro Dr. Odorico Rodrigues de Albuquerque (*Reconhecimentos Geológicos no Estado do Amazonas*):

"O rio Trombetas, a partir do Oriximiná até a fóz do Cuminá, seu maior afluente, tem o seu maior estirão, em linha réta tão grande, que mostra a curvatura da Terra: olhando-se segundo o eixo do rio, a linha do horizonte tangencia a superfície das águas."

Mais cidades.

Esta é a cidade de *Monte-Alegre;* por trás avistam-se as serras de *Tauaiurí, Ererê* e *Paítuna* e o *Lago Grande de Monte Alegre,* com vinte e seis milhas de comprimento sôbre três a cinco de largura!... Na Amazônia tudo é grandioso!...

Na serra de Ererê são encontradas fontes sulfurosas e teem sido encontrados vestígios de formação carbonífera, por calcáreos betuminosos, contendo fósseis; minérios de *manganez* e filões de *ferro oligisto;* veeiros de *grafite* e de *cinabar* e até *mercúrio,* de que o engenheiro Alexandre Haag retirou importante amostra.

Esta outra, é *Alemquér,* onde abunda a *galena argentífera,* de notáveis proporções, e aquela é *Obidos,* porto militar, plantado no lugar mais estreito do rio Amazonas, com mil e trezentos e noventa e dois metros de largura e setenta e cinco de profundidade. Ao longe, no fundo escuro, vêem-se as serras de *Escama, Curumí, Sapucuá* e *Valha-me Deus.*

A planície desce das serras em declive suave, apresentando campos firmes e campos alagados, tesos, lagos e charcos, onde esvoaçam em alarido as marrecas, os guarás, as colhereiras, as garças, os patos, os jaburús salpintando o azul do céu com os

MCD 2018

matizes mais variados, a policromia que só os climas equatoriais produzem.

Vitória Régia.

Em todos os terrenos baixos e alagados da bacia amazônica viceja uma infinita variedade de plantas aquáticas, aguapés, nenufares, tôdas as espécies de ciperáceas e gramíneas e associações de hidrofitos, formando espêsso lençol verde, pontilhado de alimáceas, pontederas, hidrocorídeas, extendido sôbre as águas paradas.

Lindas ninfeáceas! De tôdas, a *Vitória Régia,* a mais bela, é a rainha dos nelumbos!

Descharte distinguiu-a como planta extraordinária, verdadeira maravilha do reino vegetal!

Lindley considerou-a como gênero à parte das ninfeáceas, prevalecendo todavia o nome — *Vitória Régia* — dado por Bridges.

Suas folhas, espêssas e redondas, por vêzes atingindo o diâmetro de metro e meio, são reforçadas por grossas nervuras, que se distribuem em forma de raio de círculo. As bordas, dobradas como bandejas, permitiriam enchê-las, sossobrando-as, se duas chanfraduras opostas não dessem franca e contínua vasão à água.

No seu recinto, pousam desembaraçadamente os bemtevís, as jassanás, as piassócas e os frangos dágua; os amerígenas do alto rio dão-lhe o nome de *iapunac-uaupê* (ninho de bemteví), os guaranís o de *abati-irupê* (prato dágua) e os quichuas o de *atum-sisac* (grande flôr).

E todos teem razão!

A flôr parece um grande bogarí, rescendendo a bonina; a sua côr rósea-clara do centro acentua-se com o correr dos dias, até a rósea-escura, quando a haste murcha e pende, ainda perfumando o ambiente.

Os aborígenas dizem que tôdas as flores aquáticas são dos jardins das Iáras, deusas das profundidades, rainhas das águas, donas dos rios!

A caminho da fóz.

Passamos pelas cidades de *Almeirim, Prainha, Arraiolos,* em cujo fundo cerram fileiras as serras *Parú, Almeirim, Velha Pobre, Jutaí* e *Paraquára.*

O sistema orográfico do Pará é muito pobre, não se apresentando elevação superior a 500 metros e poucas vêzes. Da ca-

MCD 2018

deia de montanhas do sistema *Parima,* descem quáse paralelamente os rios *Jarí* e *Parú,* contidos na sua impetuosidade por numerosas cachoeiras de elevado potencial, cuja utilidade só daqui a muitos séculos será aproveitada como hulha branca. Nos seus leitos encontram-se formações auríferas de extraordinária riqueza, assim como diamantes, prata, platina e outros minerais.

No rio *Curuapi,* afluente do *Parú,* encontra-se a gruta de rocha micácea que os amerígenas dizem ser o palácio de ouro de *El-dorado* e no curso inferior aparecem formações rochosas negras com aspecto de carvão.

Agora estamos em frente à cidade de *Montenegro,* em cujas cercanias teem sido encontrados rubís, granadas, ferro, manganez e hulha, pelas análises revelada da melhor qualidade.

Ali, é *Cunaní,* onde ficam as necrópoles amerígenas do *Monte Curú;* adiante, está a gruta do *Buracão,* na serra do *Laranjal,* com vastos salões de 8 a 10 metros de largura.

A floresta, cuja extensão não medimos com a vista, mesmo do alto do aparelho donde estamos observando, guarda as mais preciosas espécies vegetais. Na Amazônia não há plantas xerófilas.

Embocadura do Rio Mar.

Esta é a embocadura do Amazonas, reconhecida pela Geografia, pela Geologia e pela Geofísica. O fenômeno de sua formação foi conseqüência do extravasamento do mar interior amazônico, em virtude do levantamento central do Brasil e quando da separação das bacias dos rios Paraguai e Amazonas. O caminho por onde se escoou foi certamente êsse canal, rasgando a porção de território que é o arquipélago de Marajó, ainda muito tempo depois ligado ao continente pelos lados S. e S. E., que afinal vieram também a ser rasgados pelo *rio Pará* para vasão de suas águas. É, pois, a única embocadura, devendo-se corrigir o êrro de apontar outra, que não existe.

Despejando suas águas, o mar interior foi deixando rios e lagos, formando êsse sistema hidrográfico que sobrepuja a todos os demais do mundo inteiro, no dizer de Weiss (*Geografia del Perú*). O trêcho chamado *Solimões* primeiro da parte brasileira, tem o percurso de 4.995 quilômetros, apresentando profundidades que ultrapassam de 180 metros.

Na *Hylaea* amazônica prepondera a água sôbre todos os elementos naturais, onde prolífera a incomparável riqueza iqui-

MCD 2018

tiológica, que é a mais opulenta do mundo; nada pode rivalizar com sua fartura e multiplicidade!

Aqui, se desenvolvem os canais profundos, separando ilhas inúmeras, que formam o labirinto percorrido pelos navios *gaiólas,* por entre passagens estreitas, beirando as frondes das árvores, que se debruçam sôbre as águas, projetando sombras.

Esta é a cidade de *Mazagão,* fundada pelos heróis da praça do mesmo nome, que na África resistiram aos cêrcos e assaltos dos mouros; aquela, é *Macapá,* situada quáse em baixo da linha do equador, apenas a dois minutos de latitude norte, e esquecida num costão muito alto, donde a antiga fortaleza domina ainda a entrada do rio Amazonas, esplêndida situação escolhida para repelir as incursões de franceses, ingleses e holandeses, que pretendiam apossar-se da terra, nos tempos coloniais.

O aparelho está sacudindo muito; é a resistência à violência dos ventos, que nesta região sopram com fôrça, os alísios de N.E. que penetram na grande artéria fluvial, aproveitando os canais rasgados na terra, por onde o lençol fluido percorre todo o interior, amenizando a temperatura com sua acção refrigeradora e levando as nuvens que se condensam em chuvas.

Aqui as águas correm com menor velocidade, em virtude do represamento do Oceano; ainda assim, sáem para o alto mar com cêrca de duas milhas, procurando a costa continental, as ilhas de *Gurupá* e *Pará* de um lado, as de *Gurupá, Rurutaí, Utuquara* e *Marajó* de outro. Pelo centro atravessam os canais que ficam entre as ilhas dos *Porcos, Maracujá* e dos *Cavalos;* por último, entre as ilhas *Pecampezinho* e *Fresca, Caviana* e *Marajó,* atirando-se na imensidade...

No maior dos rios dá-se êste fenômeno — não há *delta!*

Euclides da Cunha acredita-o o menos brasileiro dos rios, estranho adversário entregue dia e noite à faina de solapar a sua própria terra, pois:

"O sistema hidrográfico do Amazonas não acaba com a terra ao transpor o cabo Norte, senão que vai, sem margens, pelo mar a dentro, em busca da corrente equatorial onde aflúi, entregando-lhe todo aquele plasma gerador de territórios, que vai em busca de outras latitudes."

Pororóca.

Quando o rio tem vasado, descobrindo praias, baixios e corôas, anula-se a velocidade da corrente, diminuida proporcionalmente à vasão; as águas param e entumecem: é a hora da *maré.*

Lá fora, no encontro com o Oceano, uma linha de espumas

MCD 2018

tumultuárias separa águas que pretendem avançar para o mar, de águas que tentam invadir por margens acima. A duração do choque é incerta, excede às vêzes de duas horas e daí o retardamento produzido; nêsse tempo, a linha de acção vai se deslocando vagarosamente e o rio recuando com lentidão. De repente, rompe-se o equilíbrio com estrondo e o mar avança, invadindo e penetrando, em altas ondas, umas após outras, impetuosamente, rugindo sempre, numa velocidade inicial de cêrca de dez milhas, despedaçando o que se lhe opõe, sacudindo e derrubando as árvores, torcendo galhos, arrastando canôas, alagando terras...

É a enchente na sua acção abastecedora e as ondas são a *pororóca,* palavra tupí que significa *arrebentação,* e corresponde precisamente ao *macaréu* dos luso-africanos e ao *mascaret* dos franceses. O amerígena compreendeu bem o fenômeno que se lhe apresentava à vista; outra concepção fugia-lhe à inteligência.

Durante a lunação das sizígias a maré é verdadeiramente pujante, menor nas outras fases, às vêzes invisível, e rios há que já a recebem enfraquecida pelos acidentes distribuídos ao longo do percurso a atingir.

A permanência das águas de enchente não é demorada; o rio, vencido e dominado, espera que enfraqueça o ímpeto invasor; depois, refeito, precipita-se com a vasante, repele-as, expulsa-as para além de seu próprio campo, embora ainda com a perda de terras que a erosão lhe arrancou das margens indefesas.

Os rios de leito horizontal, ou quáse, não teem *pororóca;* falta-lhes a velocidade dada pela inclinação.

Há escritores que comparam a *pororóca* com uma manada de cavalos selvagens, desenfreados, correndo em disparada, uns sôbre outros, mordendo-se. A crença popular vê na crista das ondas as cabeças de garotos que morreram afogados, um branco, preto outro, o último caboclo, brincando na enchente...

A *pororóca* não é mais do que a onda maré.

Território do Amapá.

Êste rio é o *Oiapoque;* nêle, o Tratado de *Utrecht,* primeira convenção internacional sôbre territórios americanos, fixou em parte os limites do Brasil setentrional, a outra parte sendo pela serra de *Tumuc-Humac* do sistema *Parima,* onde nasce êsse rio. Da margem direita, que ficou pertencendo ao Brasil, avança

MCD 2018

para o mar o cabo de Orange, ponto mais elevado, na latitude de 4º 22' N.

Do outro lado da fralda da serra desce o rio *Cassiporé;* os cursos de ambos são cheios de cachoeiras, saltos e corredeiras sôbre leitos auríferos; os afluentes, igarapés que descem dessa montanha, deslizam em rochas verdes, desagregando dos veios de *granulita* e *quartzo,* cascalhos do ouro que aí róla, ainda hoje entregue à cubiça dos estrangeiros que o exploram clandestinamente. Tôda essa região, que Coudreau disse ser de uma salubridade incomparável, constituúe o antigo *Contestado* do Amapá. As minas dos rios *Oiapoque, Cassiporé, Amapá Grande, Araguarí, Cunaní, Iaué* e *Calsoéne* e ainda dos contrafortes da cordilheira já deram fortuna a flibusteiros. Em todos êles se encontra o ouro, a platina, a prata, o diamante e o cobre.

Reza a crônica do antigo *Contestado* que o brasileiro Firmino recebeu, em sonho, a visita de *Santo Antônio,* cuja piedade pela sua miséria, no meio de tanta riqueza, indicara-lhe o lugar de ricas minas no Calsoéne. O acontecimento foi participado ao seu companheiro Germano, logo ambos partindo açodadamente, quáse correndo pela mata espêssa, a verificar a palavra do taumaturgo, pois eram devotos de *S. Tomaz,* cuja doutrina é mais prática... E lá estavam abandonadas, a granel, sem dono, pepitas de todos os tamanhos; nem chegaram a colher um quilo ao menos e, essencialmente brasileiros, retrocederam satisfeitos, contentes, bradando o seu achado, cantando a sua felicidade, anunciando ingênuamente que os igarapés mais tarde chamados *Regina, Tambá, Grande, Onemarque, Lourenço, Sanemongoon, Branco, Velho, Albi, Cachepour* e dos *Portugueses* eram os mais ricos!... .

Foi incontida a correria! Em poucos dias o francês *Clement Tamba* colheu doze quilos de ouro nativo e *Herard* afirma que em três anos chegaram a *Caiena,* possessão francesa, nove mil quilos de ouro do melhor quilate, sendo desviada maior quantidade do fisco francês!...

O explorador Georges Brousseau remeteu ao Ministro das Colônias da França amostras de *carvão de pedra* encontrado no rio *Carnot* e nas cabeceiras dos rios *Iauê* e *Cachepour*... Tôdas essas denominações de rios perpetuam pessoas e coisas francesas em regiões puramente brasileiras; os nomes de *Firmino* e *Germano* apagaram-se e desapareceram, porque a ingratidão é inata no gênero humano.

Marajó.

A ilha de *Marajó,* de que nos temos ocupado nesta pales-

MCD 2018

tra, é a maior da América do Sul, medindo 254 quilômetros de O. a L. e 164 de N. a S. Destacada do continente, a sua estrutura geológica não pode deixar de ser idêntica, com exceção da parte ocidental, acrescida e modificada pelos sedimentos arrastados pelas águas. A opinião dos sábios é unânime em que as ilhas de *Marajó, Caviana, Mexiana* e outras menores foram separadas pela acção *corrosiva* do rio, pela acção *invasora* do Oceano e pela acção *destruidora* da *pororóca.*

Pairamos agora sôbre a grande ilha e transpomos a cidade de *Chaves,* deixando à direita *Afuá.* Acentua-se a diferença de painéis; verdes faixas de matas lhe bordam as orlas, as dos rios e as dos lagos. Do lado do oriente surgem recifes de *grés* grosso e ferruginoso, característico de antiguidade, e no sul desenrolam-se brancas praias arenosas, onde se espreguiçam as vagas oceânicas, deixando um rendilhado de espumas.

Do lado ocidental, já o dissemos antes, os terrenos são baixos, argilosos, de formação diária e desagregação contínua, escravisados aos caprichos do rio Amazonas. O centro é quáse um só campo; não lhe avistamos os limites!

A grande massa dágua que divisamos é o lago *Arari,* que se desenvolve sôbre uma extensão de 22.200 metros entre as bôcas dos igarapés *Apeí* e *Pirarucú,* numa área de 82.880.000 m2. Nêle está a ilha de *Pacoval,* onde foram descobertos os maiores *cerâmios* da América do Sul, que teem enriquecido os Museus nacionais e estrangeiros.

A palavra *cerâmio,* criação do sábio brasileiro Ferreira Pena, exprime exatamente a palavra *mound,* cemitério dos antigos amerígenas, lugar onde eram feitos os enterramentos, depois de agasalhado o morto em urnas funerárias, vasos e igaçabas de barro, com suas armas e ídolos.

Orville Derby acreditava que os moradores daí haviam desaparecido antes do descobrimento da América, sendo certo que os seus desenhos se compõem de gregas e figuras que denotam civilização.

Vêde! O ruído do aparelho intimidou as aves aquáticas e ribeirinhas, levantando-as em revoada. Aquele bando branco de neve é de garças; êsse côr de rosa é de colhereiras e aquele que véda a passagem dos raios solares com o amontoado de suas asas é de marrécas, às dezenas de milhares. Por tôda a parte, grandes manadas de gado, cêrca de um milhão de indivíduos, em rodeios ou espalhados.

Deixamos para trás a vila de *Cachoeira,* à margem esquerda do rio *Arari;* à direita ficam *Salvaterra, Monsarás, Itaguaí* e *Muaná;* ao longe avistamos *Curralinho* e *Breves.*

MCD 2018

Sol posto.

Baixa a temperatura; o ambiente tem agora a amenidade do findar do dia. Já as aves atravessam os espaços e se recolhem aos pousos, grasnando ensurdecedoramente, periquitos, tucanos, aráraras e papagaios...

De quando em quando, passa uma ave solitária; é um viúvo que não formou novo casal!... Topinard afirma que muitos animais são mais afetivos que o próprio homem; as águias levam a ternura conjugal a ponto de conservar a viuvez e outras aves há que sucumbem horas depois da morte do companheiro...

Entretanto, o imenso globo ígneo do Sol desce apressado, para levar luz a outras longitudes, mergulhando em labarédas na amplidão verde sem igual da floresta amazônica. A música da natureza entôa o hino da saudade, emquanto vai minguando e morre a tarde; é a hora do Angelus!

O astro-rei, deus da vida, desaparece; mas do lado do oriente surge outra luz, pálida e suave. A Lua se apresenta em sua plenitude: o luar do equador tem mais brancura e mais brilho, reflexo de Sol mais forte, num céu mais azul!...

As noites tropicais são de intensa claridade, sem nevoeiros a empanar a atmosfera, inundada da luz brilhante das estrelas. Na via látea cintilam luzes infinitas!

Regresso.

Eis-nos de volta; contemplemos uma vez mais o panorama sempre deslumbrante da Cidade Maravilhosa, que se nos apresenta adiante, engalanada com os seus esplendores de luz.

Á indulgência do auditório, os meus agradecimentos.

RESUMO EN ESPERANTO — *La aŭtoro, flugante per aeroplano, priskribas Ŝtaton Pará korektante geografiajn erarojn ankoraŭ konservataj en la lernolibroj. De tempo al tempo aperas beletristikaj ekstermaĵoj, eble plidolĉigante la severecon de la rakontoj, tamen ne eliĝante el la geografia tomo.*

Tiel li priskribas pri la ekcatoraj antaŭmateno, tagmezo kaj sunkuŝiĝo; pri la majesta "Victria regia" kaj la riverimpeto, fenomeno de la tajdondoL

MCD 2018

COROGRAFIA DA COSTA DO BRASIL — DE CABO-FRIO A SANTOS

Raul Tavares
Vice-almirante

BARRA-NOVA DE CABO-FRIO — A posição dessa barra é: Lat. = 22º 53' 45" — Long. = 35º 46'. A uma milha ao W. NW. da ilha dos Papagaios e a duas milhas ao S. SW. da ponta do Peró, vê-se a última ponta elevada no norte dessa barra e mais ao sul não se vê senão a montanha de Cabo-Frio na extremidade da grande praia de areia branca chamada praia do Pontal.

Todo o interior do país, nessa região, é plano, formado de vasta extensão arenosa com lagoas muito caprichosas e belas. Uma dessas lagoas é chamada Araruama, na foz do rio Itajurú que é o seu desaguadouro. Da extremidade daquela ponta, que é rochosa e alcantilada, a costa inclina-se para o oeste, encontrando-se logo por trás dela a Barra-Nova, entrada do porto de Cabo-Frio, que a separa do começo da praia do Pontal, onde há um antigo forte em ruinas, pouco visivel do largo. A entrada está aberta ao SW. e se encontram fundos de 18 a 20 metros. A Barra-Nova é a boca pela qual se comunica com o mar a grande lagoa de Araruama, que ocupa ao oeste de Cabo-Frio uma extensão de 21 milhas de comprimento por meia a sete milhas de largura. A barra está oculta por uma ponta rochosa e não se reconhece de fora senão porque separa o extremo da praia do Pontal do princípio da costa elevada. Um pequeno canal de meia milha de largura conduz a uma grande enseada, que um canal natural feito pelo rio Itajurú, põe em comunicação com a lagoa Araruama.

VILA DE CABO-FRIO — Na margem SW. daquela enseada sobre os dois lados do canal, a 300 metros mais ou menos do mar está construida a cidade de Cabo-Frio.

A parte norte situada na margem esquerda do rio Itajurú, chama-se Passagem. Esta vila está em grande parte oculta das vistas do mar por montes e montanhas. A certa distância, porem, podem ser vistos, alem dos mastros de embar-

MCD 2018

cações, alguns edifícios, tais como a igreja de Nossa Senhora da Guia, um convento e outros mais, construidos ao W. da povoação no alto das colinas.

A vila tem cerca de 4.000 habitantes e bastante comércio de cal e sal extraido das salinas da lagoa Araruama. Hoje está ligada por estrada de rodagem à vila de Iguaba-Grande e daí por estrada de ferro à cidade de Niterói. A navegação de cabotagem é já intensa entre o porto de Cabo-Frio e a costa sul do Brasil, principalmente com o Rio-de-Janeiro.

Está, tambem, ligada com todo o país pelo telégrafo. A barra é muito estreita, dando acesso, porem, nas mares altas a navios que calem até 3 metros.

A lagoa de Araruama, que se estende quasi paralelamen- barcaças que fazem o serviço de transporte de sal das suas salinas que são em grande número, levando a Iguaba-Grande, Araruama e Cabo-Frio.

CABO-FRIO — Lat. = 23º 00' 42"; Long. = 35º 44' 32". A ilha tem 394 metros de altura e é visivel com tempo claro a 45 milhas de distância. É ela a ponta sul de uma ilha muito grande, muito próxima e em frente de um promotório, com o qual forma um pequeno porto bem abrigado, onde se pode fundear em 18 a 20 metros d'água. Alguns morros de média altura situados no continente parecem confundir-se, visto de fora, com a ilha e não formam senão uma cadeia, isolada do resto da costa por planicies arenosas da lagoa de Araruama. Todas as barrancas exteriores do cabo são extremamente alcantiladas, encontrando-se de 40 a 50 metros de fundo a menos de 100 metros de terra.

ILHA DE CABO-FRIO — Esta ilha, orientada NE. — SW. —, tem cerca de 3 milhas de comprimento por uma e meia de largura.

A sua parte mais elevada está ao NE. e apresenta quando vista do SE. um plano ligeiramente ondulado, de onde se notam as proeminências das colinas, das quais a do centro é a mais elevada, tendo 394 metros. Na sua parte SW. existe outro cimo muito mais baixo, separado dos precedentes por uma depressão da ilha, a cujo interior corresponde a única praia de areia que se encontra em todo terreno restante, composto de barrancas de rocha a pique. Vista do NE. ou do SE. a ilha de Cabo-Frio não apresenta mais que um alto cimo dobrado com a forma de uma sela, porque os dois outros de leste se confundem em um só. O antigo farol estava admiravel-

MCD 2018

mente situado no ponto culminante e podia divisar-se a 45 milhas de distância.

Infelizmente, porem, muitas vezes ficava encoberto por nuvens baixas que não permitiam ver o farol. Grandes reclamações dos navegantes obrigaram a Marinha a baixá-lo de 200 metros, construindo-se outro farol em uma pequena saliência que domina a ponta sul da ilha. Nesta ilha, na noite de 5 de Dezembro de 1830, a fragata de guerra *"Thetis"*, da marinha inglesa, naufragou, perdendo-se totalmente. O farol foi construido em 1861, em posição mais baixa do que o primeiro, como acima se disse, na saliência referida chamada Focinho-do-Cabo, e foi acendido pela primeira vez em princípios de 1862. É uma magnífica torre de ferro de 16 metros de altura e cuja lanterna está a 155 metros sobre o nivel do mar. Pode ser visto de 25 a 26 milhas de distância.

ENTRADA E FUNDEADOURO DE CABO-FRIO — Entre a ilha e o cabo existe um canal, cuja abertura oeste não é mais que uma quebrada das rochas de 150 a 200 metros de largura. As duas terras formam um pequeno porto muito fechado, onde o mar está sempre em calma mesmo soprando vento NE., em cuja orientação está o passo grande. Esta abertura está em parte obstruida pela ilha dos Porcos, grande rochedo de 110 metros de altura e de 150 metros de diâmetro, situado a 300 metros da costa norte — (ponta Xerne), com a qual forma um limpo canal de 12 a 20 metros de profundidade, chamado Saco do Xerne. O passo grande entre as ilhas Porcos e Frio, tem 0,7 milha de diametro e 35 a 40 metros de profundidade. No fundo do porto existem duas enseadas, uma aberta ao leste, chamada praia dos Anjos; outra do SE., praia do Forno. Nesta última encontram-se de 10 a 12 metros de profundidade, permanecendo sempre tranquila qualquer que seja o tempo fora. O melhor fundeadouro está na abra da praia do Forno, em 13 metros de fundo e a 2 amarras de cada uma das pontas Angra e São-Sebastião. No fundo da praia dos Anjos há uma pequena aldeia de pescadores, chamada Nossa-Senhora-dos-Remedios.

ILHAS DOS FRANCESES — Ao NW. de Cabo-Frio, a 2 amarras do continente, veem-se dois pequenos ilhotes alcantilados que se chamam ilhas dos Franceses, porque no século XVI os franceses formaram um pequeno estabelecimento que explorava a exportação de madeira de tinturaria, abundante então. O ilhote principal não tem mais de 200 metros de diâ-

MCD 2018

metro, e é uma rocha inabordavel, onde o mar é muito agitado. Encontram-se, porem, no seu sopé de 40 a 50 metros de profundidade. Entretanto, ao E. NE., há um sítio onde se pode abordar e desembarcar facilmente, ao pé da barranca, onde começa justamente a praia grande de Massambaba, chamada Pescaria-da-Praia-Grande. Toda esta praia é limpa, não há nenhum arrecife e se encontram fundos de 15 a 20 metros a meia milha de terra por toda a costa até o oeste.

COSTA DE CABO-FRIO AO RIO-DE-JANEIRO — Do Cabo-Frio, a costa corre para o oeste até a entrada da baía de Guanabara, situada a 63 milhas do cabo. A primeira parte desta costa até a ponta Negra é baixa; compõem-na praias de areia desnudas e uniformes, que separam do mar as grandes lagunas que se estendem por muitas léguas para o interior. A segunda ao oeste da Ponta-Negra, é alta e acidentada pelos estribos da serra dos Orgãos nos arredores do Rio-de-Janeiro. Estas montanhas dirigem-se para leste e vão unir-se à serra de Macaé e das Almas, deixando entre elas e o cabo Frio vastas planícies de 10 a 12 léguas de extensão, ocupadas na sua maior parte pelas lagunas de Araruama, Saquarema, Zacarepua, Vermelha, etc. Estas, que servem de desaguadouro a todas as águas que vertem as montanhas, desaguam no mar na época das chuvas por muitas bocas pequenas das praias. Em meio das planícies situadas ao oeste de Cabo-Frio, não se vê, de fora, senão algumas colinas espaçadas, das quais a mais notavel é o morro Sepiatiba, situado na margem norte da lagoa de Araruama, 15 milhas ao NW. de Cabo-Frio, cujo afastamento faz logo notar-se com facilidade; é o único morro que serve para marcações, porque as altas montanhas estão muito longe para o interior e se as não pode distinguir do mar.

Na praia de Massambaba, compreendida entre os cabos Frio e Negro, não se encontra senão um ponto para citar a 25 milhas do primeiro Cabo e é o Convento de Nossa-Senhora-de-Nazaré, que se eleva sobre pequena colina entre a praia e a laguna de Saquarema; distingue-se-o a 6 ou 7 milhas de distância. Este convento foi construido pelos Jesuitas em 1660.

A pequena aldeia de Saquarema, construida junto do convento referido, é a capital de um distrito de 6 a 7.000 habitantes, todos dedicados à pesca e à agricultura, cujos produtos exportam para o Rio-de-Janeiro. Ao longo dessa praia os fundos são regulares, aumentando com muita rapidez, afastando-se da costa.

MCD 2018

Encontram-se de 15 a 30 metros a uma ou duas milhas da praia, e 80 metros a 10 milhas. É por toda parte limpa e só com os ventos do SE. o mar é grosso, puxando para terra. As correntes são fracas e só dependem do vento reinante.

PONTA NEGRA — Desde quando se dobra o cabo Frio, veem-se, para o oeste, as terras altas do Rio-de-Janeiro, que principiam na ponta Negra. Esta ponta, situada a 38 milhas do cabo, acha-se dominada por um pequeno morro que forma o extremo de um estribo das montanhas do interior. Deve seu nome à cor escura do granito e do mato que cobre. Esta particularidade e sua situação no extremo das praias de areia de Massambaba, fazem-na um ponto inconfundivel. A ponta Negra é limpa e alcantilada como a praia de Massambaba e daí se une às terras altas na costa, que terminam com frequência, como na entrada do Rio-de-Janeiro, por altas barrancas, cujos frontões de granito se elevam verticalmente a muitas centenas de metros.

ILHAS MARICÁS — A 14 milhas ao W.¼ SW. da ponta Negra encontram-se dois pequenos ilhotes, afastados 3 a 4 milhas da costa. São de mediana elevação e se podem avistá-los de 8 a 10 milhas, oferecendo um fundeadouro bastante bom para o oeste. Esses ilhotes são limpos, podendo-se demandar em todas as direções e passar por eles a menos de uma milha de distância. No costa situada entre as ilhas Maricás e a ponta Negra, existem alguns lagos, dos quaes o maior, a lagoa Maricá, tem um diâmetro de 5 a 6 milhas. Antes de se chegar às Maricás, vê-se no continente uma montanha notavel pela sua forma muito semelhante ao Pão-de-Açucar, da entrada do Rio-de-Janeiro, e que por isso mesmo chama-se Falso-Pão-de-Açucar.

ILHAS REDONDA E RASA — Essas ilhas estão situadas de 6 a 7 milhas da entrada. São alcantiladas, tendo a Rasa cerca de 80 metros de altura e a Redonda 228 metros acima do nivel do mar. Pode-se passar indistintamente por leste ou oeste de cada uma delas, encontrando-se de 40 a 50 metros de fundo. A Redonda está a cerca de duas e meia milhas da Rasa. A pouco mais de 0.1 milha a SW. fica o Filhote-da-Redonda, com a mesma forma e 46 metros de altura. Ao SW. da Redonda, no alinhamento Redonda — filhote, a uma milha daquela, há uma lage, chamada lage da Redonda, quase sempre a descoberto perto de 2 metros de altura. Na

MCD 2018

ilha Rasa há um farol e um poste de telegrafia sem fio, farol que alterna luz branca e encarnada, elevado cerca de 95 metros sobre o nivel do mar.

ILHAS DAS CAGARRAS — Os portugueses deram-lhes um nome pouco cheiroso a essas ilhas. Nós, porem, sem substituir muitas letras, passamos a denominá-las de Cagarras. Formam um grupo de 7 ilhas, quasi a três e meia milhas NW. da ilha Rasa. Desse grupo sobressaem as ilhas Comprida com 74 metros de altura, Cagarra com 79 e Palmas com 31 metros. A lage da Cagarra, que é de pouca elevação, fica mais ao norte de todo o grupo. Há no seu extremo SE. um arrecife que deita por cerca de meia milha e que cobre e descobre. No canal que forma a ilha de Palmas com a costa, há profundidades de 15 a 20 metros e 40 a 50 entre as ilhas e a Redonda.

ILHA CONTUDUBA — De 59 metros de altura e meia milha leste da ponta do Leme, havendo entre ela e a costa um canal profundo.

ILHAS DO PAI E DA MÃE — Respectivamente a 1,5 e 0,7 milha ao oeste da ponta do Itaipú, junto a esta ponta e ligada a ela por meio de arrecifes, fica a ilha da Menina. Entre esta e a da Mãe há um canal, com 10 metros d'água, por onde se pode passar mantendo-se a meio canal para evitar um pequeno arrefice situado na ponta NE. da ilha da Mãe. Mas, o canal natural, tanto para quem vem do Rio-de-Janeiro, como para quem o demanda vindo de Cabo-Frio, é o canal entre Pai e Mãe, longo bem umas cinco milhas e com a profundidade de 35 a 40 metros.

ILHAS TIJUCAS — São um grupo de ilhas pequenas ao sul da Ponta da Gávea. A mais a leste, chamada do Meio, encontra-se ao SE. ¼S. daquela ponta, a uma milha de distância, e a mais ao SW. com 61 metros de elevação, ao S.37°W. a 11,7 milhas. Meia milha ao sul da ponta oeste da última, existe um arrecife à flor d'água.

A COSTA PROPRIAMENTE DITA — Da ponta de Copacabana, onde há uma fortaleza do mesmo nome até a ponta Grossa, extremidade oeste da restinga de Marambaia, numa extensão de 46 milhas, a costa corre numa direção geral W. SW. A ponta de Copacabana prolonga-se por uma

MCD 2018

restinga mergulhada na direção de E.SE., numa extensão de pouco mais de 0,1 milha e onde há quase sempre arrebentação. A ponta dos Dois-Irmãos, quase a 3,5 milhas da de Copacabana, é alta e escarpada. É dominada pelos dois picos do mesmo nome, juntos e semelhantes, tendo o mais elevado 533 metros de altitude. Do cabo da Gávea até a ponta de Guaratiba, numa extensão de quase 15 milhas, a costa é baixa, sendo o terreno no continente alagado muitas milhas para o interior, quando começam as elevações. A ponta de Guaratiba, de forma cônica, com cerca de 354 metros de altura, é a extremidade sul da cadeia de montanhas que envolvem o Rio-de-Janeiro. A oeste da referida ponta, há um canal estreito e pouco profundo, com 0,7 milha de largura e 3,6 metros de profundidade, que separa a restinga da Marambaia do continente. Essa restinga estende-se para o oeste mais ou menos 25 milhas. É uma língua de terra de areia, baixa, com a altitude máxima de 35 metros e terminando a oeste por uma grande elevação, chamada ilha da Marambaia, coberta de vegetação, com 630 metros de altura e visivel a 30 milhas.

ILHA GRANDE — Para o W.SW. de Marambaia encontra-se um verdadeiro mar interior, conhecido pelo nome de ilha Grande. Montanhosa, destacando-se pela sua forma e altura o pico do Papagaio, com 965 metros, e ainda maior, o pico chamado Pedra-d'Água com 990 metros a ilha Grande tem 17 milhas aproximadamente de extensão E-W por 7,5 de norte a sul e cuja costa NE. oferece o espetáculo de belas enseadas, conhecidas pelos nomes de Palmas, Abrão e Estrela, nas quais há fundeadouro para grandes navios, com 12 metros de fundo de lama. A uma e meia milhas ao norte da ponta-Grossa, entrada NW. da baía de Palmas, está a ilha Verde, coberta de arbustos no seu cimo e a uma milha ao NE. dessa ilha, avista-se a ilha da Árvore. Na costa meridional da ilha Grande encontra-se a baía de Dois-Rios, onde há uma colônia presidiária, a 5 milhas e meia para o oeste da ponta dos Castelhanos, havendo fundeadouro para pequenos navios. Proximamente a uma milha para o sul da ponta leste da baía está a ilha de Jorge-Grego, alcantilada, oferecendo na sua parte norte uma baía com fundeadouro para grandes navios. Dez milhas proximamente ao SW. da ponta de Acaia, que é a mais ocidental das pontas da ilha Grande , está cabo Joatinga, que forma o extremo SW. da enorme baía da ilha Grande.

BAÍA DA ILHA GRANDE — Toda a costa compreen-

MCD 2018

dida entre os cabos Guaratiba e Joatinga forma uma enorme baía, capaz de comportar fundeadas todas as esquadras do mundo reunidas, sendo maior que a celebrada baía de Guanabara, com duas entradas, uma leste de 5 milhas de largura, entre as pontas Castelhanos e Grossa-da-Marambaia e a outra a oeste de umas 8 milhas de largura, entre o cabo Joatinga e a costa ocidental da ilha Grande. A primeira dá entrada para todas as enseadas em que a ilha Grande se subdivide, e entre elas se encontra a de Sepetiba a leste, que ocupa uma extensão de 20 milhas L-W. por uma largura média de 6 milhas N-S.

BAÍA DE SEPETIBA — Desde a ponta do Sino que é o extremo NW. da ilha formada pelo morro e a restinga da Marambaia, estende-se um baixio de 3,5 metros d'água ao N. 31°W., 3 milhas, deixando entre ele e a ilha Cuaiba um passo de 0,7 milha, que é a entrada da baía de Sepetiba. Ela está protegida pelo morro e a restinga da Marambaia na sua parte meridional e obstruida na sua parte ocidental por numerosas ilhas e baixios, entre os quais há bons fundeadouros. O fundo varia de 3,5 a 25 metros de lama mole. Na parte oriental da baía encontra-se a ponta de Pedra com um ilhote imediato à sua parte leste. Dessa ponta, a costa segue ao NW. e à distância de uma e meia milha encontra-se a ponta Sepetiba, que forma uma baía arenosa, populada na parte leste. A cinco e meia milhas para o norte está a povoação de Santa-Cruz.

Das ilhas da baía de Sepetiba, a maior é a conhecida pelo nome de Itacurussá, com 344 metros de altura. Ao nordeste, a pequena distância dela, figuram as duas pequenas ilhas do Gato, e mais a ilha Madeira, com 245 metros de altura, separada do continente. Entre a de leste, que é a Madeira e o continente há um canal com pouco fundo e estreito. Entre esta e a de Itacurussá, que é a de oeste, há, tambem um canal onde se pruma de 2 a 5 metros e que dá acesso ao saco da Coroa-Grande, de ainda menor profundidade. Ao SE. de Itacurussá, ficam as ilhas Martins (73 ms.), Cobras, Lage-Branca, Socó-de-Martins (40 ms.) e Lage-Preta, que deixam entre si canais profundos.

A Pedra-Branca, situada ao Sul da ilha de Itacurussá, é um grupo de pedras, de cor branca e por isto bastante notavel. Ao SW. de Itacurussá e a pequena distância, separada por canal, vê-se a ilha de Sororoca, ficando a lage que tem seu nome ao W.SW da ilha, na distância de meia milha, e onde se pruma 9.2 metros d'água. Ao norte da ilha de Sororoca, distante da de Itacurussá menos de 0.2 milha, vê-se a lage do

MCD 2018

Pascoal, com um fundo de 3.3 metros, fundo de pedra. Da ponta NW. da ilha de Itacurussá para o SW., ha um cordão de ilhas, proximamente no mesmo alinhamento, que se chamam: Jardim (21 m.), Batuque (20 m.)., Socó (20 m.). Ao sul da ilha do Socó, a menos de 0,2 milha, vê-se a lage do Farolete, com fundo de 5.3 metros.

PARTE LESTE DA BAÍA DA ILHA GRANDE — A parte leste da baía da ilha Grande tem uma largura de quase 10 milhas, e vai estreitando para Oeste, até o estreito canal entre a ilha dos Macacos e a ponta do Leme, onde tem cerca de uma milha.

Há muitas enseadas e baías do lado do continente, porem, quase todas desabrigadas dos ventos de SE. e SW. e do mar que esses ventos levantam. As do lado norte da ilha Grande, oferecem, no entanto, excelentes fundeadouros. A enseada da Tapanhunacanga, que fica na sua parte W. do lado do continente, é relativamente abrigada do vagalhão morto que entra pela barra, mas desabrigada do vento do SW. Em sua parte oeste fica a lage do Maciel, pedra isolada, onde se pruma 8 metros. Para leste da referida enseada, há uma pequena enseada, chamada de Sororoca e uma outra chamada de Jacareí. Nesta última fica a ilha de Sororoca, com uma restinga de pedras mergulhadas. Esta ilha abriga um fundeadouro para pequenos navios, situado entre ela e a praia, onde há pequena povoação, ligada à cidade de Angra-dos-Reis e de Mangaratiba por linha regular de pequena cabotagem. De uma a três milhas a leste da ilha de Sororoca, ficam as ilhas Arrependidos (60 m.), Cutiatá-Assú (130 m.) e Cutiatá-de-Fora; esta última é um aglomerado de pedras sem vegetação.

Entre elas e o continente há canais isentos de perigos. Ao norte da ilha Cutiatá-de-Fora, e a pequena distância da costa, fica a ilha Cutiatá-Mirim.

A ilha dos Macacos (122 m.) é separada da ponta mais norte da ilha Grande por um estreito canal, cheio de pedras e acessivel, nas marés altas e embarcações miudas.

No saco formado entre a parte a leste da ilha dos Macacos e a ilha Grande, ficam as ilhas do Arpoador, das Pombas e Japariz. Nesse saco chamado da Freguesia, há uma povoação. A ilha do Pau-a-Pino, cerca de 4 milhas ao N. NW. da ponta dos Castelhanos, com 23 metros de altura, é rochosa, de paredes a pique, com pouca vegetação.

BAÍA DE MANGARATIBA — É a maior concavidade

MCD 2018

formada na parte leste da baía da ilha Grande. É pouco profunda. E' desabrigada do vagalhão do largo, que quebra na praia de São-Braz, situada no seu extremo NW. Na sua parte leste está a vila de Mangaratiba. À entrada da baía de que estamos tratando, vê-se a ilha Guaiba ao SE. Essa ilha tem duas elevações principais (214 m. e 174 m.) próximas ao extremo leste e oeste, com um cavado entre elas, o que lhe dá com sua cor mais escura, aspecto característico quando olhada da barra. A cerca de 1.2 milha de Guaiba, quase ao nivel do mar, fica a lage de Mangaratiba, de cor enegrecida, podendo ser abordada em todas asdireções.

ENSEADAS DO ABRAÃO E PALMAS — Situadas na parte NE. da ilha Grande, são profundas e abrigadas, sendo que a primeira não o é muito dos ventos do SW., e a segunda dos ventos do NE. À ennseada do Abraão, em sua parte leste, há a ilha dos Morcegos, baixa com fraca vegetação e no seu interior as ilhas do Macedo, ligadas à terra por baixos fundos de pedra e areia. A ilha do Abraãozinho, extremidade oeste da enseada, fica a uns 100 metros da ponta do Abraão e tem um profundo canal. A ilhota do Amolá fica junto à costa, entre as enseadas do Abraão e das Palmas; há um pequeno canal entre ela e a costa. A ilha do Meio (20 m. a 1.6 milha NE. da ponta do Abraão, tem na direção de SW. uma pequena restinga de pedra, onde sempre o mar arrebenta. Na parte SW. da enseada ficam as edificações do antigo Lazareto, e, na parte sul há uma povoação de pescadores, com duas fábricas para fazer bacalhau do tubarão e encaixotar outros pescados, tendo uma ponte com um guindaste na cabeça, que se está arruinando por falta de trato. A ponte que existe para servir o Lazareto está em ruinas em grande parte dela. Do Abraão há comunicação com a Colônia dos Dois-Rios, através a montanha, a cavalo ou a pé.

A enseada das Palmas é separada da do Abraão pela ponta Grossa, que é alta, cai a pique no mar e pode ser aproximada a curta distância. A ilha das Palmas (83 m.) a 0,4 milha NE. da ponta Cafua, extremidade leste da enseada, coberta intensamente de palmeiras, é de cor escura e, vista de leste, destaca-se no fundo mais claro da ilha Grande.

ENSEADAS DA ESTRELA E DO CÉU — A enseada da Estrela, que é logo a seguinte depois da do Abraão e ao oeste desta, é funda e isenta de perigos. A enseada do Céu, formada ao NE. da da Estrela, ligada a ela por uma estreita

MCD 2018

e pequena entrada, é completamente obrigada, sendo o mar sempre espelhado, numa tranquilidade impressionante, razão pela qual foi mui justamente chamado do Céu.

PARTE CENTRAL DA BAÍA DA ILHA GRANDE — A parte da haía, situada ao NW. da ilha Grande, é a mais recortada e a mais cheia de perigos.

No continente, notam-se: a baía de Jacuacanga, o porto de Angra-dos-Reis e a grande baía da Ribeira. Do lado da ilha Grande, há: o saco do Bananal e as enseadas do Sítio Forte e Araçatiba. As ilhas Itacuatiba (45 m.) e Saracura, ficam a 0.8 e 2.2 milhas, respectivamente, ao NW. da ilha dos Macacos e são cobertas de vegetação rala e pobre. A lage dos Homens, onde bateu o transporte "Carlos Gomes", da nossa Marinha, e a ilha Guaxima ficam a menos de 2 milhas ao NW. da ilha da Saracura. As ilhas de Porcos, a 1.5 milha SW. da lage dos Homens, são um grupo de três ilhas: Porcos-Grandes (76 m.), coberta de vegetaçção escura, Porcos-Pequenos (31 m.), com vegetação baixa, verde clara, com duas elevações nos extremos, abaixando para o centro e ilhota de Porcos. A lage Preta, a 0.2 milha NE. da ilha de Porcos-Pequenos, é de cor enegrecida e de formato regular. As ilhas de São-João, entre 0.5 e uma milha a oeste da ilha dos Porcos-Pequenos, são um grupo de várias ilhas de pouca vegetação. As duas de leste, chamadas Botinas, são notaveis pelo aspecto de um par de botinas. A lage preta do Algodão a 0.5 milha ao SW. das ilhas de São-João, é preta mesmo, baixa e só visivel de perto.

As ilhas Imboassiva (49 m.), Queimada-Grande (40 m.) e Queimada-Pequena ficam a cerca de 1.5 milha ao Sul da ilha de Porcos-Grandes. O Zatim é um aglomerado de pedras escuras de pouca elevação ao NE. da Queimada Grande. A ilha de Jipóia (280 m.) é a maior e a mais elevada da ilha Grande. É recortada por várias enseadas, oferecendo, ao leste e norte, fundeadouros abrigados contra o vento de SW. As suas partes oeste e sul, são desabrigadas e batidas pela vaga do largo. Em sua parte NE. e praticamente ligada a ela fica a ilha da Piedade e a 0,3 milha ffica a do Almeida (32 m.). A oeste da Jipóia, distante cerca de 2 milhas ficam as ilhas dos Búzios (46 m.), Pedra-Pelada, Búzio-Pequeno (19 m.), Cobras (31 m.), Papagaios (25 m.) e Zatim, que é um grupo de pedras, sem vegetação. Ao SW. da ilha Jipóia, a 3 milhas, fica a lage do Coronel, baixa, sem vegetação, e, a 4 milhas ao Sul da mesma ilha, ao NW. da enseada de Araçatiba, demora a

MCD 2018

lage Branca, tambem baixa, sem vegetação, e de cor esbranquiçada.

BAÍA DE JACUACANGA — Situada na parte norte da baía da ilha Grande. Entre a ilha dos Macacos e o continente há um canal de mais de uma milha de largura, com fundos de 20 a 40 metros, que em direção NW. leva à baía de Jacuacanga. Esta é grande com cerca de 2 milhas de extensão em seus diâmetros, com fundos de 10 a 19 metros. Acha-se dominada na sua entrada por dois montes, um a leste de 540 metros de altura e outro ao oeste de 280 metros, sendo que este separa essa baía da de Angra-dos-Reis, que, por sua vez, é dominada ao oeste por outro monte de 470 metros de altura. A baía de Jacuacanga é aberta ao SW., sofrendo por consequência os efeitos do vento de SW., o mais comum na ilha Grande e o mais violento e que lhe vem na normal, levantando muito o mar. Na ponta leste, sobre o morro referido, elevado 70 metros, há um obelisco de cantaria, erguido alí em homenagem às victimas da explosão do encouraçado — "Aquidaban" —. Na sua parte NE. ficam as ruinas de um velho convento, pouco visivel do largo e mais para o interior, logo às primeiras elevações, nota-se um grande edifício pintado de branco.

Na parte oeste da baía, ficam as ilhas das Duas-Irmãs, Peregrino e Cataguai. São ligadas por um baixo fundo de areia e pedra, que se estende da costa, desde a ponta do Peregrino até as lages Brancas. Estas são um aglomerado alto de pedras esbranquiçadas, sem a menor vegetação e muito notaveis. Há, tambem, as lages Pretas a meia milha a leste das Brancas, que são um aglomerado de pedras, porem, pretas, sem vegetação e descobrindo nas marés cheias apenas alguns cabeços. A lage de Frade, a NW. da Preta e próximo à ponta do Solapado, é tambem um amontoado de pedras brancas, de pouca elevação e sem vegetação. A meia milha ao NE. da lage do Frade, fica a ilha do Cacavo (30 m. altura), e à quase uma milha a leste a lage Grande, amontoado de pedras pretas, parecido com as lages Pretas, mas de maior elevação. Por fim, a ilha Moreno (55 m. altura) ligada à terra por uma llngua de areia, destacando-se da costa por sua vegetação escura.

ANGRA-DOS-REIS — Entre as baías de Jacuacanga e a da Ribeira, encontra-se a baía de Angra-dos-Reis, hoje transformada em porto, com cais de atracação, armazens de impor-

MCD 2018

tação de trigo, quase todo ou todo vindo da República Argentina e cujos navios levam como carga o café de Minas-Gerais e outros produtos menos importantes. Perto do cais vem morrer uma estrada de ferro mineira.

A parte NE. é pouco profunda. Nela se encontra a ilha dos Coqueiros e várias pedras descobertas. Só é navegavel por embarcações miudas. Na parte NW. fica a cidade de Angra-dos-Reis, edificada no continente. Na parte leste faz-se um grande aterro, avançando para o mar, onde há o cais referido acima.

Na parte W. da baía, na enseada Batista-das-Neves, fica a Escola de Especialização para Marinheiros, do Ministério da Marinha.

Ela é ligada por uma estrada macadamizada à cidade de Angra-dos-Reis. Possue uma ponte de concreto armado. Na entrada do porto de Angra-dos-Reis, fica a ilha do Calombo, junto à ponta da cidade; a ilha do Maia (48 m.), de vegetação escura, está na parte oeste da entrada. Mais ou menos a 0,2 milha E.SE, da ilha do Maia, vê-se o ilhote do Maia, e entre a ilha e o ilhote há um canal estreito com 6 a 8 metros d'água. Ao norte da ilha do Maia, distante da terra quase 0,1 milha, está a ilha do Senhor-do-Bonfim, baixa e onde há uma igreja do mesmo nome. Quase defronte da enseada Batista-das-Neves, vê-se uma ilha muito pitoresca chamada Francisca, onde há um chalé estilo holandês muito elegante, construido na parte mais alta da ilha, bem no seu centro, envolto por fortes arvoredos.

A cidade de Angra-dos-Reis foi muito comercial e próspera no tempo do Império. Hoje, a pesar do seu porto, a cidade está em decadência.

BAÍA DA RIBEIRA — Na parte norte da baía da iiha Grande, a oeste do porto de Angra-dos-Reis, com grandes profundidades, muito recortada, oferecendo inúmeros fundeadouros abrigados. Apresenta três principais enseadas: Bracuí, na parte W., Ariró ao Norte e Japuiba a Leste. Na entrada oeste da baía, ao NW. da ilha Jipóia, ficam as ilhas Josefa (43 m.); Redonda (34 m.), Brandão (49 m.) e Pau-aPino (17 m.) está última de pouca vegetação e cor arroxeada. Os parcéis da Pitanga e do Pingo-d'Água, a leste da enseada do Piraquara-de-Fora, são pedras pouco elevadas e sem vegetação. A ilha Sabacú (16 m.) a uma e meia milha N. NW. da ponta Escalvada, extremo Norte da Jipóia, tem cor clara, com pouca vegetação, erredondada e de forma regular. A lage

MCD 2018

Branca, a uma milha NE. da ilha Sabacú, é de pouca elevação, esbranquiçada e sem vegetação. O parcel do Aleijado, a 2 milhas norte da ilha Sabacú, é uma pedra de grande extensão, pouco elevada. No lado leste da Ribeira e ao sul da enseada de Japuiba, vê-se a capela da freguesia da Ribeira, pintada de branco; e na parte norte da enseada de Bracuí as edificações de um antigo engenho.

ENSEADAS DE SÍTIO-FORTE E ARAÇATIBA — Situadas na parte NW. da ilha Grande, profundas e bem obrigadas. O morro do Pilão (412 m.) é cônico, descendo em declive suave até a ponta Grossa-de-Sítio-Forte, que separa as duas enseadas. Ao oeste e ao SW. da ilha dos Macacos, ficam as ilhas Aroeira, Comprida e Redonda, que formam com a costa canais navegaveis.

A lage Branca é baixa, esbranquiçada e sem vegetação e sobre ela vê-se um farolete.

PARTE OESTE DA BAÍA DA ILHA-GRANDE — Na sua parte SW. notam-se a baía de Paratí, as enseadas de Paratí-Mirim e do Pouso e o saco de Mamanguá. As partes norte e oeste dessa parte da baía da ilha Grande são quase totalmente acompanhadas até cerca de 3 milhas da costa por grande quantidade de ilhotas e perigos submersos, que não permitem dentro desse limite navegação livre e desembaraçada senão com conhecimento local.

No lado norte fica a ilha do Sandrí (134 m.) e ao NW. dela, no continente, fica a vila de Mambucaba onde se vê uma igreja branca. Em frente dessa povoação e próximo da costa, está a ilha do Algodão. O pico do Frade, com 1620 metros de altitude, situado no continente ao norte da ilha do Sandrí. É o pico mais notavel por sua altura da cadeia de montanhas que borda a parte norte da baía da ilha Grande. Termina por uma grande pedra sem vegetação, apresentando quando vista de certas direções a forma de um capuz de frade.

BAÍA E CIDADE DE PARATÍ — Formada por uma reentrância da costa na parte SW. da ilha Grande, tem na sua entrada grande número de ilhas. A não ser estreito canal entre sua parte leste e as ilhas Comprida, Sapé, Malvão, Micos, Cachorro, Bexiga e a costa, toda a baía é baixa só podendo ser navegada por embarcações miudas. Na sua parte SW. está edificada a cidade de Paratí. A cidade é pitoresca, embora sem recursos aos navegantes. Tem uma bela e rica igreja.

MCD 2018

Liga-se, por pequena cabotagem a Angra-dos-Reis e pelo telégrafo a todo o Brasil. As embarcações até 2,5 metros podem atracar a uma ponte.

É histórica porque dela partiu o grande Caxias para sufocar a revolução paulista de 1842.

COSTA — Desde a ponta Cairoçú ao SW. do cabo Juatinga à distância de 7 milhas corre a costa para o SW. ¼W., 15 milhas até a baía e cidade de Ubatuba, aberta a leste e formada ao sul uma língua de terra que termina na ponta Grossa, já na costa paulista. A ponta Cairoçú, é uma montanha alta com 1.070 metros, com dois picos a 5 milhas para o oeste do cabo Juatinga. A 7 milhas SW. do cabo Juatinga, fica a ponta Cairoçú e entre ela e a ponta da Trindade, a costa é bastante recortada de enseadas, abertas ao sul.

De ponta da Trindade até a da Cruz, 7 milhas para o oeste, a costa segue na direção oeste ¼ para o SW., formando proximamente a meio, pequena enseada entre as pontas Camburí e Brava. Ao norte dessa enseada a 4 milhas para o interior, eleva-se o morro do Registro com 1.398 metros de altitude.

A oeste da ponta da Cruz, a costa forma as enseadas de Picinguaba e Batumirim, que não são bons fundeadouros, por serem expostas aos ventos do SW. Mais para o sul daquela ponnta, ficam as ilhas Comprida e das Couves (110 m.) estando esta da costa mais ou menos milha e meia. A ilha Rapada (70 m.) a duas milhas e meia da das Couves.

BAÍA DE UBATUBA — Da enseada Batumirim, segue a costa numa extensão de quasi 5 milhas para SW. até a ponta do Respingador, formando até a ponta Grossa, a baía de Ubatuba, e na sua parte oeste, ergue-se a cidade do mesmo nome.

Tem pouca importância comercial essa cidade, sendo ligada por pequena cabotagem aos demais portos da costa, e pelo telégrafo a todo o Brasil.

Há estrada de rodagem, que a liga, tambem, ao Estado de São-Paulo, de que faz parte.

ILHA DOS PORCOS — A quase 4.5 milhas ao SW. da ponta Grossa, com 340 metros de altitude, fica essa ilha. É separada da ponta do Espia, no continente, por um canal estreito, mas isento de perigos e bastante profundo, chamado canal do Boqueirão. Ao NE. e a leste, bem próxima dela, ficam

MCD 2018

as ilhas das Cobras e das Palmas, onde há uma enseada e em cuja parte sul fica a colonia correcional do Estado de São-Paulo, que possue uma estação de radio-telegrafia para seu uso próprio.

BAÍAS DO FLAMENGO — FORTALEZA E MAR-VIRADO — Entre as pontas do Espia e Cações, 9 milhas ao SW. a costa forma três grandes enseadas, que oferecem fundeadouros pouco abrigados dos ventos de SE. e SW. São as três baías. A única das três que não dá o menor abrigo contra os ventos e mar resultantes, é a do Mar-Virado, e sendo tambem a de menor profundidade.

A serra do Mar, que nesse trecho acompanha a costa por 5 milhas para o interior ao NW. da baía da Fortaleza, tem um pico chamado do Corcovado com 1.310 metros de altura e o mais elevado das proximidades.

A ilha do Mar-Virado (100 m.) fica a cerca de 2 milhas ao sul da ponta do Cedro, que separa as enseadas da Fortaleza e do Mar-Virado. Entre ela e a costa há vários ilhotes e pedras descobertas.

COSTA — Da ponta dos Cações até a de Martim-de-Sá, a costa segue por 9 milhas na direção geral de W.SW. e daí para o sul, como uma grande praia, formando a enseada de Caraguatuba, até a ponta do Arpoar.

Ao norte da ilha do Tamanduá, cerca de 4 milhas da ponta dos Cações e separada por estreito canal de arrecifes, está a pequena enseada do Tamanduá, de pouco fundo e desabrigada.

A vila de Caraguatuba, a oeste da ponta Martim-de-Sá, é quase toda de propriedade inglesa, havendo grande centro de exportação de frutas, principalmente laranjas e bananas, que são transportadas até o cananl de São Sebastião, onde são embarcadas em navios ingleses da Companhia "Blue Star Line" apropriados a esse gênero de comércio.

ILHA DE SÃO SEBASTIÃO — Tem 14 milhas de extensão e se acha separada do continente por um canal do mesmo nome com 1 a 3 milhas de largura, profundo junto à ilha, diminuindo sensivelmente a profundidade à proporção que se aproxima do continente.

É muita alta, tendo o seu cimo mais elevado, chamado de São-Sebastião, a altitude de 1.380 metros. É coberta de vegetação frondosa e as suas costas são escarpadas, descendo em

MCD 2018

forte declive até o mar. Com tempo claro é visivel a 45 milhas de distância. Na sua parte leste, vê-se a baía de Castelhanos, isenta de perigos, mas aberta ao SE., levantando dentro dela vagalhões produzidos pelo vento SE., que é o predominante nesse trecho da costa. Na parte sul da haía de Castelhanos há uma enseada bem protegida chamada do Sombrio. A parte leste se estende quasi norte-sul, e da sua ponta, a parte sul corre a W.¼ NW.

CANAL DE SÃO SEBASTIÃO — Magnífico canal, extraordinariamente pitoresco, corre entre a costa oeste da ilha do mesmo nome e o continente. Oferece a grandes navios excelente fundeadouro abrigado e seguro. Esse canal corre na direção S.SW por 12 milhas a começar da ponta das Canas, extremidade NE. da entrada. A sua profundidade varia entre 16 a 52 metros.

VILA-BELA-DA-PRINCESA — Como diz a palavra, é uma vila em frente à qual se fundeia constumeiramente. Está na ilha de São-Sebastião, na sua parte oeste a três e meia milhas da ponta das Canas, que dá entrada ao canal. Quase defronte dessa vila e a 2,5 milhas dela, está, no continente, erguida outra vila maior e mais importante, chamada de cidade de São-Sebastião. É interessante notar que estando Vila-Bela-da-Princesa, na ilha de São-Sebastião e a de São-Sebastião no continente, não se houvesse preferido inverter os nomes, como seria mais lógico. Na vila de São-Sebastião há uma igreja muito visivel por ser bem grande. Liga-se a São-Paulo por estrada de rodagem e a todo país por telégrafo. Atualmente o Estado de São-Paulo constrói um cais que não está totalmente pronto, mas cuja necessidade se evidenciou com o aumento progressivo da exportação de laranjas e bananas para a Europa.

Quase no fim do canal, bem próximo ao continente, há uma lage chamada dos Moleques, que é o único perigo existente em todo canal e que está demarcada por um farolete. A ponta da Sela é o extremo oeste do canal de São-Sebastião. A parte do canal do lado do continente, é bordada até uma milha ao sul da vila de São-Sebastião por um banco de areia, cuja profundidade, é, em certos lugares, de 5.5 metros, baixando em sua maior extensão a 1 metro d'água.

Na entrada norte do canal esse banco se estende a cerca de duas milhas para leste da ponta Arpoar, mas para o sul vai se aproximando do continente diminuindo a sua largura.

MCD 2018

COSTA — Da ponta da Sela, corre a costa para o oeste até a ponta Manduba, extremidade leste da baía de Santos, formando uma concavidade de grande raio e esta forma é que justifica ser chamada a baía de Santos de golfo de Santos, principalmente pelos europeus. A serra do Mar acompanha a costa a pequena distância para o interior.

A ponta Manduba é o extremo sul da ilha de Santo-Amaro, que é separada do continente pelo conhecido canal da Bertioga, estreito e pouco profundo, permitindo a navegação somente a pequenas embarcações. Esse canal começa em frente ao porto de Santos, encontrando o mar quasi a 14 milhas NE. da ponta Manduba, onde forma a denominada barra da Bertioga, baixa ao norte e alta ao sul. Deixando-se o canal de São-Sebastião, encontra-se do lado do continente, a ilha do Toque-Toque, com 120 metros de altura e a 3,5 milhas ao NW. da ponta da Sela e a 17 milhas dessa ponta, vêse a ilha do Montão-do-Trigo, com elevação de 300 metros, de forma cônica e com alta vegetação até o cimo.

Olhando-se para o mar, distingue-se o arquipélago de Alcatrazes, grupo de ilhas quasi desnudas, situadas a quase 17 milhas ao SW. da ponta da Sela, sendo a maior delas de cerca de 270 metros de altitude. A duas milhas NW. dessa maior fica a do Paredão, e ao NE., na mesma distância, ficam mais três ilhas menores. Na ilha do Porto, nesse arquipélago, há um farol. A 30 milhas do W. SW. desse arquipélago, demora a lage de Santos, pequena ilha, esbranquiçada com quase 33 metros de altura, tendo sobre ela um farolete.

GOLFO DE SANTOS — Entre a ponta Manduba e a de Itaipús, a seis e meia milhas a oeste, a costa forma uma grande concavidade, que de Itaipús à ponta do Boi abre-se ao oceano, e que por isso mesmo justifica a denominação européia de golfo de Santos a que nós chamamos impropriamente de baía de Santos. Ao norte, vê-se a ilha de Santos, separada do continente a oeste pelo rio São-Vicente, pouco profundo e a leste da ilha de Santo-Amaro por um braço de mar estreito, profundo, que dá acesso ao porto de Santos, situado ao NE. da ilha de Santos.

Os extremos leste e oeste do golfo de Santos são elevados e cobertos de escura vegetação. Na extremidade oeste da ponta de Itaipús a costa é baixa até a base das montanhas, a certa de 10 milhas para o interior, montanhas que fazem par-

MCD 2018

te da serra do Mar, sendo denominadas, nesse trecho, de serra do Cubatão.

A parte leste da ilha de Santos é baixa e a cerca de 2 milhas para o interior destaca-se o monte Serrat com 165 metros de altura e em cuja parte mais alta vê-se grande edificicação e uma estação de signais. Na parte leste do golfo de Santos, junto à costa, destaca-se a ilha das Palmas, onde há muitos anos havia um posto alfandegário. A ponta Grossa da barra ao sul da ilha das Palmas, pode ser identificada a grande distância por um anúncio que consiste em duas palavras com 6 letras pintadas de branco, ocupando uma extensão de uns 60 metros e colocadas a cavaleiro da ponta. A NE. do golfo, ao se demandar o porto, fica o forte da Barra-Grande junto ao qual se passa agarrado. O porto consiste de cais de atracação, com armazens da alfândega, construido na parte leste da ilha de Santos, sendo a sua parte comercial situada ao norte, junto ao cais, onde começa a cidade de Santos que se estende ao longo da praia de José-Menino e, para leste, na ilha de Santo-Amaro, onde existem vários arrabaldes.

O porto propriamente dito é um canal que junto ao cais dá fundo de 5.5 a 9 metros, abrigado dos ventos, menos dos de NW. que produzem grande correnteza e levantam altas carneiradas. A 2,6 milhas do forte da Barra-Grande, dentro do canal, em ambas as suas margens, ficam as torres suportes dos cabos condutores de energia eletrica que atravessam o canal, uma em cada margem, com 85 metros de altura, afastadas 523 metros, suportando 6 cabos de aço, com catenaria de cerca de 115 metros. Na parte superior dessas torres, há luzes vermelhas fixas para a noite.

RESUMO — *Tiu ĉi artikolo estas la daŭrigo de la vojplano de l' brazila marbordo kaj rilatas al la interspaco inter Cabo-Frio kaj Santos. La aŭtoro, kiu nun estas emerita admiralo, montras, ke li bone scias la aferon, pri kiu li eĉ en ĝiaj malgrandaj detaloj sin priokupas.*

La daŭrigo de tiu ĉi artikolo aperos en la proksima numero.

MCD 2018

MCD 2018

ELOGIO GEOGRÁFICO-HISTÓRICO DO ALMIRANTE BARÃO DE TEFÉ

Lido em sessão comemorativa do centenário do seu nascimento, na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, pelo Comandante Cesar Feliciano Xavier, do Conselho Diretor.

Certo causará estranheza que a Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro, dentre seus muitos e ilustres membros, fôsse escolher o modesto orador para uma tão alta finalidade: qual a de fazer o *Elogio geográfico-histórico do Almirante Barão de Tefé, um dos maiores geógrafos brasileiros.*

Sócio fundador desta Sociedade de Geografia, que lhe concedeu a Medalha de Mérito Científico e na qual sucederia ao renomado Conselheiro Henrique de Beaurepaire Rohan como Vice-Presidente, cargo que exerceu por longos anos, em várias investiduras, posto que lhe conferira também o Instituto Politécnico, o Almirante Barão de Tefé, titular do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, era ainda figura proeminente da "Société de Géographie Commercielle de Paris", da Sociedade de Geografia de Lisbôa, do Conselho Diretor da Sociedade Central de Imigração, da Trinity Historical Society, de Dallas, no Texas.

Mas, é que o nosso Presidente, o mui ilustre General Moreira Guimarães, Benemérito desta Sociedade, tinha notícia de havermos nós em 1929 feito ao Club Naval a proposta seguinte: Completando-se 75 anos, três quartos de século, portanto, que a Marinha de Guerra Brasileira passou a ter entre a sua oficialidade aquele que hoje é o venerando Almirante Barão de Teffé, parece-nos que mui justo seria que, no próximo dia 11 de Junho, data da maior batalha naval sul-americana, realizássemos uma comemoração especial junto a êsse Varão, que atualmente é o único sobrevivente dos comandantes naquela jornada memorável.

Cometeu-nos dess'arte o General Moreira Guimarães tão ingente tarefa, no pressuposto de que um admirador só se faz pelo conhecimento da fonte de sua admiração... Daí, certo promanou seu gesto cometendo-nos essa honraria, agradável seguramente, mas da maior responsabilidade, em face do objetivo e

MCD 2018

local em que é lido êste "Elogio" de um tão ilustre membro das Academias de Ciências de Paris e de Madrid, e sôbre cuja passagem centenária, há quáse um ano, o Marquez de Faria, nosso distinguido sócio correspondente em Lisbôa e que nos honra pessoalmente com sua amizade, lembrara-nos a necessidade da sua consagração, tal qual está ocorrendo no Brasil, e que por sua ação, principalmente, ora se presta em Portugal.

PROGÊNIE

Naquele mesmo ano em que desapareceria dentre os vivos o fundador da "Sociedade defensora da liberdade e independência nacional", o egrégio Evaristo Ferreira da Veiga, cujo centenário de sua morte completa-se no próximo dia 12; naquele 1837 e nêste mesmo Rio-de-Janeiro, torrão natal dêsse grande *moderado,* vinha ao mundo Antonio Luiz von Hoonholtz, o futuro Barão de Tefé, almirante da Marinha de Guerra Brasileira. Grande do Império do Brasil, veador de S. Majestade Imperial, o hoje legendário Tefé, que daria em Corrientes as primeiras provas daquela bravura que o exaltaria seguidamente em Riachuelo, Mercedes, Cuevas, Passo da Pátria e Itapirú, onde, debaixo da metralha inimiga, foi um impertérrito defensor da liberdade e independência nacionais.

Minhas senhoras e meus senhores!

À Marinha coube apresentar ao mundo o primeiro brasileiro de renome universal, o Almirante Salvador Corrêa de Sá e Benavides, Almirante dos Mares do Sul, o maior guerreiro de seu tempo, a par de administrador e escritor militar proficiente. Era êle excelso filho do Rio de Janeiro, êste mesmo Rio de Janeiro que ao Brasil daria o almirante que lográmos conhecer *de visu,* mais aureolado pelos serviços prestados à Pátria e às ciências: o Almirante Barão de Tefé, filho de D. Maria Cristina, neta de um célebre almirante holandês, e do Conde Francisco Guilherme, veterano das guerras do sul, herói em Ituzaingó: o ditoso casal von Hoonholtz.

O futuro hidrógrafo e astrônomo distinto Antonio Luiz von Hoonholtz, após brilhante curso na Academia de Marinha, ingressou no oficialato da armada brasileira no ano de 1854, memorável ainda por se assentar, num dos estaleiros do Arsenal do Rio de Janeiro, a quilha do primeiro navio de guerra movido a hélice construido em nossa Pátria, o qual seria lançado ao mar no ano seguinte, patenteando o progresso e atividade da construção naval, entre nós, por essa época.

MCD 2018

O MARINHEIRO CIENTISTA

Em princípios dêsse ano de 1855 rumara ao Prata a esquadra imperial, forte de 19 navios, dos quais 10 já a vapor, e todos ao mando supremo do ilustrado Almirante Pedro Ferreira de Oliveira, co-provinciano de von Hoonholtz, preclaro chefe de esquadra a quem foi cometido o importante ajuste de limites com o Paraguai e a garantia da livre navegação no Rio da Prata.

Nesta expedição, científica, política e militar, enviada ao Paraguai, seguia, no vapor "Camaquan", o recem-promovido guarda-marinha von Hoonholtz, para ela escolhido, mau grado ter apenas dezessete anos de idade, em vista "do brilho e notável distinção com que havia completado o curso", como se lê na décana das revistas nacionais, a *Revista Marítima Brasileira,* ano de 1910.

Reformada em 1858 a "Escola de Marinha", o 4º ano de aplicação do curso teórico dessa escola constituía a chamada viagem de instrução. Pois bem, nessa viagem da célebre corveta "Baiana", — na qual, "montando com felicidade inaudita o cabo de Horn, debaixo de temporal desfeito, Barroso consagrou-se *lobo do mar",* no dizer de Tefé, êsse jovem oficial, então com 21 anos incompletos, nela viajava com a patente de 2º Tenente e na qualidade de professor de hidrografia, assim instruindo a primeira turma de guardas-marinha (turma de Custódio de Melo) que fazia viagem de circumnavegação.

Regressando ao Rio-de-Janeiro, von Hoonholtz trazia manuscrito o primeiro "Tratado de Hidrografia" que se publicou em língua portuguesa. Êste livro foi aprovado pelo Conselho de Instrução e adotado para o curso da Escola de Marinha. E a isso, que se lê na sua fé de ofício, Prezalindo Lery Santos, seu consócio nesta Sociedade, no precioso "Pantheon Fluminense", R. J., 1880, acrescenta: "Essa obra... foi publicada oficialmente e o Sr. Hoonholtz obteve um prêmio do govêrno imperial" e seria mais tarde, lembraremos nós ainda, o Diretor Geral do Serviço Hidrográfico do Império.

Tivemos sob os olhos um exemplar dêsse bem feito "Compendio de Hydrographia" (compilado por Antonio Luiz von Hoonholtz, Primeiro Tenente da Armada — R. J., 1864) dedicado de Brest em 1859 ao chefe de esquadra Joaquim José Ignacio, o mui ilustre marinheiro que foi depois o célebre Visconde de Inhaúma. Nêle von Hoonholtz claramente escreve: "Dirigi então as minhas vistas sôbre as obras de Salneuve, Biot, Begât, Dr. Müller, Dubois, etc., donde colhi o que mais relação tinha

MCD 2018

com a hidrografia, e ora consultando um autor, ora outro, fui compilando e organizando êste compêndio pelo qual explicava durante a aula." Eis, senhoras e senhores, a franqueza marinheira de seu caráter comprimindo a natural vaidade dos homens de ciência.

SEU FEITIO MORAL

Essa lealdade tão característica dos homens do mar, essa franqueza sempre mui apreciada em todos que com ela naturalmente são exornados, temo-las freqüentemente patenteadas nos escritos de Tefé. Assim, nas suas "Memórias", em a parte referente a "Monumento a Barroso", lê-se: "Ao romper a guerra com o Paraguai, o Almirante Tamandaré subdividiu a esquadra estacionada no Rio da Prata em duas divisões, confiando o comando de uma delas ao chefe Barroso.

Dessa divisão fazia parte a canhoneira *Araguari,* de meu comando.

Vem a propósito consignar aqui certos característicos peculiares a êsse chefe e que servem a explicar a situação pouco simpática de que gozava entre alguns de seus comandados, *antes* do nosso comum batismo de fôgo.

Sua vida austera, seu tom sêco e rude, sua fisionomia severa, não eram predicados de molde a inspirar simpatia aos mais jovens comandantes. É ridículo o que vou dizer mas não importa..." Que nos perdôe o ilustre Almirante. Não é pròpriamente ridículo, mas antes a clássica e, em si, verdadeira franqueza rude do marinheiro... e voltemos às suas palavras: "Acrescentarei ainda um traço fisionômico que me causara impressão desagradável desde o nosso primeiro encontro; uma transgressão aos preceitos da moda de então: Barroso usava a cara raspada, o que me parecia anti-estético para um almirante brasileiro.

Esta opinião não deve causar espanto à geração actual — acresce Tefé — por isso que, há meio século, a moda *yankee* dos homens se desbarbarem não havia invadido o Brasil e muito menos o grupo *smart* da nossa marinha de guerra.

Encurtando razões: *solicitei transferência para a outra divisão,* onde, no tope grande do *Jequitinhonha,* tremulava um pavilhão que se me afigurava *Penacho Branco* destinado a conduzir-nos, árdego e impetuoso, aos sítios onde mais rija e feroz se travasse a pugna.

Mas de êrros e decepções está cheia a nossa vida!...

MCD 2018

Penitencio-me em público das minhas apreciações injustas sôbre o homem que, ao relampear dos canhões, despiu inopinadamente a casca grossa de chefe patesca para revelar-se aos nossos olhos maravilhados sob as vestes fulgurantes de um herói!" E mais adiante acresce, nêsse estilo entusiasta e escorreito: "... descobri o *Amazonas* a descrever uma curva para deixar sua posição na testa da coluna e descer majestoso, a meia fôrça, por entre as duas filas de combatentes.

O vulto de Barroso destacava-se imponente sôbre a caixa da roda de boroeste, erecto, calmo, impassível...

À medida que o *Amazonas* se aproximava da *Araguarí,* o vulto de Barroso tomava maiores proporções.

Naquele momento recrudescera o fôgo inimigo e o ribombar incessante dos canhões e os gritos dos feridos abafavam as vozes de comando, mas Barroso, ao passar rente ao meu navio, pela primeira vez sorriu-me e, levando o porta-voz à bôca, bradou em tom claro e firme:

— Siga nas minhas águas que a vitória é nossa!"

Eis um belo retrato do insígne Tefé, e... com luz indirecta.

BRAVO E PROFICIENTE NA GUERRA

Hoonholtz, admirável de entusiasmo e bravura, revela na *Araguarí* qualidades de comando raras em tão poucos anos.

Êle bate-se com vivacidade extrema, e ao mesmo tempo que procura causar o maior prejuízo ao inimigo e cortar-lhe a retirada, socorre por suas próprias mãos, atirando cabos aos infelizes que se debatiam contra a correnteza. Entre o banco (da Palomera) e a bateria (de Riachuelo), no mais estreito passo, cercam-no os três vapores que tinham abordado a *Parnaíba;* o *Taquarí* (navio chefe inimigo) aproxima-se a 10 braças da canhoneira, mas recúa recebendo a queima-buxa e simultâneamente os disparos de seus três rodízios de 68 carregados com bala e metralha" — lê-se nos "Quadros Históricos da Guerra do Paraguai".

É que, senhoras e senhores, passando pelas barrancas depois da capitânea, e de dois outros navios, os paraguaios, irritados com o pouco resultado de sua artilharia e o quáse nenhum efeito do seu estratagema sôbre eles: a *Amazonas,* a *Beberibe* e a *Mearim,* quando da passagem pelas barrancas da *Araguarí,* canhoneira de madeira de 415 toneladas e uma hélice, da divisão de vanguarda, procuraram abordá-la com o *Taquarí,* o *Marquez de Olinda* e o *Paraguai.*

MCD 2018

Não lograram seu intento — escreve o Tenente-Coronel E. C. Jourdan — devido aos tiros certeiros da *Araguarí* e à velocidade com que vinha rompendo o passo.

Essa referência, com simplicidade retrata o marinheiro de valor que, já como 1º Tenente e em pouca idade, era o futuro Almirante Tefé. Decisão firme e compreensão nítida quanto à oportunidade no emprêgo dos fatores ofensivos de combate — velocidade e artilharia... Atacar, em suma, que ainda é a melhor defesa, mantendo no mais elevado grau o fator moral, imprescindível à vitória, e que só se pode conservar elevado com a iniciativa das acções.

A 13 de Junho, Hoonholtz bate-se "com as baterias novamente assestadas na barranca do Riachuelo. A 14 de Junho temo-lo investindo contra essas baterias secundadas pela fuzilaria postada na "Punta de Santa Catalina", empenhadas em obstar o incêndio e destruição do vapor paraguaio *Paraguarí* e do brasileiro *Jequitinhonha,* ambos encalhados e abandonados nêsse lugar. Não obstante achar-se só e fora das vistas de nossa esquadra, a *Araguari* fêz desmontar os canhões dêsses navios.

Essas qualidades de marinheiro militar, com perícia e arrojo patenteadas em Riachuelo, seriam novamente manifestadas em Paso de las Mercedes, com igual intensidade, porém mais no aspecto estoico, calmo e nem por isso menos bravo, qualidades, em geral, quáse impossíveis de se reünirem num só homem, e daí a dificuldade de se ser um "Chefe" no sentido lato e exato da palavra.

Sob aquelas barrancas memoráveis, carregado pela correnteza, viera emfim encalhar o *Marquez de Olinda,* meio submerso. Resolve Barroso destruí-lo pelo fôgo, o que ordenou a Tefé. "No cumprimento dessa missão, que desempenhou desmontando primeiro as peças da máquina e ateando depois fôgo — escreveu o saudoso Visconde de Ouro Preto na sua "A Marinha de Outróra", R. J., 1894 — percebera o comandante, 1º Tenente Hoonholtz, do novo ardil que aí se preparava; mas, sem dar a menor demonstração, concluido o serviço, recolheu-se à esquadra e participou-o ao chefe." E Barroso, tal qual Tefé, actuaria com prudência e não menor energia.

A 12 de Agôsto passou as baterias de Cuevas, e a 28 de Novembro dá caça e aprisiona o vapor paraguaio *Piraguera.*

No malogrado ataque de Curupaití é Hoonholtz um dos poucos oficiais elogiados por êsse notável prélio. É depois incumbido, com Silveira da Mota, do reconhecimento da lagôa Pires.

MCD 2018

Diante das baterias de Timbó e Estabelecimento vemos Hoonholtz actuando com bravura e competência. O *Baía,* o novo comando seu, é o primeiro navio que investe o canal, sob o fôgo das trincheiras paraguaias, e levando à reboque de cadeira o *Alagôas,* comandado pelo bravo Capitão-Tenente Antônio Cordovil Maurity.

Estamos em 1866 e vemos o futuro émulo dos Tavares Bastos, Maurí, Stanley, Livingston, dirigir a comissão exploradora do Passo da Pátria, mas aqui debaixo de incessante fôgo do forte de Itapirú.

Uma passagem no entanto, cumpre não esquecer. A sua *Araguarí,* essa é que não mais aguentava o serviço, e Barroso, quando teve de trazer o *Amazonas* para o Rio, fêz que Tefé o acompanhasse com aquela galharda canhoneira de seu comando. Só em Riachuelo, ela, que era de madeira, recebera 23 balas de artilharia, algumas no aparelho, cinco na chaminé e três nos escaleres, emquanto nem dez balas receberam em média as demais canhoneiras, conforme refere Jourdan na sua vulgarizada "História das Campanhas do Uruguai, Mato Grosso e Paraguai", R. J., 1893, trabalho encomendado pelo Presidente da República e Ministros da Marinha e Guerra do Brasil.

Emquanto se aprestava seu navio, von Hoonholtz casou-se com D. Maria Luiza Dodsworth. Mas não trastejaria, um mês depois de casado, em pedir, êle próprio, para voltar ao teatro das operações, onde, já Capitão-Tenente, actua, comandando a corveta *Vital de Oliveira* e logo depois o couraçado *Baía,* cobrindo-se novamente de glórias em Timbó e Tebiquarí. Mau grado as amarras e minas que barravam o sinuoso canal, von Hoonholtz tudo venceu nessa épica jornada, sob o comando em chefe do grande Almirante Barão da Passagem; e tais foram seus prodígios de valor que é promovido a capitão de fragata por actos de bravura!

Sôbre êsse memorável feito, diz sua fé de ofício: "... forçou em pleno dia o formidável *Passo de Tebiquarí,* afrontando a linha de torpedos e rompendo com o ariete do *Baía* a grossa cadeia flutuante que fechava o rio Paraguai, apresentando-se sem ser esperado em frente ao grande acampamento de São Fernando, em festa, que bombardeou e pôs em debandada.

O fôgo dos três fortes do Tebiquarí foi vivíssimo nas duas passagens e causou-nos sérias avarias e sensíveis perdas, das quais a principal foi a do prático Repetto, com o crâneo despedaçado por uma bala quando ao lado do comandante Hoonholtz, na tôrre de comando dirigia o couraçado pelo tortuoso canal."

MCD 2018

Nessa ocasião, senhoras e senhores, o nosso grande compatriota, que já ostentava ao peito a medalha dos "Vencedores em Corrientes", entrava para a mais nobre das Ordens do Império, a Ordem do Cruzeiro, recebendo o título de Oficial. O Capitão de Fragata Antonio Luiz von Hoonholtz já então pelejara em 22 combates!!...

NOVAMENTE O MARINHEIRO CIENTISTA

Mas, voltemos ao valeroso compatrício, homem de estudos e trabalhos científicos, e que referimos explorando o Passo da Pátria sob o fôgo das baterias do forte de Itapirú, em mãos paraguaias.

Inda uma vez mais limitar-nos-emos a uma transcrição para bem patentear os inolvidáveis serviços do Almirante Teffé. Quem escreve o que iremos reproduzir não visa, como nós, fazer um elogio. Não. É apenas um narrador consciencioso e capaz dos eventos passados na marinha de outróra. É o Visconde de Ouro Preto, cujo centenário inda há pouco cultuámos, quem firmou: "Até as Três Bôcas, fôra o Paraná explorado anteriormente pelas divisões de Barroso, logo que subiram a Corrientes, mas daí para cima, no trêcho denominado Alto Paraguai, os nossos vasos de guerra tinham diante de si os mistérios do desconhecido. Examinar todos os canais e passos, medir-lhes a profundidade, verificar a fôrça da correnteza, determinar com precisão todos os bancos e arrecifes, estudar tôdas as dificuldades a vencer, tal era o melindroso e arriscado encargo, cometido à comissão hidrográfica, nomeada pelo vice-almirante que a compôs dos Primeiros Tenentes Silveira da Motta (depois vice-almirante barão de Jaceguay), ajudante de ordens do comandante em chefe, Hoonholtz (depois vice-almirante barão de Tefé) e Cunha Couto, comandante da *Iguassú*."

Ela o executou com perícia e denodo, nas várias expedições que se organizaram para tal fim, uma das quais dirigida pelo próprio vice-almirante, achando-se presentes os plenipotenciários brasileiros Francisco Octaviano e os generais Osório, Mitre e Flores. Sempre que os navios chegavam ao alcance das baterias eram vivamente hostilizados e às vêzes, como sucedeu na ilha de Sant'Ana, súbito troava o canhão dentro das matas, que se supunham desertas, ou crepitava nutrida fuzilaria dos destacamentos ali emboscados. Nada, porém, perturbava a serenidade dos exploradores, batiam-se as guarnições, emquanto êles, impassíveis, prosseguiam nos seus estudos. Êste serviço fêz hon-

MCD 2018

ra à proficiência dos oficiais da marinha brasileira." E vozes insuspeitas como a de Benjamin Poucel, admirador de López, inteligente e sincero rendem, entretanto, homenagem a tais serviços e servidores brasileiros.

GEÓGRAFO MARINHEIRO OU MARINHEIRO GEÓGRAFO

Procuraremos fixar agora a figura do Almirante Barão de Tefé marcadamente no campo geográfico. É, no entanto, impossível separar do aspecto de marinheiro de guerra a mór parte dessa profícua actuação sua.

À feição do que disse o célebre poeta da "Legenda dos Séculos", daquele Sainte-Beuve fundador da crítica moderna, que êste tinha um pouco do poeta no crítico e um pouco de crítico no poeta, nós também diremos que Tefé tinha um pouco do geógrafo no marinheiro e um pouco do marinheiro no geógrafo.

Se na vida, por exemplo, do benemérito Barão Homem de Melo, cujo centenário comemoramos no dia 1, dia em que se iniciou no Brasil o preito cívico devido a tão esquecido Varão, que tem, no entanto, bem viva sua memória entre os desta Casa, como não podia aliás deixar de ser; sim, se na vida dêsse ilustre geógrafo poder-se-ia deixar de lado sua contribuição na guerra, embora preciosa, organizando, como eficiente presidente de província, um côrpo de exército que nela teria actuação decisiva, outrotanto não póde acontecer com o Barão de Tefé.

Assim, inda aqui teremos que misturar guerra com a geografia, tal qual anteriormente o fizemos quando, relembrando o grande Marinheiro de Guerra, apresentávamos o Insigne Geógrafo.

É notório que a preparação da guerra tem papel preponderante e decisivo no seu resultado. E não é ela fruto principalmente da situação geográfica, isto é, da fisiografia, que actua ponderosamente, tanto na estrategia, como na logística e emfim na tática?

Procurar contácto com o inimigo e batê-lo com fôrças superiores é o escôpo das guerras. E onde buscar os elementos para sua consecussão? Certamente que êles se encontram basilarmente na antropogeografia, que não só estuda as populações — e, conseqüentemente, as raças, línguas e religiões, agentes provocadores às vêzes e irritadores sempre dos antagonismos políticos, — como os centros industriais, as pastagens, as culturas alimentícias, as texteis, — objetivos e elementos das guer-

MCD 2018

ras, concomitantemente, tais quais as fontes de energia e os metais. Emfim, os meios de comunicações e transportes não são o supremo anhelo dos combatentes? Conservá-los na sua posse, ou destruí-los, não é o objetivo político dos rivais?

A interdependência de todos os elementos faz que não possamos, com facilidade para a exposição, manter uma separação perfeita.

Lamentamos é que não pudéssemos aqui exibir a planta do Passo da Pátria, cujas sondagens e levantamento foram executados, como hemos referido, sob o vivo fôgo do forte de Itapirú. Na Biblioteca Nacional existem as plantas referentes aos trêchos dos rios correspondentes a Riachuelo, Mercedes, Cuevas e Curuzú. É pena que não tivessem sido expostas! Talvez o sejam ainda!...

E, sôbre Curuzú, ocorre reproduzir o que lacônicamente reza na fé de ofício de Tefé: "Tomou parte activa no bombardeio de Curuzú e se achava com a *Araguarí* a bombardear êsse forte, quando o couraçado *Rio de Janeiro,* que lhe estava pela prôa, tocou em um torpedo e foi a pique em poucos momentos.

Sem cessar o fôgo, conseguiu salvar o imediato Custódio de Melo e tôdas as praças que puderam escapar da casamata." Admirável!

FUNDADOR DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DO RIO-DE-JANEIRO — SEUS INESTIMÁVEIS SERVIÇOS GEOGRÁFICOS

Permita-se-nos reproduzir o comêço da acta da sessão de fundação desta Sociedade: "Aos 25 dias do mês de Fevereiro de 1883, às 12 horas do dia, reünidos em uma das salas do edifício da escola pública da freguesia de Nossa Senhora da Glória, à praça Duque de Caxias, os Srs. Senadores Manuel Francisco Corrêa, Henrique d'Ávila e Visconde de Paranaguá, Conselheiros Henrique de Beaurepaire Rohan, Alexande Afonso de Carvalho, Joaquim de Saldanha Marinho, José Fernandes da Costa Pereira, Barão de São Francisco, Barão de Tefé..." e outros muitos do mundo intelectual de então, que inegàvelmente gozava de um prestígio que o argentarismo coevo não permite.

Ao cabo de oito sessões preparatórias, reüne-se a nóvel sociedade em assembléia geral em 16 de Setembro de 1883, sob a presidência do Visconde de Paranaguá, que lembra à assem-

MCD 2018

bléia a conveniência da inscrição de senhoras como sócias, patenteando desde logo o espírito adiantado e liberal que felizmente vem mantendo esta Sociedade, que logo aprovou tal medida, bem como a formação de várias comissões de geografia física, política, matemática e americanista.

A primeira dessas comissões, a de geografia física, compôs-se dos notáveis geógrafos que foram o Conselheiro Dr. Tristão de Alencar Araripe, o Tenente-Coronel Dr. Francisco Antônio Pimenta Bueno e o nosso Barão de Tefé.

O Chefe de Divisão, Veador, Barão de Tefé pouco depois entra para a comissão de redação, onde continua Pimenta Bueno, e a completa o Comendador José Carlos de Carvalho, o almirante há pouco falecido, também figura de prol nesta Casa.

O primeiro número da "Revista da Sociedade de Geografia", e que se chamou "Boletim", aparece no 1º trimestre de 1885. Nêle se vê uma "Memória" concernente à exploração do rio Sucuriú, da autoria de Pimenta Bueno, uma outra sôbre o rio Paranatinga, de Antônio Peixoto de Azevedo, e um "Trêcho de uma longa memória do Barão de Tefé sôbre os primeiros navegadores do Amazonas", subordinada ao título "Eldorado". Sociedade e Boletim surgiram, pois, com o concurso eficiente do Almirante Barão de Tefé.

Aparece em seguida Pimenta Bueno com um estudo sôbre a exploração do rio Xingú e Tefé com uma longa memória inédita sôbre as "Explorações de Pedro Teixeira" no Amazonas, a qual seria em parte publicada na "Revista da Sociedade". Ano de 1885.

Nêsse interessantíssimo estudo o Almirante Tefé dá testemunho da existência do padrão divisório das terras lindeiras de Portugal e Espanha, na margem setentrional do rio Napo, marco de existência refutada pelo sábio francês De La Condamine. "Devo dizer ao concluir que 90 anos depois ainda foi encontrado e restaurado por Belchior de Morais, expressamente incumbido de uma tão interessante pesquisa pelo governador do Pará, Alexandre de Sousa Freire", diremos nós também repetindo as palavras de Tefé.

A sessão de 20 de Julho de 1886, a 45ª sessão desta Sociedade, vemo-la presidida pelo então Chefe de Divisão Barão de Tefé, que fôra eleito seu 2º Vice-Presidente na Assembléia Geral de 14 de Dezembro de 1885, assembléia que ainda o reconduziria, com o Comendador Dr. Júlio Pinkas e o Capitão de Mar e Guerra Joaquim Antônio Cordovil Maurití, naquela comissão

MCD 2018

de "Geografia Física", designando-o novamente para a comissão de redação da revista da Sociedade.

A 30 de Setembro de 1887, temos o inolvidável almirante fazendo, perante esta Casa, uma breve e preciosa exposição sôbre os bancos do canal dos Abrólhos, cuja existência lhe havia sido indicada pelo seu velho amigo, o ilustre Contra-Almirante Mouchez.

Não deixaremos de reproduzir o último parágrafo dessa exposição: "Consegui pois o meu *desideratum,* que era evitar à nossa marinha de guerra a humilhação de receber ainda hoje, de navios estrangeiros, as coordenadas geográficas de um novo banco descoberto em nossas águas e as instruções para navegar com segurança nêsse trêcho das costas do Império."

Mas, para ufania nossa não se quedou reduzida a isso a satisfação. Em 30 de Setembro de 1887, na sessão realizada nesta Sociedade, o Almirante Tefé faz uma exposição resumida dos seus trabalhos na verificação dêsse novo banco perigoso no canal dos Abrólhos, onde — ao que constava ao Contra-Almirante Mouchez, então diretor do Observatório de Paris, e com quem mantinha correspondência epistolar sôbre assuntos científicos — dois paquetes franceses haviam raspado os chapeirões, a umas 10 a 15 milhas a N. N. E. do Farol aproximadamente. (1)

No dia 7 de Setembro, depois do cortêjo, narrou o Barão de Tefé, nesta Casa, que o Conde d'Eu chamou-o dizendo-lhe que o Contra-Almirante Ribelle havia recebido ordens do govêrno francês para mandar fazer, por um dos navios da fôrça naval que tinha sob suas ordens nas águas do Brasil, sondagens nos Abrólhos, em procura dos bancos de coral ultimamente anunciados.

Mas, desde o dia 5, o *Imperial Marinheiro,* cruzador que se preparara para servir no Rio da Prata, fôra, em vista do pedido do Almirante Tefé, despachado, com seus ajudantes Capitão-Tenente Calheiros da Graça e 1º Tenente Índio do Brasil, para a comissão de determinar a posição exata dêsse escolho vagamente indicado como existindo no parcel dos Abrólhos e não assinalado nas Cartas. Era todavia "uma realidade e uma realidade lamentável aquele duvidoso *chapeirão* descrito como uma massa corálica, *assás friável,* nas informações por mim recebidas na repartição que dirijo!"

"Na verdade — conclúe Tefé naquela sua "Exposição" lida nesta Casa — a camada superficial dos *chapeirões* é sempre frágil, mas solidifica-se com o tempo e superposição de novas camadas, formando um todo rijo e compácto que, nos riscos

MCD 2018

que oferece aos navegantes, disputa a primasia aos mais duros rochedos.

É interessante lembrar que o célebre Mouchez, depois de já diretor do Observatório de Paris, fundou o Observatório de Montrouris, dependente do "Bureau des Longitudes", onde fazia conferências e cuidava da instrução especial dos oficiais de marinha até morrer em 1892. Foi então publicada sua "Hidrografia Prática", que na parte referente aos processos rápidos de levantamento no decurso das viagens é, para os que tiverem de trabalhar no assunto, um belo e natural complemento do compêndio de Tefé.

Tais sucessos científicos dêsse nosso insígne compatriota não deviam, entretanto, surpreender, porque seus conhecimentos de hidrografia já eram notáveis, bem antes da campanha do Paraguai. A carta hidrográfica que levantou da costa e ilha de Santa Catarina, em 1861, como comandante do patacho *Activo,* foi um trabalho tão perfeito que mereceu os maiores encômios dos doutos no assunto. O proficiente e mui conceituado hiprógrafo Mouchez incluíu essa carta no seu belo Atlas "Les côtes du Brésil — Descriptions et instructions nautiques, 4ième section", Paris, 1869. Disso tudo resultou que, terminada a guerra do Paraguai, o Govêrno Brasileiro nomeava Tefé Chefe da Comissão de Limites no norte do Império.

NA AMAZÔNIA

Essa fronteira — para a qual, no começo do século XVIII, já havia sido enviado por Alexandre de Gusmão, em nome do Govêrno de Portugal, os conceituados astrônomos e grandes geógrafos Diogo Soares e Domingos Capacci, religiosos da Companhia de Jesus, que por 1730 e 31 forneceram a Gusmão as indicações geográficas necessárias àquele esplendoroso "Tratado de Limites de 1750" — essa parte Norte do brasílico território, essa fronteira chegaria, no entanto, século e meio depois, sem que portugueses e espanhóis, e os seus descendentes americanos, houvessem acôrdado na sua demarcação, apesar das grandes somas despendidas com as inúmeras comissões que para tal fim perlustraram essa região.

Depois de tantos anos e de tantas canseiras nem um passo se dera na Amazônia para realizar o ideal afagado pelo Tratado de Madrid — assinala Capistrano de Abreu, relembrando que isso ocorria apesar da—rápida expansão do Brasil pelo Amazonas até o Javarí, facilitada pela direção uniforme da bacia sempre emparelhada à linha equinoxial no rumo aproximado de

MCD 2018

E-O, pela ausência de impecilhos, à navegação num rio de profundidade máxima e declive mínimo, favorecida pelos ventos que demandam as terras andinas, o avanço vertiginoso decorrente das descobertas de Cuiabá e Mato Grosso até o Guaporé, o incremento vigoroso do Sul, intimaram a necessidade de atacar de frente a questão de limites." Seu epílogo foi o "Tratado de 1750", a obra mestra de Alexandre de Gusmão.

Em virtude dêsse nunca assás encomiado "Ajuste", Xavier de Mendonça Furtado, em 1753, primeiro Comissário e Plenipotenciário para a demarcação de limites, deixa o Pará e passa-se ao Rio Negro, onde aguarda em vão, até 1756, os comissários espanhóis. Emfim regressa a Belém sem nada fazer de acôrdo com a Espanha.

Mais de um século depois, José da Costa Azevedo, o grande Almirante Barão de Ladário, a quem devemos um "Mapa do rio Amazonas", fruto de cinco anos de serviços de demarcador, é exonerado sem haver estabelecido, em definitivo, uma só das linhas de fronteiras.

Vemos então o Capitão de Fragata Hoonholtz encarregado, pelo Gabinete do Marquez de São Vicente, de chefiar a delegação brasileira que em Outubro de 1871 partia para o Amazonas a encontrar-se com a comissão peruana presidida pelo ilustre astrônomo Paz Soldan. Hoonholtz só regressaria em Julho de 1874, quando foi dada por finda a comissão.

Nêsses dois anos e nove meses viajou êle o gigantesco Amazonas até o célebre Pongo de Manseriche, no Perú, cursou o Huallaga até as corredeiras à vista dos Andes, subiu os rios Negro e Japurá até às cachoeiras, o Apaporis, o Madeira, o Jutaí e parte do Juruá, emfim explorou o Javarí até as suas vertentes, lutando com os maiores obstáculos naturais e tendo ainda de derrubar cêrca de 200 grossos troncos que serviam de ponte aos selvagens e impediam a passagem das canôas — como se lê no seu esbôço biográfico do "Pantheon Fluminense".

O Govêrno Imperial quis agraciar Hoonholtz com o título de Barão de Javarí — lemos na interessante carta escrita pelo Dr. Álvaro de Tefé ao Senador Costa Rego, e publicada no *Jornal do Comércio* — por ter sido êle o primeiro homem civilizado que explorou êsse rio até as nascentes, mas, como já tinha havido trinta anos antes um diplomata brasileiro com êsse nome, não quis o mesmo título, que por sinal, no último ano do Império, foi dado a seu cunhado conselheiro Jorge Dodsworth."

Na "Demarcação de limites com o Perú", precioso trabalho seu que, a par das "Conferências sôbre a América pre-histórica" e a "Exploração do Amazonas e seus afluentes", lhe

MCD 2018

abria as portas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, von Hoonholtz narra, documentadamente, essa extraordinária exploração, através das ínvias regiões do Alto Amazonas, na qual percorreu em canôa dois mil quilômetros, povoados de tôdas as dificuldades, inclusivè selvagens, e dos quais 340 quilômetros nunca até então perlustrados pelos que se chamam civilizados.

As febres palustres, o beri-beri, a pouca e má alimentação ceifavam os companheiros, começando pelo seu próprio irmão, seu secretário, para acabar no 1º ajudante. Mas nada detinha o comandante da *Araguarí*, embora com o dôbro da idade... A mesma têmpera de aço!

Três meses de canôa, dois encarniçados combates com numerosas tríbus de selvícolas, que nos dias 1º e 5 de Março de 1874 atacaram sua expedição de apenas 82 homens, nada logra cortar caminho ao intemerato Hoonholtz, que só regressaria após fincar o último marco de nossa fronteira com a República do Perú.

Mas o chefe da Comissão Peruana, o distinto astrônomo Paz Soldan, sucumbe sob o furor da peste. No entanto, o bom método do trabalho não permitiu que resultasse daí prejuízo para o serviço já executado. Paz Soldan já havia assinado a 1ª acta da demarcação pela qual o marco plantado por Costa Azevedo era recuado de seis léguas para o território peruano, porquanto os cálculos das observações de Hoonholtz, concordantes com os seus, indicaram um prejuízo que tal para o Brasil, decorrente da demarcação daquele proficiente antecessor de Hoonholtz.

Existe do rio Javarí um mapa, que mede 5 metros de comprimento por 2 de largura, mapa que foi premiado com duas medalhas de ouro, uma na Exposição Universal de Paris em 1889 e outra que mandou cunhar pela primeira vez esta Sociedade: a sua "Medalha de Mérito Científico". Lembraríamos aos membros do Conselho Diretor envidar esforços para que nos coubesse a houra de zeladores dessa preciosidade, à qual juntaríamos o diploma da medalha conferida por ela.

Tão extraordinários serviços não escapariam ao Govêrno Imperial, que quis agraciar o ilustre fluminense com um título nobiliárquico. "Tefé" era a base de onde Hoonholtz partiu em "chalanas", que mandou cercar de telas de arame, da tolda até o costado, para proteger os marinheiros e as comissões (peruana e brasileira) contra as flechas dos índios. O navio de guerra ficou ancorado em frente a Tefé, daí o título de Barão de Tefé — como no-lo relembra seu filho Dr. Álvaro de Tefé. (2)

MCD 2018

Devemos salientar que no 3º Boletim do ano de 1889 desta Sociedade encontra-se notícia de tal exploração no Alto Javarí, extratada de uma brochura então publicada em Paris, um trabalho do Sr. Alfredo Marc, membro da Sociedade de Geografia de Paris. Êle é prefaciado pelo ilustre Vice-Almirante Julien de la Gravière, da Academia de França e da Academia de Ciências, que o redigiu de forma assás honrosa para o nosso Almirante Barão de Tefé, que, aliás, ofereceu um exemplar dêle à nossa biblioteca.

Recordemos que Teffé, conforme referimos, perdera no Javarí um irmão, Carlos, "que, apesar de bastante doente, prestava-lhe ainda bem bons serviços, contando no único cronômetro que conserva marcha regular entre os nove que eu trouxe comigo." No dia 21 de Março, só se lê nesse "Diário" de Tefé esta dolorosa exclamação: "Morreu meu pobre e querido irmão!..."

Na folha de rosto do 3º Boletim da Revista desta Sociedade, ano de 1886, imprimiu-se: "Episódio da viagem de exploração às vertentes do famoso rio Javarí, afluente meridional do Alto Amazonas, realizada pelo Barão de Tefé."

NO SUL DO BRASIL

A lei de 24 de Setembro de 1873 concedeu vantagens especiais ao caminho de ferro de Paranaguá, suscitando um conflito entre os interessados, discutindo-se mais com a paixão que com a razão, como era natural, embora lamentável.

Precisando formar juízo certo e seguro sôbre qual dos dois portos, Antonina ou Paranaguá, apresentaria melhores condições naturais e financeiras para pôrto marítimo da então província do Paraná, via-se o Govêrno Imperial em dificuldades práticas quanto ao meio de obter uma opinião insuspeita e capaz.

Estranho às lutas políticas, das quais propositalmente se afastava, conforme êle próprio no-lo assinala, o Barão de Tefé, sem compromissos partidários que pudessem de qualquer forma acarretar dificuldades a uma livre manifestação de pensamento no seu julgar, e aliando a essa autoridade moral um grande valor técnico profissional, fruto de longos conhecimentos científicos e artísticos a guiarem seu espírito sagaz e prático, de logo afigurou-se o homem necessário para estudar qual o pôrto comercial que devia servir de entreposto marítimo à estrada de ferro de Paranaguá, na então província do Paraná (1873). Escolheu-o o Govêrno Imperial para, no entanto, não atender depois às suas justas conclusões.

MCD 2018

No II Boletim dêsse precioso repositório de estudos sôbre o nosso país, que é a Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, sob o título "O Pôrto de Antonina", publica o Barão de Tefé umas notas de viagem, que devem ser lidas e meditadas por todos os que quiserem, fora do desvario das paixões político-sociais, ter a prova de que de há muito são os interesses nacionais a meúde postergados em prol dos interêsses financeiros alienígenas. O patriota das lutas armadas, tantas vèzes vencedor nos prélios sanguinolentos, perderia, porém, nesta pugna de aspecto externo pacífico, apesar de pacientemente patentear "a idéia anti-econômica de levar-se o ferro-carril por quáse cinco léguas mais até Paranaguá, sem atenderem às dificuldades naturais que apresenta essa zona cortada por imensidade de rios e riachos e, sobretudo, sem cogitarem do gravame que um tão inútil prolongamento de via férrea acarretaria sôbre o comércio pelo aumento nos fretes das mercadorias em mais quatro léguas supérfluas."

Frizamos êste ponto, porquanto nossa Pátria importa todo o material dos caminhos de ferro, até mesmo o combustível, apesar de possuirmos os maiores depósitos de minérios de ferro do mundo e o maior potencial hidro-elétrico utilisável, depois do do Canadá; frizemo-lo, sim, porque em nossa Pátria, rica da maior rêde potamográfica do mundo, não se a navega quáse para transporte, não se abrem canais ligando suas bacias formidáveis, e nem mesmo desobstruem-se os rios que poderiam ser incessantemente navegados por embarcações propulsionadas por combustíveis nacionais líquidos ou sólidos!...

O Almirante Teffé termina aquelas magníficas "Notas" assinalando que em relatório especialmente escrito para o Ministério da Agricultura êle trata de todos os assuntos relativos aos portos de mar da província do Paraná com o desenvolvimento que lhe parece merecer objeto tão momentoso e de tanta magnitude.

Nêsse seu "Relatório dos trabalhos e estudos realizados na baía de Antonina", Tefé, após haver empregado dinamite na destruição de rochas submersas, o que era pela primeira vez feito no Brasil, assinala: "Creio assim ter demonstrado aos incrédulos e timoratos que, longe de ser inconveniente ou perigosa, é, ao contrário, de incontestável vantagem a adoção da dinamite nos trabalhos de destruição ou arrasamento de rochas submersas.

E oxalá o govêrno imperial resolva-se a ordenar aquilo que devia ser adotado por iniciativa própria de quem é profissional e, no entanto, aferrado às velhas práticas, contribúe para que

MCD 2018

durem anos e anos as escavações de rochas que em meses podiam ser arrazadas pelos processos há muito empregados na Europa e nos Estados Unidos, e que me esfórço em introduzir no nosso país, onde tanto há a fazer no ramo da hidráulica atinente ao melhoramento de portos e barras.

Quatro brocas para a dinamite podem ser perfuradas sem qualquer aparelho aperfeiçoado no mesmo tempo que uma única consome pelo sistema da pólvora; e o efeito de cada uma daquelas está verificado que é quáse duplo do que se obtem com esta." Daí a redução considerável no tempo de duração das obras, o que se traduz em avultada economia de dinheiro.

Ainda nêsse domínio da engenharia hidráulica, tão descurada entre nós, o grande obreiro da nossa geografia física e econômica, Almirante Barão de Tefé, realizaria uma outra obra notável que êle modestamente dá como conseguida graças aos elementos fornecidos pelo Ministério da Agricultura de acôrdo com o Ministério da Marinha.

Não balizada e nem mesmo assinalada na carta de Mouchez, grandes prejuízos sofria o comércio de Santos com os acidentes sofridos por vapores franceses e alemães que na "entrada dêsse porto chocaram numa rocha submersa".

Pouco adiante da exposição então feita o Barão de Tefé narra com simplicidade as dificuldades que êle, suprindo com improvisão inteligente a prática que não tinha, todas conseguiu vencer. Assim, fêz funcionar pela primeira vez "fora das águas límpidas e serenas da nossa bela baía" o sino hidráulico, montado sôbre aparelhos improvisados num casco que não podia inspirar grande confiança... mas era preciso "tornar evidente a possibilidade de tais trabalhos no Império, sem a dependência de profissionais estrangeiros", como patriòticamente explicou. E, para que se não pudesse dizer que êsse escrúpulo patriótico era porque a vida que se arriscava era de outrem, desceu êle próprio, o Barão de Tefé, colhendo os dados com que instruíu a planta que disso fêz, impressa em Junho de 1876 sob a denominação de "Perfil Bathymétrico da Grande Lage dos Outeirinhos, na entrada do canal do pôrto de Santos".

De bordo do *Lamego,* em Santos, o então Capitão de Fragata Barão de Tefé dirige à praça do comércio de Santos uma "Comunicação", da qual tomámos os seguintes trêchos: "Pela minha parte encarei como um dever de brasileiro secundar com meus débeis esforços o patriótico empenho do govêrno imperial, e nêste intuito ofereci-me a dirigir gratuitamente a melindrosa tarefa que, depois de cinco meses e tanto de incessante

MCD 2018

trabalho, vem de chegar a seu têrmo da maneira a mais completa e satisfatória.

O extenso e perigoroso recife de rijo granito eriçado de agudos picos, e que oferecia sôbre o áspero dôrso uma camada de 2m,40 ou 8 pés d'água em ocasiões de maré sêca, acha-se actualmente reduzido, pelos sucessivos córtes horizontais, a um grande plateau do qual a menor profundidade é de 5m,80 ou 19 pés ingleses na mais baixa maré das sizígias ordinárias.

Em 156 dias de trabalho não interrompido perfurou-se na rocha viva a extensão total de 93 metros (465 palmos), somadas 98 brocas ou minas, que, arrebentadas pela eletricidade, produziram o deslocamento de 740 toneladas de blocos, lages e pedras miúdas suspensas a grande custo da parte superior dessa verdadeira montanha submarina e transportadas para a margem e outros lugares distantes."

HIDRÓGRAFO E ASTRÔNOMO

Dentro dos limites desta nossa tarefa, dentro do tempo de uma só exposição oral, é-nos impossível abeirar, como desejáramos, todos os grandes serviços prestados na Repartição Hidrográfica da Marinha por êsse egrégio almirante. O "Relatório" apresentado ao Conselheiro Dr. Luís Antônio Pereira Franco, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha, pelo então (1877) Capitão de Fragata Barão de Tefé, começa lembrando que: "A Repartição Hidrográfica criada por decreto de 2 de Fevereiro do corrente ano sob os auspícios de V. Ex. tem como principal e o mais importante de seus deveres a confecção de uma carta puramente nacional, que abranja nos seus menores detalhes a extensa costa do Brasil desde o limite setentrional com a Guiana Francesa até a fronteira do Sul com a República Oriental do Uruguai.

. . . . . .

Não incumbe a mim e ao pessoal técnico que tenho a honra de dirigir, a simples missão de ligeiramente esboçar o contorno de nossa costa, visto que a isto exatamente se teem limitado os autores de cartas inglesas e francesas que, entretanto, são citadas no mundo científico como as melhores do Brasil, sem atender-se aos êrros grosseiros de que muitas delas estão inçadas, nem à deficiência lastimável de quáse tôdas na falta absoluta de indicações sôbre milhares de pontos dignos de uma descrição minuciosa.

O fim que V. Ex. teve em vista e pelo qual também de minha parte há longo tempo me esfórço, é dotar o país com um

MCD 2018

mapa hidrográfico exclusivamente brasileiro, um trabalho original de tôda a confiança, *e que obrigue pela evidência de seus dados exatos a que a opinião dos navegadores por êle se manifeste de preferência a quantos atlas estrangeiros existem à venda* (o grifo é nosso) e dos quais até o presente nem os próprios navios de guerra do Império teem podido prescindir!"

Páginas adiante vemos suas ponderações, como a de que o Império deveria principiar em um dos extremos e não no meio; e mesmo muito mais curial seria que começasse em acto simultâneo dos dois extremos e que do centro partissem também dois navios em sentidos opostos a ligar os seus trabalhos aos dos expedicionários vindos do Norte e do Sul.

Tal foi sempre o meu plano e, fundado nesta opinião, propus em 1871 que se dividisse a costa em quatro secções hidrográficas.

. . . . . .

Assim daríamos em negócio de tanta transcendência um passo gigantesco digno deste colosso sul-americano que se chama Brasil; mas é triste dizê-lo, a despeito dos esforços que o primeiro hidrógrafo nacional, o mui distinto Capitão de Fragata Manuel Antônio Vital de Oliveira, de saudosíssima memória, empregara em tornar conhecida a utilidade de aproveitar-se as aptidões de nossos jovens oficiais em prol da hidrografia brasileira, não obstante as freqüentes memórias que sôbre tal assunto eu escrevera depois dêle, quer endereçadas em forma especial ao Govêrno, quer em artigos pela imprensa, com o fito de atrair a atenção do público e dos legisladores sôbre êsse ramo importante da Repartição de Marinha, nenhuma medida legislativa vinha autorizar o poder executivo a dar existência de claras e irretorquíveis medidas: "É fácil compreender que o levantamento de uma carta geral um simples Aviso do Ministro Sr. De Lamare teem dirigido a Marinha nêstes últimos quatorze anos.

A secção hidrográfica....."

É mistér pararmos, mas não sem reproduzir o seguinte tópico: "O histórico da hidrografia no Brasil cifra-se, pois, no que fica acima expendido: muito bôa vontade da parte dos ministros; mui bons desejos de trabalhar da parte dos hidrógrafos e, por conseguinte, muita facilidade na obtenção do fim desejado." E a dizer-se que essa é a situação mais ou menos de hoje, e Tefé repetia, como êle próprio assinala, as palavras do Conselheiro Francisco Carlos de Araújo Brusque, Ministro da Marinha.

Nêsse mesmo ano de 1877, após quatro anos de dificulda-

MCD 2018

des de tôda espécie agravando o embaraço do govêrno imperial quanto à escolha do pôrto da então província do Paraná, que devia servir de entreposto marítimo da célebre estrada de ferro de Paranaguá, recorreu êle à competência e independência do Almirante Tefé para a resolução dêsse complicado problema.

É do mais alto valor o "Relatório dos Trabalhos e Estudos realizados na baía de Antonina" pelo Capitão de Fragata Barão de Tefé. Nêsse trabalho, publicado aqui no Rio de Janeiro em 1877, Tefé abeira também o então palpitante problema da imigração, da qual foi um dos campeões, pugnando assim a tempo por uma abolição da escravatura sem que com isso ruísse a lavoura nacional.

Eis alguns de seus trechos prenhes de indicações inda hoje utilíssimas: "A posição topográfica da cidade (refere-se a Antonina) é excelente, seu aspecto pitoresco e o clima de todo o município ameno e salubre, bem como soberbamente férteis as terras, sobretudo no magnífico vale do rio Cachoeira, que parece fadado pela natureza para as mais prósperas colônias da província e que por isso mesmo seria de lastimar se não fôsse aproveitada desde já para instalação de uma parte dêsses milhares de homens laboriosos que a Providência encaminha para o Brasil e aos quais nos cumpre proporcionar os meios de obterem um resultado profícuo de seus esforços.

Internar os imigrantes é segregá-los do mundo, e porventura essas famílias que procuram o bem-estar no nosso solo hospitaleiro aceitarão contentes um desterro com que não calculavam, uns favores de terras incultas que precisam regar com abundante suor antes de podê-las aproveitar e que, depois de roteadas, lhes darão abundantes colheitas, na verdade, porém. que terão de ver amontoadas e apodrecidas por falta de meios baratos de transporte?

Será crível que êsses estrangeiros abandonem pátria, amigos e parentes sem que os mova a louvável aspiração de um futuro mais próspero? Como, pois, se submeter a viver nessas remotas regiões onde nem siquer poderão ter notícias do que lhes prende o coração ao outro lado do oceano?

Estabeleçam-se, conforme as idéias de V. Ex., os núcleos coloniais nas proximidades dos centros de recursos, à borda das estradas, à margem dos rios navegáveis; daí se irão irradiando por si pela necessidade de espaço, e assim nem os seus produtos ficarão sem preço, nem os mercados deixarão de ser supridos.

Adiante terei ocasião de apresentar a V. Ex. um exemplo bem frisante do desgosto que invade os agricultores estabelecidos em terras ubérrimas, mas cujas colheitas abundantíssimas

MCD 2018

ficam perdidas, sem preço nem valor por falta de uma estrada, inda mesmo de *cargueiro,* por onde as possam conduzir ao mais próximo mercado."

Depois de tratar dêsse problema capital da circulação dos produtos e pessoas, problema esperando um "plano nacional" para fortalecer o organismo social brasileiro, o nosso Barão de Tefé volta-se para o problema básico à economia nacional e à defesa pátria: o ferro.

"O município de Antonina oferece à indústria uma das mais ricas jazidas de ferro conhecidas; os enormes blocos com 70 % de ferro orientam-se à superfície de dois morros situados a menos de 3 léguas da cidade e à margem de um rio que facilita o transporte em poucas horas desde as minas até a enseada do Corisco, onde podem surgir navios de 14 pés de calado; e no tocante à agricultura, encontra ela aí um solo feracíssimo no qual cresce desde a baunilha até o pinheiro, produzindo igualmente e muito bem o café, o fumo e o algodão.

Emfim, o então Capitão de Fragata Barão de Tefé fundadamente e com clareza expõe ao Conselheiro Dr. José Thomaz Coelho de Almeida, ministro de Estado e Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, não só as condições hidrográficas do ancoradouro do pôrto de Antonina, como, sobretudo, a influência que os melhoramentos realizados e propostos por êle poderão exercer no comércio externo, "acreditando ter provado à saciedade que a situação topográfica de Antonina é a mais economicamente adequada ao empório da província do Paraná", como textualmente escreveu.

Em 1899, Sebastião Paraná, na sua bela "Corografia do Paraná", firmou: "Anteriormente, em 1879, o Barão de Tefé, encarregado de levar a efeito alguns trabalhos científicos no pôrto de Antonina, fêz cuidadosa exploração de uma estrada de 15 1/2 léguas de extensão que de Antonina se dirigia pelo vale do Cachoeira em direção à colônia do Assunguí, orçando em 90:000$000 a importância que se deveria despender na construção da referida estrada. Esta via de comunicação, se tivesse sido aberta, servindo a férteis e ricos distritos como Pedra Preta, Ribeirão Grande, Ouro Fino, Bocaina, Campinhos, Tigre, Figueira Mato Preto, Ribeira do Apiaí, Potuna e Capivarí, daria fácil escoamento aos avultados produtos daqueles centros agrícolas admiravelmente opulentos."

.. ..

Em 1879 surgiria um caso muito importante, que levou o Govêrno Imperial a determinar que o Barão de Tefé interrompesse o serviço que então dirigia, qual era a desobstrução da

MCD 2018

barra de Cabo Frio, e partisse para o Maranhão, afim de exercer o cargo de presidente de uma comissão nomeada para resolver um conflito aberto entre o govêrno imperial e uma companhia norte-americana de vapores. "O Sr. Barão de Tefé, depois de sérios estudos e minucioso exame — escreveu Lery Santos — apresentou largo parecer com plantas demonstrativas da possibilidade da entrada de grandes vapores na baía de S. Marcos e ancoradouros da Eira, Itaqui e ilha do Medo, acrescendo que o resultado dessa comissão se obteve com grande economia para os cofres gerais."

E o Barão de Tefé, então Capitão de Mar e Guerra, em sessão extraordinária do Instituto Politécnico realizada em 15 de Outubro de 1880, profere seu primeiro discurso sôbre a debatida questão da abertura da barra de Cabo Frio, no qual se refere à sua opinião emitida "o ano passado sôbre a praticabilidade do pôrto do Maranhão para os grandes vapores americanos da empresa John Roach & Son, dessa empresa tão poderosa que se tem esquivado até hoje à execução de uma cláusula imposta pelo parlamento".

Sôbre aquela outra importante questão da abertura da barra de Cabo Frio, proferiu o Barão de Tefé alguns discursos no Instituto Politécnico, discursos êsses que sob tal título foram publicados em 1884. Essas orações são dignas de sua integridade moral e capacidade técnica. Foram com veemência defendidas plenamente.

.. ..

Sôbre o saneamento da lagôa Rodrigo de Freitas, o Barão de Tefé, encarregado pelo govêrno de estudá-lo afim de resolvê-lo o mais urgentemente possível, apresentou um projeto que obteve a preferência da Sociedade de Engenharia, após o ter posto em confronto com os demais outros, e entre os quais um do renomado engenheiro Milnor Roberts.

.. ..

O tempo não permite detalhes e apenas faremos referências.

O nosso *Jornal do Comércio* publicou um longo artigo, que a nossa *Revista* reproduziu em parte, sob o título "Observação da passagem de Venus" e ao qual nos referimos por dar êle uma indicação insuspeita da importância do valor do Almirante Barão de Tefé no campo de astronomia. Ei-lo:

"É sabido que o Brasil compartiu condignamente da grande empresa internacional da observação da passagem de Venus pelo disco solar em 1882, organizando para êste efeito, sem contar o Observatório do Rio de Janeiro, a estação de Punta Are-

MCD 2018

nas, no estreito de Magalhães, dirigida pelo Sr. L. Cruls, diretor do Imperial Observatório, a de S. Tomaz nas Antilhas pelo Sr. Barão de Tefé, diretor da repartição hidrográfica, e a de Olinda, em Pernambuco, pelo Sr. J. de Oliveira Lacaille, astrônomo daquele observatório.

Da redução de todos os dados obtidos nas diferentes estações concluíu o Sr. L. Cruls a paralaxe de 8"808 para o astro central do nossos sistema.

Já anunciado à Academia das Ciências de Paris, êste resultado tem sido muito apreciado no mundo científico pelo extremo cuidado que presidiu às observações e sua rigorosa perfeição, tornando-se desta maneira valiosíssimo o subsídio do Brasil para a solução do importante problema.

O *Journal du Ciel* refere-se de modo honroso à copartici-pação do Brasil, rematando com esta interessante observação: "A paralaxe deduzida traz-nos à memória uma sessão da Academia das Ciências, na qual o Sr. H. Faye, com vivacidade que não lhe temos notado muitas vêzes, tratou da questão segundo as suas idéias pessoais e, na presença de três ou quatro resultados assás discordantes, sustentou vigorosamente o valor 8"810, afirmando que o futuro lhe daria razão."

Por coincidência digna de nota, coube ao Sr. Faye, o Mecenas da astronomia, anunciar à Academia, em nome de S. M. o Imperador, a paralaxe deduzida das observações brasileiras dos três centros, um dos quais dirigido pelo Almirante Tefé — a qual tão pouco diverge do valor pressuposto pelo eminente astrônomo.

E no Congresso Internacional de Salzburgo, realizado em Setembro de 1888, o Almirante Barão de Tefé, não representante do Brasil e sim simples convidado, em ofício dirigido ao Ministro da Marinha, e que foi divulgado pelo *Jornal do Comércio,* assinala: "Depois de cada um dos delegados ter apresentado o relatório dos trabalhos executados durante o ano no seu país para a medida exata da Terra, coube-me a palavra afim de dar idéia do estado dêsse ramo da ciência no Brasil, *sendo eu o único dos convidados a quem foi permitido fazer-se ouvir.* (O grifo é nosso).

Comecei agradecendo tão subida honra e passei logo a tratar da triangulação geodésica do município neutro e da executada pela Repartição Hidrográfica, cujos polígonos teem sido fechados com notável precisão. Em seguida historiei os trabalhos que levei a efeito no estuário do Amazonas para determinação da extensa linha geodésica da fronteira setentrional entre o Brasil e o Perú.

MCD 2018

Passando à parte astronômica, tive o prazer de comunicar ao congresso: em primeiro lugar a paralaxe solar de 8"800, determinada pelas comissões brasileiras que observaram a última passagem de Venus, o que bastante interessou o auditório, por isso que a maior parte dos Estados, como a França, por exemplo, ainda não conhece o resultado das observações de suas comissões; em segundo lugar, referi-me à determinação das longitudes da costa e das cidades principais do interior do Brasil pela transmissão elétrica da hora.

Nesta ocasião mandei distribuir o volume da passagem de Venus e o que contém os processos empregados pelos membros da minha repartição, os Srs. Calheiros da Graça e Índio do Brasil, para a fixação das coordenadas, sendo as longitudes pelo telégrafo e as latitudes pelo método Talcotto. Como especime dos trabalhos hidrográficos apresentei os nossos planos de portos, escrupulosaemnte levantados, e a carta em grande escala do Alto Javarí e como trabalho geográfico um belo exemplar da carta geral do Império, primorosamente litografado no Rio-de-Janeiro, e ainda a do município neutro e das estradas de ferro e linhas de navegação.

Feita a apresentação dêstes trabalhos, nos quais, por previdência, me havia munido ao partir para a Europa, aproveito o ensêjo para demonstrar ao congresso que não nos era estranha a questão que tanto preocupava actualmente a atenção dos sábios ali reünidos, isto é, a fixação de um zero de referência para as altitudes, visto como ainda na Europa se dava a anomalia de encontrar-se o mesmo ponto de uma fronteira com duas altitudes divergentes, montando às vêzes a muitos metros a diferença, devido tão estranho facto ao nível médio do mar adotado para contagem de cada país; no Brasil de há muito esforçava-se a Repartição Hidrográfica por estabelecer definitivamente o ponto de partida das altitudes do nosso vasto continente, estudando com particular atenção a sinusoide das marés do Oceano Atlântico. Que definitivamente ainda nenhum resultado me era dado comunicar, visto como, tendo nós apenas uns seis anos de observações, faltavam ainda doze para a completa ondulação lunar, prazo indispensável para a determinação exata do zero.

Entretanto, fiz desde logo conhecer, como merecedoras de particular interêsse, as observações das grandes marés do Maranhão, em cujo pôrto a diferença de nível nas sizígias equinociais atinge a 5m,94, quando em tôda a nossa costa, de 1.200 léguas, essa diferença oscilava em 1m,20 e 2m,97.

Ocupando-me da instalação dos marégrafos que vão ser estabelecidos pelo congresso em um pôrto da Bélgica para unifi-

MCD 2018

cação do zero dos nivelamentos da Europa, tive ocasião de descrever o melhoramento introduzido nêstes aparelhos pelo inteligente oficial da nossa armada 1º Tenente Índio do Brasil, que soube aplicar-lhes tão engenhosamente a eletricidade, que o seu eletro-marégrafo regista automàticamente a bordo ou em qualquer observatório a curva das marés.

As vantagens desta invenção não escapariam de certo ao auditório, acrescentei eu; pois que, sendo essa estação dotada, como a minha repartição central, de outros dois instrumentos registadores automáticos que lhe servem de complemento, um para as pressões atmosféricas e outro para as temperaturas do ar, claro está que em cada 24 horas as três curvas descritas permitirão conhecer a ondulação diária das marés.

Concluída a exposição em língua francesa, dirigi-me em alemão aos onze delegados dessa nacionalidade, aos quais, como prova de consideração, dei conta resumida dos assuntos de que me ocupara.

O presidente agradeceu com expressões muito lisonjeiras a comunicação que eu acabava de fazer e deixara convicto o auditório de que no Brasil se cultivava a ciência com tanto amor quanto na Europa.

Encerrada a sessão, foi-me grato receber os cumprimentos de todos aqueles homens eminentes pelo grau de adiantamento que revelavam os trabalhos apresentados pelo Brasil em todos os ramos das ciências exatas."

.. ..

No ano seguinte, de 1889, a Sociedade de Geografia de Paris propôs-se a convocar um *Congresso Internacional das Ciências Geográficas* quando da Exposição Universal de Paris, realizada naquele ano.

Os nomes de Vivien de Saint-Martin, de Quatrefages, de Bréau, do marquez de Nadaillac, de Faye, de Vidal de la Blache bastam para dar uma idéia da importância daquela reünião. Para ali representar a Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro foram nomeadas também as figuras eminentes do nosso Almirante Barão de Tefé, do Conselheiro Ladislau Neto, do Barão de Sant'Ana Neri e do Visconde Cavalcanti.

.. ..

Certo desejaríamos abeirar os grandes serviços prestados pelo Almirante Barão de Tefé no campo da geografia especialmente, mas, ainda que assim delimitando-os, não nos seria possível realizar. Era mui grande empresa!

Salientaremos tão sòmente sua actuação progressista, inteligente, numa ordem de estudos cujos serviços práticos são cada

MCD 2018

vez mais valiosos. Referimo-nos aos estudos meteorológicos, infelizmente ainda hoje pouco acreditados entre nós, pela falta dos elementos materiais indispensáveis com que lida a esforçada Repartição encarregada de tais serviços (meteorológicos). Sem jamais ter a precisão dos fenômenos astronômicos, a previsão meteorológica pode, no entanto, ser bem aproximada (emquanto aqueles são perfeitamente exatos), graças a uma grande rêde de comunicações rápidas, ligando muitos pontos de observações, convenientemente localizados e cuidadosamente observados.

À Marinha Brasileira, pelo Almirante Barão de Tefé, cabe a glória da instituição entre nós de uma tão importante organização. No "noticiário" da Revista da Sociedade de Geografia, ano de 1887, lê-se: "A Repartição Hidrográfica, sob a direção do ilustrado e infatigável consócio, o Sr. Barão de Tefé, vai tomar a si a organização de um serviço meteorológico no Brasil por meio do concurso dos navios e estabelecimentos da Armada Nacional, tendo para êsse fim expedido o Sr. Ajudante General da Armada as preciosas instruções e adotado um *Diário Meteorológico,* proposto pelo mesmo Sr. Barão de Tefé.

Por seus esforços surgia dessarte no Brasil êsse serviço meteorológico tão importante para a agricultura, a navegação aérea... emfim para a vida humana moderna.

É tarde e torna-se mistér pôr ponto final. Lembraremos apenas quão remarcada foi sua actuação quando da "Exposição de Geografia Sul-Americana", arrojada empresa desta então nóvel Sociedade, com um lustro apenas de existência, mas que veria tudo coroado do mais luzido sucesso e para o qual muito contribuíu o então Chefe de Divisão Veador Barão de Tefé, relator da secção de "geografia brasileira", da qual faziam parte ainda o Com. Júlio Pinkas e o notável Orville Adalbert Derby.

No Congresso Geográfico Internacional de Salzburgo, lemos na nossa *Revista* de 1888: "Dos doze candidatos, entre os quais avultavam o conde Thun-Hohenstein, o major general von Pohl, o tenente general von Winpfen, o milionário Bischoffsheim (que erigiu e mantém à sua custa o importante observatório de Niza), o astrônomo Perrotin, diretor dêste mesmo observatório, e outros astrônomos e matemáticos, — o único que teve concessão especial para usar da palavra foi o nosso compatriota.

Ao nosso ilustre compatricio Barão de Tefé coube desempenhar-se desta tarefa, da qual deu conta ao Ministério da Marinha pela seguinte comunicação, que reproduzimos integralmente, atendendo aos interêsses científicos a que diz respeito:

MCD 2018

E, se não o faremos nós aqui com mais forte razão que o *Jornal do Comércio* de então é pela absoluta carência de tempo. Assim, apenas lembraremos que com o Visconde de Cavalcanti, o Conselheiro Ladislau Neto e o Barão de Sant'Ana Neri, o Vice-Almirante Barão de Tefé brilhou naquele "Congresso Internacional das Ciências Geográficas", realizado por ocasião da Exposição Universal de Paris, nessa mesma cidade, em 1889, e ao qual nos hemos já referido.

Além dêsse Congresso, outros também efetuaram-se então, sendo que o Congresso Aeronáutico reüniu-se de 31 de Julho a 4 de Agôsto, sendo a sua segunda sessão presidida pelo nosso distinto compatriota o Sr. Barão de Tefé, que, apesar do cargo que ocupava, não deixou de reivindicar para o Brasil a glória da invenção do balão e da primeira ascenção do homem — lê-se na nossa Revista.

E o Almirante Barão de Tefé, no "Prefácio" do 9º volume de suas "Memórias", publicação oficial do Ministério da Marinha, subordinado ao título "O Brasil bêrço da ciência aeronáutica", e no qual reivindica as incontestáveis glórias de Bartholomeu de Gusmão(Julio Cesar, Augusto Severo e Santos Dumont, aí êle nos diz que: em 1889, durante a Exposição de Paris, o Congresso Internacional de Aeronáutica, que o elegera presidente de uma Secção do mesmo Congresso, proporcionara-lhe ocasião de pronunciar longo discurso no Palácio do Trocadero, reivindicando para o Brasil a prioridade da invenção dos balões.

O ilustre Marquez de Faria, de quem já nos referimos, homem de letras, ex-Cônsul Geral de Portugal na Suíça, êsse grande amigo do Brasil, no seu magnífico "Subsídio para a história dos balões", em a primeira página fêz imprimir esta mui expressiva e honrosa dedicatória: "À Son Excellence Amiral Baron de Tefé, de l'Académie des Sciences de Paris, que comme delegué du Brésil prononça l'éloge public de Gusmão, *pour la première fois en France,* au Congrès International Aeronautique de 1889, à Paris, *revendiquant hautement* son mérite de l'invention du Ballon et celui du prémier voyage aeronautique fait en Europe."

HOMEM DE LETRAS

Reagindo contra o meio, apresentando-se indiferente, quando não hóstil, às preocupações literárias, a ponto tal de, quando se quer chamar alguma coisa de "sem importância", de "circumlóquio vago, impreciso", diz-se" fazer literatura; contra

MCD 2018

êsse aspecto da sociedade perdurando já mais de meio século, contra êle insurgiu-se o nosso grande Almirante Barão de Tefé.

Acha-se Tefé dessarte íntimamente ligado à evolução da literatura brasileira, havendo formado seu espírito literário naquela época em que se desenvolveu e transformou o romantismo, iniciado, aliás, pouco antes de seu nascimento.

Nêsse ramo da actividade intelectual humana teem seus trabalhos no entanto, o cunho característico da literatura do século XIX, que, no abalizado julgar de Grimm, apresenta como aspecto primacial a volta, de tôdas e cada uma das nações, às suas criações populares.

O valor de Tefé nêsse facies seu reside justamente em haver actuado naquele sentido, quando êle ainda novo se acentuara vitoriosamente. Inda nisso seria um elemento da evolução necessária para conduzir-nos em progresso.

Conhecemos dois dramas de Tefé que foram impressos. Ambos com o cunho marítimo. Um intitulado *"A Justiça de Deus"* e outro *"Em terra e no mar"*, cenas da vida íntima de um oficial da marinha de antanho, páginas que diz haverem sido "escritas sem a mínima aspiração aos foros de literato", e que as dedica ao seu "amiguinho de outrora", o actual Conde de Afonso Celso, figura brilhante nas letras e nesta Casa, da qual é fundador.

Mas, o belo e infatigável espírito do marinheiro, cientista, astrônomo, hidrógrafo, geógrafo, orador, polemista, historiador que foi o insígne Almirante Barão de Tefé não se limitou na literatura a ser um dramaturgo, um historiógrafo, um jornalista. Não. Tefé foi ainda romancista e seu romance marítimo *"A Corveta Diana"* teve enorme suceso literário no Brasil, havendo sido até publicado em folhetim pelo *Diário de Pernambuco* e o *Despertador,* de Santa Catarina.

Dêle disse o *Comércio do Amazonas*: "Não nos propomos a fazer o seu juízo crítico: o Sr. Hoonholtz tem conceito firmado e, se já era distinto por seus trabalhos sôbre as ciências exatas e suas aplicações, manifesta apenas mais uma face do seu talento.

Nosso fim é recomendar aos nossos leitores o romance *que não se vende;* êles que consigam obtê-lo de algum amigo do autor e verão que bom gôsto e como foi êle apurado na construção e comento da sua *Corveta Diana."*

Ainda o nosso falecido consócio, o ilustrado Levy Santos, informa que: além das cartas hidrográficas e do mapa das operações de guerra no Passo da Pátria, e o seu compêndio de hidrografia, o ilustre Almirante conserva ainda inéditos outros

MCD 2018

trabalhos de grande interêsse, entre os quais sobresaem: um grosso volume contendo a tradução e organização alfabética do código internacional de sinais marítimos; uma memória acompanhada de duas grandes estampas sôbre a invenção do engenheiro alemão Guilherme Bauer para suspender navios do fundo do mar; uma relação minuciosa da viagem de um ano na corveta *Baiana* nos portos da Europa, desde o Tejo até o Elba, e dois volumes contendo a memória histórica e descritiva das suas viagens e explorações no Amazonas e seus afluentes, além de outros trabalhos de interêsse e mérito.

Se em nossa Pátria houvesse pelos estudos científicos o interêsse que os literários despertam, certamente mui indicado seria organizar uma Sociedade de estudos da obra realizada pelo eminente Almirante Barão de Tefé. Assim não podendo ser, lembraríamos a esta Casa, mau grado tôdas as dificuldades com que ingentemente luta, que ela tomasse a si conseguir uma reünião dêsses importantes trabalhos do nosso emérito consócio, procurando fazê-los publicar oficialmente.

NA IMORTALIDADE SUBJETIVA

Os vivos são sempre e cada vez mais necessàriamente governados pelos mortos, é a grande verdade genialmente precisada pelo fundador da sociologia-ciência: Augusto Comte.

Como as demais outras comemorações que, num insopitável crescendo, ora se vão realizando, cultuantes dos nossos grandes mortos, decorre esta como elemento de um preito instituído sistemàticamente para a humanidade inteira por aquele pasmoso Filósofo de Montpellier. Sua monumental síntese de tôda a evolução humana é personificada naquele magnífico *calendário universal,* cuja solução astronômica de tão combatido problema já é hoje adotada oficialmente pela "Liga das Nações", a mais digna das novéis instituições do século XX.

Sim, esta comemoração procura fixar a imarcessível figura do legendário Almirante Barão de Tefé, falecido a 8 de Fevereiro de 1931, na serrana cidade das Hortências, daquele mesmo Rio-de-Janeiro onde nascera a 9 de Maio de 1837, mas na vila de Itaguaí, de tanta importância outrora.

Na avançada idade de 84 anos desaparecia êsse extrênuo campeador, êsse insígne propugnador da grandeza moral, intelectual e material da Pátria Brasileira, e que tanto a defendera na guerra como a ilustrara na paz, si é que não mais a enobreceu na guerra e a protegeu na paz: o Almirante Antonio Luiz von Hoonholtz, Barão de Tefé, Grande do Império Brasileiro.

MCD 2018

Êsse mui ilustre Fundador da Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro, da qual foi Vice-Presidente e seu Sócio Benemérito; Grã Cruz da Ordem de São Bento de Aviz; Comendador da Ordem Real da Espanha, Oficial da mui nobre Ordem Imperial do Cruzeiro e da Imperial Ordem da Rosa; êsse ilustrado Marujo, condecorado com as Medalhas da Campanha do Paraguai, conferida pelos Aliados, com as medalhas da Batalha Naval do Riachuelo e do Mérito Militar — brasileiras, e a dos Vencedores em Corrientes — argentina, era ainda Membro Titular do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, membro da Sociedade de Geografia de Lisbôa, membro da Sociedade Geografia Comercial de Paris e fôra já Vice-Presidente do Instituto Politécnico e membro do Conselho Diretor da Sociedade de Imigração.

O Almirante Barão de Tefé, ex-Diretor Geral do Serviço Hidrográfico do Império, membro correspondente das Academias de Ciências de Madrid e Paris, onde era o único brasileiro além do Imperador D. Pedro II, foi pelo Brasil República enviado extraordinário a Bruxelas, Roma e Viena como ministro plenipotenciário, havendo o Estado do Amazonas o levado, a êle Tefé, ao Senado Federal, pelos serviços prestados a êsse Estado, os quais, no departamento da geografia, expostos na Exposição Universal de Paris em 1889, grangearam do seu Comité Superior a medalha de ouro.

Senhoras e senhores! Para terminar êste já mui longo "Elogio geográfico-histórico" na altura do lendário Almirante Barão de Tefé, o faremos pela luzida pena daquele brilhante consócio nosso, há pouco desaparecido, o mavioso poeta Goulart de Andrade, não menos renomado prosador: "Sr. Barão de Tefé, nós sabemos de vossa existência venerável. Não acrediteis que é sòmente a França que vos reconhece o mérito, nem julgueis que é sòmente a Espanha que dignifica a vossa sabedoria. Tampouco não penseis que o outro regime, ao vos fazer Grande do Império, terá sido mais grato do que nós, pelos serviços que bem poucos, parcos de tantos excelsos atributos, podem prestar ao seu país; se a Monarquia vos fêz Barão, a República, ou melhor — a Nação Brasileira vos tem como um dos seus Varões Exemplares, coluna e lume do seu povo diante de quem os homens conscientes se inclinam com o reconhecimento mais puro." Temos concluído.

RESUMO EN ESPERANTO — *Memorigante la centjaran datrevenon de la naskiĝo de admiralo Barono de Teffé*

MCD 2018

la Geografia Societo de Rio-de-Janeiro efktivigis specialan kunsidon, dum kiu faris lian geografia-historian laŭdegon la maroficiro Komandanto Cesar Xavier.

Detale priparolante pri la fruktodona vivo de tiu granda homo li montras, ke li kunigis en si la ecojn de maristo, diplomato, sciencisto, beletristikisto, ĵurnalisto, registo kaj lasis el ĉiuj fortajn postsignojn de nevulgara personeco.

MCD 2018

ESTADO DO RIO-DE-JANEIRO

A NOVA DIVISÃO TERRITORIAL ADMINISTRATIVA E JUDICIÁRIA

Por Decreto n.º 392 A, de 31 de Março do corrente ano (1938), o Interventor Federal deu uma organização territorial ao Estado, de acordo com os decretos do Governo Federal e os Convênios firmados com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Segundo esse Decreto compreendia o Estado 49 municípios e 240 distritos, que eram os existentes nessa data. Todas as sedes dos municípios passaram a ter a categoria de cidade, e a de vila as sedes dos distritos. Do mesmo modo os municípios e os distritos tiveram as denominação das respectivas sedes.

Decretos posteriores do Interventor Federal, Sr. Ernani do Amaral, criaram os municípios de Bom-Jesús-de-Itabapoana (Decreto nº 633, de 14 de Dezembro de 1938), e de Entre-Rios (Decreto n.º 634, da mesma data), fundindo em um único os antigos municípios do Rio-Claro e São-João-Marcos, com a denominação e sede no primeiro. Com tais alterações ficou o território do Estado compreendendo 50 municípios e 243 distritos.

Mais recentemente, por Decreto n.º 641, de 15 do corrente (Dezembro de 1938), o Interventor Federal publicou uma nova divisão territorial, que vigorará de 1.º de Janeiro de 1938 a 31 de Dezembro de 1943. Permanecendo os 50 municípios, o número de distritos, com a criação de 3 novos, passou a ser de 246. Mudaram-se várias sedes de distritos e tambem antigas denominações. Eis a nova divisão:

1 Angra-dos-Reis. Sede na cidade desse nome. Vilas: Ribeira, Jacuecanga, Mambucada, Abraão e Matariz. O antigo distrito Ilha-Grande teve a denominação de Abraão. Matariz fica na ilha, a oeste.

2 — Araruama. Sede na cidade desse nome. Vilas: Morro-Grande e São-Vicente-de-Paulo. O Decreto diz "São Vicente-Vicente-de-Paula, o que não é certo.

3 — Barra-do-Piraí. Sede na cidade desse nome. Vi-

MCD 2018

las: Nossa-Senhora-das-Dores, Turvo (antigo São-José-do-Turvo), Mendes e Vargem-Alegre.

4 — Barra-Mansa. Sede na cidade desse nome. Vilas: Floriano (outrora Divisa), Espírito-Santo, Amparo, Quatís, São-Joaquim, Falcão e Volta-Redonda.

5 — Bom-Jardim. Sede na cidade desse nome. Vilas: Ribeirão (antigo São-José-do-Ribeirão), Banquete e Barra-Alegre.

6 — Bom-Jesus-do-Itabapoana. Sede na cidade desse nome. Vilas: Calheiros (antigo Santo-Antônio-do-Itabapoana), Rosal (antigo Sant'Ana-do-Itabapoana) e Liberdade.

7 — Cabo-Frio. Sede na cidade desse nome. Vilas: Araçá, Sacode-Fora e Arraial-do-Cabo.

8 — Cachoeiras. Sede na cidade desse nome. Vilas: Sant'Ana (antiga Sant'Ana-de-Japuiba) e Subaio.

9 — Cambucí. Sede na cidade desse nome. Villas: Monte-Verde, Paraisinho (antigo São-João-do-Paraiso), Vila Juca-Neto (Antigo São-José-de-Ubá) e Funil.

10 — Campos. Sede na cidade desse nome. Vilas: Goitacases (antigo São-Gonçalo), Santo-Amaro, Mussurepe (antigo Mineiros), Barão-de-São-José (antigo São-Sebastião), Guarulhos, Travessão, Monção (antigo Paraiso), Novo-Horizonte (antigo São-Benedito), Itaoca (antigo Santa-Rita-da-Lagoa-de-Coma), Dores-do-Macabú, Morro-do-Coco (antigo Vila-Nova), Santo-Eduardo (antigo Morro-do-Coco), Cardoso-Moreira (antigo Porto-do-Braga) e Paciência.

11 — Cantagalo. Sede na cidade desse nome. Vilas: Floresta (antigo Santa-Rita-da-Floresta), Cordeiro, Macuco, Rio-Negro (antigo Santa-Rita-do-Rio-Negro), Euclides-Cunha (antigo São-Sebastião-do-Paraiba) e Boa-Sorte.

12 — Capivarí. Sede na cidade desse nome. Vilas: Aldeia-Velha (antigo Correntezas), Gaviões e Bananeiras.

13 — Carmo. Sede na cidade desse nome. Vilas: Corrego-da-Prata e Porto-Velho-do-Cunha.

14 — Casimiro-de-Abreu. Sede na cidade desse nome. Vila: Barra-de-São João. Este município é o antigo de Barra-do-São-João, cuja sede fôra transferida para Indaiassú, dando-se a esta localidade, posteriormente, a denominação de Casimiro-de-Abreu.

15 — Duas-Barras. Sede na cidade desse nome. Vila: Monnerat.

16 — Entre-Rios. Sede na cidade desse nome. Vilas: Monte-Serrat, Memposta e Areal.

17 — Itaboraí. Sede na cidade desse nome. Vilas: Porto-

MCD 2018

das-Caixas, Vila-Nova, Sambaetiba, Tanguá e Cabuçú. Vila-Nova fôra outróra o distrito de Itambí; è para Sambaetiba fôra transferida a sede da extinta vila de Santo-Antônio-de-Sá.

18 — Itaguaí. Sede na cidade desse nome. Vilas: Seropédica, Paracambí, Caçador e Coroa-Grande. Seropédica é um distrito criado em 1926, tendo por sede uma antiga fazenda onde se ensaiou a indústria seropédica. Pertenceu, em certo tempo, to Conselheiro Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho, Visconde de Sepetiba. Aberta a estrada Rio-São-Paulo, a fazenda, que pertence ao Sr. Cassiano Caxias, foi por ela cortada. Esse distrito substituiu o antigo Bananal. Paracambí era tambem denominação comum a território do município de Vassouras, para o qual fôra transferida a sede do distrito de Belem. Anteriormente Paracambí tivera a denominação de Macacos.

19 — Itaocára. Sede na cidade desse nome. Vilas: Laranjeiras, Portela, Jaguarembé, Estrada-Nova e Três-Irmãos.

20 — Itaperuna. Sede na cidade desse nome. Vilas: Penha, Lage, Reserva (antigo São-Sebastião-da-Boa-Vista), Natividade, Porciúncula, Varre-Sai, Santa-Clara, Ouro-Fino, Vista-Alegre e Comendador-Venâncio. Itaperuna é o antigo arraial de Porto-Alegre, elevado primitivamente à categoria de vila com a denominação de São-José-do-Avaí. A denominação de Itaperuna fora anteriormente dada à freguesia de N. S. da Natividade-do-Carangola, elevada por um decreto de 1885, que não foi executado, à categoria de vila.

21 — Macaé. Sede na cidade desse nome. Vilas: Cabiúnas (antigo São-José-do-Barreto), Carapebús, Guissamãe, Macabú, Ririrí (antigo Neves), Cachoeiros, (antigo Vargem-Alta), Glicério (antigo Frade), Sana, Macabuzinho (antigo Paciência-do-Macabú. O Decreto dá a denominação de Cachoeiros, mas a denominação com que foi criado em 1892 (Decreto n.º 1A) é Cachoeira.

22 — Magé. Sede na cidade do mesmo nome. Vilas: Santo-Aleixo, Guapimirim, Suruí, Guia-de-Pacobaiba e Inhomirim.

23— Mangaratiba. Sede na cidade desse nome. Vilas: Jacaraí e Itacurussá.

24 — Maricá. Sede na cidade desse nome. Vilas: Posse e Inoã.

25 — Miracema. Sede na cidade desse nome. Vilas: Paraiso-do-Tobias e Venda-das-Flores.

26 — Niteroí. Sede na cidade desse nome, capital do Estado. Não tem vilas. Os antigos distritos não se transformaram em vilas e eram: São-Domingos (2.º), Icaraí (3.º), São-

MCD 2018

Lourenço (4.º), Barreto (5.º), e Jurujuba (6.º). Compreende agora 4 zonas.

27 — Nova-Friburgo. Sede na cidade desse nome. Vila: Rio-Grande, Campo-do-Coelho, Refúgio (antigo Amparo) e Lumiar. Refúgio era a sede do distrito de Ferras-Frias.

28 — Nova-Iguassú. Sede na cidade desse nome, outrora Maxambomba. O municipio teve até o Decreto de Março do corrente ano, já referido, a denominação de Iguassú, da vila que desaparecera. Vilas: Queimados, Cava, Merití, Bonfim, Estrela, Nilópolis, Caxias e Belfort-Roxo. Nilopolis é uma parte do antigo distrito de São-Mateus; Merití, â margem do Pavuna; Caxias é parte do antigo distrito de São-João-de-Merití, onde era situada a antiga estação de Merití, da "Leopoldina Railway"; Queimados substituiu desde então a sede do distrito de Marapicú, cujas terras formam em parte a fazenda da Normandia; Bonfim faz parte do antigo distrito de Sant'Ana-das-Palmeiras, cuja sede fora transferida para Santa-Branca e daí para aquela localidade; Cava, onde está a estação de José-Bulhões, era a sede do distrito de N. S. da Piedade-de-Iguassú, que era a sede do município.

29 — Paraiba-do-Sul. Sede na cidade desse nome. Vilas: Encruzilhada, Inconfidência (antigo Sant'Ana-de-Tiradentes e antes Cebolas), Afonso-Arinos (parte do antigo Monte-Serrat).

30 — Paratí. Sede na cidade desse nome. Vilas: Paratimirim e Humaitá (antigo São-Gonçalo).

31 — Petrópolis. Sede na cidade desse nome. Vilas: Cascatinha, Itaipava, Pedro-do-Rio e São-José (antigo São-José-do-RioPreto.

32 — Piraí. Sede na cidade desse nome. Monumento (antigo São-José-do-Bom-Jardim), Arrozal (antigo São-João-Batista-do-Arrozal) e Pinheiro.

33 — Resende. Sede na cidade desse nome. Vilas: Campos Elíseos, Porto-Real, Campo-Belo e Salto (antigo Sant'Ana-dos-Tocos), Vargem-Grande e Fumaça (antigo São-Vicente-Ferrer).

34 — Rio-Bonito. Sede na cidade desse nome. Vila: Bôa-Esperança.

35 — Rio-Claro. Sede na cidade desse nome. Vilas: Parado (antigo Santo-Antônio-de-Capivarí), São-João-Marcos, Passa-Três, Arraial-do-Príncipe (antigo São-Sebastião-do-Arrozal).

36 — Santa-Maria-Madalena. Sede na cidade desse nome. Vilas: Triunfo, Arrebol (antigo Santo-Antônio-do-Imbé), Doutor-Loretti, Renascença (antigo São-José-de-Macapá) e Sodre-

MCD 2018

lândia. Doutor-Loretti, estação de estrada de ferro, é a sede do antigo distrito de São-João-Evangelista-da-Ventania, para alí transferida.

37 — Santa-Teresa. Sede na cidade desse nome. Vilas: Porto-das-Flôres, Taboas e Abarracamento.

38 — Santo-Antônio-de-Pádua. Sede na cidade desse nome. Vilas: Baltasar, Santa-Cruz (antigo Santa-Cruz-de-Monte-Alegre), Marangatú, Chave-do-Faria, Monte-Alegre, Paraoquena, e Ibitiguassú.

39 — São-Fidelis. Sede na cidade desse nome. Vilas: Ipuca, Pureza (antigo Timbó), Colônia (antigo Dois-Rios) e Ponte-Nova.

40 — São-Gonçalo. Sede na cidade desse nome. Vilas: José-Mariano (antigo Cordeiros), Itaipú, Neves, Sete-Pontes e Monjolo.

41 — São-João-da-Barra. Sede na cidade desse nome. Vilas: Barra-Seca, Itabapoana, São-Luiz-Gonzaga e Pipeiras (antigo Amparo-do-Taí).

42 — São-Pedro-d'Aldeia. Sede na cidade desse nome.

43 — São-Sebastião-do-Alto. Sede na cidade desse nome. Vila: Valão-do-Barro.

44 — Sapucaia. Sede na cidade desse nome. Vilas: Anta e Aparecida.

45 — Saquarema. Sede na cidade desse nome. Vilas: Palmital e Mato-Grosso.

46 — Sumidouro. Sede na cidade desse nome.

47 — Teresópolis. Sede na cidade desse nome. Vilas: Paquequer-Pequeno (antigo Santa-Rita) e Sebastiana.

48 — Trajano-de-Morais. Sede na cidade desse nome. Vilas: Visconde-de-Imbé, Doutor-Elias, Ponte-da-Grama, Sodrelândia e Monte-Café. O município existia com a denominação de São-Francisco-de-Paula, embora a sede fosse em Trajano-de-Morais, para onde voltou depois de transferida para o povoado de Aurora, no distrito de Visconde-de-Imbé. Sodrelândia foi denominação que teve anteriormente o distrito de Boa-Esperança-do-Macabú. Doutor-Elias foi denominação anteriormente dada ao distrito de Santa-Maria-do-Rio-Grande.

49 — Valença. Sede na cidade desse nome. Vilas: Desengano, Conservatória, Ipiabas, Santa-Isabel-do-Rio-Preto, Pentagna (antigo São Sebastião-do-Rio-Bonito), Rio-Preto (antigo São-Sebastião-do-Rio-Preto), Conservatória é sede do antigo distrito de Santo-Antônio-do-Rio-Bonito.

50 — Vassouras. Sede na cidade do mesmo nome. Vilas: Patí-do-Alferes, Andrade-Pinto (antigo Patí), Ferreiros, Sa-

MCD 2018

cra-Família-do- Tinguá, Rodeiro, Tairetá, (antiga parte de Paracambí pertencente a Vassouras) Sebastião-de-Lacerda e Governador Portela. Sebastião-de-Lacerda foi denominação dada anteriormente ao distrito de Comércio.

Digamos alguma cousa sobre as modificações feitas pelos Decretos numeros 533, 634 e 635 do corrente mês (Dezembro de 1938).

O Município de Bom-Jesús-do-Itabapoana constituiu-se integralmente com território do Município de Itaperuna, do qual foram desmembrados os distritos que pertenciam a este: Sant' Ana-do-Itabapoana e Santo-Antônio-de-Itabapoana, que perderam suas tradicionais denominações para serem crismados com as de Rosal, o primeiro, e Calheiros, o último. Um novo distrito, constituido com território desmenbrado do antigo Bom-Jesús-do-Itabapoana, foi criado, o de Liberdade, nome da região onde existia uma fazenda próxima do córrego desse nome, afluente do Itabapoana.

Bom-Jesús-do-Itabapoana já foi município, em outra época, sob o nome de Itabapoana. Criou-o o Governador Dr. Francisco Portela pelo Decreto n.º 150, de 24 de Novembro de 1890, sendo inaugurado no dia 25 de Dezembro desse ano. Sua existência, porem, foi curta, porque o Decreto n.º 1, de 8 de Maio de 1892, dando nova organização municipal ao Estado, o extinguiu. A testada do município fica toda ela sobre o rio Itabapoana, desde a barra do ribeirão Varre-Sai até o marco Carabussú, na margem esquerda desse rio, próximo da vila de Santo-Eduardo, do município de Campos. E' toda ela fronteira ao Estado do Espírito-Santo.

Segundo a exposição de motivos que acompanhou o Decreto de criação, a superfície do novo município é avaliada em 589k2, tendo uma população de 42.000 munícipes.

O município de Itaperuna ficou com os demais municípios de que se compunham, criando-se o de Commendador-Venâncio. Este distrito é novo e fica próximo do distrito de Lage.

O município de Entre-Rios foi todo desmembrado da Paraiba-do-Sul, constituido pelos antigos distritos paraibanos de Entre-Rios, Bemposta, Areal e parte de Monte-Serrat. O município de Paraiba-do-Sul ficou com os demais distritos que o formavam, sendo criado um novo, o de Afonso-Arinos, constituido pela outra parte do distrito de Monte-Serrat.

Com a fusão dos municípios do Rio-Claro e São-João-

MCD 2018

Marcos, constituindo o do Rio-Claro, o segundo desaparece da divisão administrativa como município, passando agora a ser distrito e vila. Perdeu, por isso, a categoria de cidade, que lhe dera o Decreto n.º 115, de 15 de Agosto de 1890, o qual alterara sua antiga denominação de São-João-do-Príncipe, que lhe fora dada pelo Alvará de D. João, então príncipe regente, de 21 de Fevereiro de 1813, ao erigir em vila a antiga freguesia de São-João-Marcos, desenembrada da vila de Rezende.

A antiga vila, hoje cidade do Rio-Claro, elevada áquela categoria pela Lei n.º 481, de 19 de Maio de 1849, era a antiga freguesia de N. S. da Piedade, até aí pertencente à vila de São-João-do-Príncipe.

O Decreto n.º 640, de 15 de Dezembro, modificou a divisão judiciária do Estado, distribuindo assim as comarcas: 1.ª *entrância: Angra-dos-Reis,* com os termos de Angra-dos-Reis e Paratí; *Araruama,* com os termos de Araruama e Saquarema; *Bom-Jardim, Cambucí,* com os termos de Cantagalo e Duas-Barras; *Carmo,* com os termos do Carmo e Sumidouro; *Itaguaí,* com os termos de Itaguaí e Mangaratiba; *Itaocara, Magé, Pindí; Rio-Bonito,* com os termos de Rio-Bonito e Capivarí; *Santa-Maria-Madalena,* com os termos de Santa-Maria-Madalena, Trajano-de-Morais e São-Sebastião-do-Alto; *São-João-da Barra;; São-Fidelis; Santo-Antônio-de-Pádua,* com os termos de Santo-Antônio-de-Padua e Miracema.

2.ª *entrância*: *Barra-Mansa,* com os termos de Barra-Mansa e Rio-Claro; *Barra-do-Paraí; Cabo-Frio,* com os termos de Cabo-Frio e São Pedro-d'Aldeia; *Macaé,* com os termos de Macaé e Casimiro de Abreu; *Nova-Friburgo,* com os termos de Nova-Friburgo e Cachoeiras; *Paraíba-do-Sul,* com os termos de Paraíba do Sul, Entre-Rios e Sapucaia; *Resende; Teresópolis; Valença,* com os termos de Valença e Santa-Teresa; *Vassouras*

3.ª *entrância*: *Campos; Nova-Iguassú; Itaperuna,* com os termos de Itaperuna e Bom-Jesús-do-Itabapoana; *Niteroí, Petrópolis; São-Gonçalo,* com termos de São-Gonçalo e Maricá.

Em cada comarca há um juiz de direito e em cada termo que não for sede de comarca, um pretor.

Em Niteroí ha 2 varas dos Feitos da Fazenda, 1 guia de menores cuja jurisdição se estende a São-Gonçalo; 2 varas civeis, 1 vara criminal e 2 pretores.

MCD 2018

Nas comarcas de Itaperuna e Nova-Iguassú há, em cada uma, 1 vara civel e outra criminal.

Em Campos há 2 varas civeis e 1 criminal.

Cada juiz singular tem 2 suplentes.

Passaram a subpretores os antigos juizes de paz, que teem jurisdição nos distritos que não forem sedes de municípios.

O Ministério Público tem por orgãos o Procurador Geral do Estado, o Procurador da Fazenda (junto aos Juizes dos Feitos), os curadores, os promotores de justiça e o advogado do Juizo de Menores. Os curadores são 3, sendo 1 em cada vara civel de Niteroí e 1 em Campos. Os promotores de Justiça funcionam nas comarcas perante os respectivos Juizes de direito, havendo 2 em Niterói, servindo 1 junto de cada pretor e ambos junto de Juiz Criminal. Os adjuntos de promotores funcionam nos termos junto dos respectivos pretores. O advogado de Juizo de Menores serve perante o respectivo juiz.

Em cada comarca (ou termo anexo) há um Tribunal do Jurí, organizado de acordo com a lei federal.

O Tribunal de Apelação tem sede na Capital e jurisdição em todo o Estado, compondo-se de 13 desembargadores, um dos quais é o Corregedor Geral da Justiça.

RIO, 24-12-38

José Matoso Maia Forte

RESUMO — *Sekve de la starigo de la Nova Ŝtato, la regdelegito de Ŝtato Rio-de-Janeiro dekretis novan teritorian organizon obee al la dekretoj de la Federacia Registaro kaj al la interkonsento kun la Brazila Instituto de Geografio kaj Statistiko.*

La Ŝtato de tiam konsistas el 49 komunumoj kaj 240 distriktoj. Ĉiuj sidejoj de la komunumoj estas nomataj urboj kaj tiuj de la distriktoj urbetoj. La komunumoj kaj la distriktoj havas la nomojn de la respektivaj sidejoj.

Fine, postaj dekretoj plialtigis ĝis 50 la nombron de la konunumoj kaj ĝis 246 tiun de la distriktoj. Oni ŝanĝis diversajn sidejojn kaj ankaŭ antikvajn nomojn.

La komarkoj konsistas el tri rangoj, kaj en ĉiu el ili estas unu juĝisto kaj en ĉiu termo (subkomarkoj), kiu ne estas sidejo de komarko, unu malsupera juĝisto.

Ĉiu juĝisto havas du anstataŭantojn. La antikvaj pacjuĝistoj kun juĝpovo super la distriktoj, kiuj ne estas sidejoj de distriktoj, estas nun nomataj vic-malsuperjuĝistoj.

La Apelacia Tribunalo havas sidejon en la ĉefurbo kaj juĝopovo super la Ŝtato.

MCD 2018

VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS NO BRASIL

CONFERÊNCIA

Proferida pelo Coronel Luiz Mariano de Barros Fournier, aos 24 de Março de 1938 na Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro

Exmo. Sr. Presidente, Exmos. Srs. Diretores, Exmas. Senhoras, Meus Senhores.

Cumprindo ordem emanada do nosso querido Presidente, aquí estou, mais uma vez, tomando vossa benévola atenção.

Ele quer que vos diga daquilo que vi no sertão, no ponto de vista de nossa pre-história.

Ontem, porem, um confrade e amigo lembrou-me o fato de ter eu já feito, aquí, duas conferências sobre esse mesmo assunto...

Realmente, as fiz. E isso despertou-me a preocupação de evitar-vos enfado.

Como, porem, lembrar-me do que vos disse?

Como evitar repetir narrativas, reproduzir argumentos, quando vos disse, então, tudo quanto sabia?

Somente um caminho se me depara: — dizer-vos o que não sei em torno do que sei, para enquadrar os fatos em uma conclusão justa.

Mas, para dizer-vos o que não sei, impôs-se-me tomar a quem soubesse e foi o que fiz.

Ides, portanto, ouvir a leitura do que copiei de autores diversos, no intuito de não resultar em vosso prejuizo, o dispêndio de vossa cativante benevolência, portadora do estímulo que me advem de vossa presença aquí.

Permití fazê-la.

ORIGEM DO HOMEM AMERICANO

Se no sertão existem vestígios de civilização remota, testemunhada pela existência de ruinas ciclópicas, é porque passou por alí o homem correlativamente civilizado.

MCD 2018

Isso impõe a necessidade de investigar-se sobre a origem desse homem. E tudo quanto ides ouvir sobre a origem do homem americano foi-me dado em comunicação psicográfica, por Arecipa de Platéia.

Diz ele:

"O assunto que abordo é, realmente, dos mais obscuros, porque se prende a princípios em torno dos quais o homem tem sempre tateado.

Nada há, de positivo, dentro do vulgarizado, sobre esse assunto que é o do aparecimento do homem no cenário histórico americano e de suas ligações com os antigos continentes ou com um possivel continente, agora submerso.

Ele é, no entanto, interessante, sob todos os aspectos e, principalmente, sob o científico, porque tem sido ponto de discórdia esse aparecimento.

As teorias mais ou menos em jogo, como a das migrações da Ásia e a dos poligenistas, que fazem que os homens, surgindo em outros continentes, tenham, tambem, do mesmo modo, surgido na América, são frageis em muitos pontos".

Para não fazermos crítica das teorias referidas, o que seria vastíssimo e dificultaria o abordarmos diretamente o nosso assunto, vamos, apenas, mostrar como poderemos, de maneira genérica, aceitar o aparecimento do homem na América.

As migrações da Ásia, são, de início, quasi impraticaveis. Não é contestavel a antiguidade do homem no planalto asiático, nem contestaveis são as migrações que daí se tenham verificado, para povoamento de toda a Ásia, da Europa e até da África. Somos, no entanto, levados a duvidar dessa migração para a América. A hipótese de migração coletiva, de grande vulto, através do Alaska, do Behring, do Camchatca, dessas ilhas Aleucianas que existem ligando a América à Ásia, é muito aceitavel, à primeira vista. Vem corroborá-la o fato de os americanos, principalmente os do sul, na época do descobrimento, terem pontos de contato étnico muito estreitos com os asiáticos, principalmente com os amarelos. Isso mostra o quanto são próximas as raças. Se vamos aos Maiás, aos Asteques, encontramos os mesmos pontos de contato. E, então, dizem os pesquisadores do assunto: o homem americano apresenta esses contatos nos monumentos, na língua, na religiosidade, no aspecto físico, porque deriva do asiático. Nunca, porem, alguem se aventurou a dizer que o asiático apresenta esses caracteres, porque deriva do americano.

A Geologia, no entanto, demonstra que o planalto central do Brasil é a mais velha das terras do globo.

MCD 2018

Não parece, assim, incoerência que o habitante da terra mais velha tenha vindo da terra mais nova? Eis o primeiro ponto.

O segundo: Sairam os habitantes da Ásia, os primitivos núcleos humanos, segundo pretendem os monogenistas, de ambiente temperado, tépido, que lhes facultava todos os meios de subsistência para suficiente manutenção material. Poderiam ter sido obrigados à migração, em consequência de superpopulação. Mas, não é lógico que esses homens, habitando zonas temperadas, prósperas e pródigas, fossem emigrar para o gelo, para as incertezas das planícies geladas e, assim, atravessassem a Sibéria e viessem ainda pelo Alaska, por zonas estereis do extremo norte, até localizarem-se no sul do México e, daí, para baixo.

De todos quantos de lá partissem, por semelhante caminho, quantos atingiriam o atual Canadá?

Terceiro ponto: Analisando todos os documentos encontrados, de um período remotamente histórico, na América, principalmente na do Sul, verifica-se que o movimento de civilização, pela antiguidade dos documentos encontrados, processou-se do oriente para o ocidente, do oceano Atlântico para o Pacífico, na mesma marcha do Sol, como se expandem todas as civilizações.

Assim, encontramos nos depósitos de Marajó, ilha Pacoval, em todo o litoral do Brasil, nos sambaquís, nas ruinas de Vila-Velha, em território paranaense, em todas essas inscrições e depósitos abundantíssimos, quer nas proximidades da lagôa Santa, em Minas, quer ainda para o norte do Brasil, encontramos vestígios de uma civilização preincaica. No entanto, vemos nas costas do Pacífico, sobre os Andes, apenas os remanescentes do Império dos Incas, que a dominação espanhola destruiu.

O ocaso da civilização incaica perdeu-se nas selvas amazônicas, e essa própria civilização incaica era, por sua vez, ocaso de outras que floresciam em sentido contrário: do Atlântico para o Pacífico, do oriente para o ocidente, como tudo marcha sobre a Terra, até o Sol.

Já que falamos no surto de uma civilização na costa oriental da América do Sul, já que falamos no aparecimento do homem do lado do Atlântico, temos de dizer, por isso que interessa ao aparecimento do homem na América, como veio ele desse lado do Atlântico e não do lado do Pacífico, como indicavam a analogia das línguas, a religiosidade, o tipo físico, etc..

MCD 2018

Temos de optar por um ponto de referência e por um fato suscetivel de adaptar-se à resolução do problema.

No Egito, que está tão afastado da América, lá nos confins do Mediterrâneo, de onde não se pode ter esperado, na época do florescimento egípcio, (cerca de 4.000 anos A. C.) migrações para a América, tambem encontramos pontos de contato com as civilizações americanas. E que pontos são esses?

Para mostrar-vos um, e lógico, basta citar a pirâmide, que lá estava como monumento básico, como linha básica de sua arquitetura, talvez como a estilização da chama. E, cá, nas civilizações maiá, mexicana e peruana, a pirâmide aparece tambem com a mesma característica, com a mesma acepção.

Outro ponto: as mitologias egipcia, incaica e asteque, no oriente, como no ocidente, tinham o Sol como base; o Sol como manifestação do poder, como expressão da divindade. Os peruanos admitiam, com muita clareza, que a divindade não se podia manifestar; estava acima de todas as coisas manifestas, porque isso era, apenas, consequência, e a divindade era a causa. Mas, de todas as consequências, de todas as manifestações, a mais poderosa, mais util, é o Sol, que, por isso, devia ser cultuado. Daí, a base da mitologia incaica e da egípcia: Osiris, Amon, Ftá, o Sol. De qualquer maneira, a iniciação, quer egípcia, quer incaica, se fazia pelo culto ao Sol.

Para nós, que estudamos as coisas como devem ser, através de suas consequências, mesmo estra-materiais, não existem coincidências. Então, se não vamos admitir que o americano emigrou para o Egito, — e daí os pontos de contato das duas civilizações —; ou o Egito veio à América e fez aí suas florescentes colônias, ou somos obrigados a aceitar um ponto de partida que facultou que, sob a forma de colônias, os dois pontos do globo florescessem paralelamente, sem se conhecerem entre si.

Essa a questão que se impõe e que vamos tentar desenvolver.

A lenda antiga, toda a literatura arcaica dos próprios gregos, refere-se a um continente existente entre a Europa e a América, continente que deixou reminiscências nas ilhas perdidas na vastidão do oceano Atlântico, continente esse que, por um cataclismo, desapareceu, submergiu.

Em torno dessa lenda, muita literatura se tem feito, muita cogitação humana se tem elaborado, muita tentativa de argumento decisivo tem-se demorado. O que, porem, é positivo, é que esse continente extinto, essa Atlântida, não logrou ainda

MCD 2018

penetrar no domínio histórico. Mas, dando força à lenda, porque todas as lendas encerram cunho de verdade, forma de ciência rigorosa, descoberta desvirtuada, admitamos a existência da Atlântida. Se não existiu, admitamos, neste momento, sua existência. Se existiu, irradiou-se, porque, colocada justamente entre a América e a Europa, nenhuma razão explicaria seu isolamento, nada explicaria o fato de não haver-se alargado para todos os lados.

As lendas dizem que seu povo chegou ao apogeu de toda a civilização humana. Admitamos, porem, que esse apogeu fosse, apenas, relativo, como tudo.

Se os povos de hoje e os de ontem, que não tinham atingido apogeu idêntico, puderam varar os oceanos e fundar colônias, para expansão de seu poder, é lógico que esse povo, dado pela lenda como expoente de todos os povos coetâneos, tenha podido fundar colônias e, daí, a irradiação atlante para todos os lados.

Ainda ahí, observamos fenômenos de subordinação à marcha do oriente para o ocidente. Esses fenômenos são vulgares na antiguidade das civilizações, quando vemos o Egito, a Grécia, Cartago, Roma, procurando sair do Mediterrâneo, na rota do Sol.

Ainda na Grécia, onde as lendas se guardam com fidelidade, até ao tempo das Olimpíadas, comemorava-se nas festas públicas a vitória de Atena, a deusa, contra os guerreiros de Atlas. Talvez tenha tido carater lendário a comemoração de uma batalha entre os senhores da Terra, os Cíclopes, e os invasores atlantes, em que, por um momento, os senhores da Terra houvessem triumfado.

Os egípcios, guardiães da tradição esotérica, que teve sempre cunho verdadeiro, entre os sacerdotes, guardam perfeita a lenda da Atlântica, e chegaram a contar que uma princesa atlante emigrara, certa vez, para o Egito, levada por questões de ordem política no seu reino, e aí casara-se, ficando o Egito formando uma colônia atlante.

Quando a História encontra a civilização egípcia, nas mais antigas dinastias, quando acompanha, *pari-passu,* o desenvolvimento e a criação dos monumentos históricos que hoje representam o patrimônio único para o estudo do Egito, quando remonta, mesmo, à maior antiguidade que pode, já encontra, na planície, a Esfinge; já encontra plasmada, talhada na pedra, aquela forma simbólica, tão desenvolvida e interpretada pelos sacerdotes egípcios, e tão bem caraterizada na iniciação esotérica de ISIS.

MCD 2018

Está, portanto, considerada a Esfinge como o mais velho dos monumentos históricos que se conhecem na Terra. Tão velho, que a História lhe não conhece, nem lhe fixa a idade. Não lhe conhece o princípio, nem sabe de onde surgiu.

Dizemos nós: O marco da conquista atlante, para o lado do oriente, foi esse; para o ocidente, os atlantes conquistaram a América do Sul, que lhes estava mais próxima, as Antilhas, que se estendiam como continente sobre as ondas, e não submersas, aparecendo os picos, como hoje, e o México.

Sempre para o ocidente, das costas do Brasil, para os Andes, atravessando a planície amazônica e não deixando nela vestígios mais antigos, mais caraterístico, porque a própria planície amazônica estava ainda em formação geológica.

Somente depois do cataclismo da Atlântida, cerca de cinco a seis mil anos antes do Cristo de DEUS, é que se fixaram as bases da planície, é que o rio chegou ao seu perfil de equilíbrio e divagou. É por isso que, na ilha de Marajó, as costas já eram emersas no tempo em que desapareceu a Atlântida.

Observemos que a cadeia andina eleva-se à proporção que as do sistema brasileiro diminuem. Isso, porque estas sofrem ação desmoronadora. Na cadeia andina dá-se o surgimento geológico, o levantamento das camadas, para, mais tarde, em decomposição e desmoronamento tambem, vir mais concretizar os terrenos das planícies amazônica e patagônica.

O que é fato, é que nestas terras do Brasil, mais velhas, a civilização atlante se fixou e elas, as camadas geológicas, constituiram o desenvolvimento, a expansão para o interior.

Na época do cataclismo, há síncope, como é bem natural. E' claro que o centro das civilizações não era a América, era a Atlântida, e, tendo ela desaparecido, essas forças todas migratórias enfraqueceram. Daí, a luta entre elas, a formação de tribus, a volta ao estado selvagem, o desvirtuamento da civilização.

Nesse estado, os descobridores europeus encontraram os povos americanos. Nesse estado, os conquistadores espanhóis baniram para o interior o habitante do Império Incaico.

As formas, porem, dos idiomas que encontraram nas tribus da América do Sul, em geral, denotam que houve língua mater, cuja regra ou disciplina desapareceu. Os dialetos-troncos estão, porem, patentes em todas as sub-línguas, nos subdialetos que esposam as tribus. E, dessas, faz, apenas, exceção o aimará-quichua, dos incas. Isso, porque a separação dos incas foi mais duradoura. Estavam em contato com outras for-

MCD 2018

mas de vida. Foi o homem da montanha, da pedra. O mais antigo era o homem da planície; a língua desvirtuou-se e formou como que um ramo à parte. Tudo mais está claramente explicado pela presença da Atlântida, como ponto de contato entre o velho e o novo continentes.

A ATLÂNTIDA

Meu intuito, presentemente, é o de tentar, pelo menos, evidenciar a possibilidade da existência de ruinas no sertão do Brasil, atestando a passagem, por alí, de civilização muito superior à dos conquistadores lusos, na época de penetração, embora remotíssima, como testemunham os destroços de alvenaria e outros fenômenos que observei *in loco,* em territórios da Baía e de Goiaz.

Não é, portanto, absurdo, demorar-me em torno do continente morto, porque é de sua existência que advirá a prova, de que careço, e que somente alí se encontra, de nossa prehistória.

Ides, pois, ouvir o que está em "HISTOIRE DE L'ATLANTIDE", da coleção — SCOTT-ELLIOT. — (1911).

Cinco fontes, aí, oferecem testemunhos da existência da Atlântida, a saber:

Sondagens marítimas — O testemunho das sondagens marítimas pode ser resumido em algumas palavras. Graças, principalmente, às expedições das canhoneiras inglesa e americana, *Challenger* e *Daufin,* foi possivel traçar-se a carta do leito do oceano Atlântico. Demonstrou-se, assim, que existe, no meio do oceano, uma enorme cadeia de montanhas de grande elevação. Esta cadeia estende-se na direção do sudoeste, desde os 50.º norte, aproximadamente, até às costas da América meridional; depois, na direção sudeste, para as costas da África, mudando novamente de direção nas proximidades da ilha da Ascensão, e dirigindo-se para o Sul, até Tristão da Cunha. Ela se eleva, quase subitamente, das profundezas do oceano a uma altura de 9.000 pés, enquanto que os Açores, São-Pedro e São-Paulo, Ascensão e Tristão-da-Cunha, são os únicos picos desta região que ainda permanecem à superficie. Uma linha de 3.500 toesas, isto é, de 21.000 pés, é necessária para atingir as maiores profundidades do Atlântico; mas as partes mais elevadas da cadeia estão situadas somente a uma profundidade de cem e algumas centenas de toesas, sob o nivel do mar. As sondagens provam ainda que essa grande cadeia é co-

MCD 2018

berta de detritos vulcânicos, cujos traços se encontram, através do oceano, até às costas da América.

Ficou estabelecido, de modo decisivo, em seguida aos trabalhos realizados, que o solo que forma atualmente o leito do oceano, foi teatro de erupções vulcânicas gigantescas, e isto, durante um período geológico que pode ser facilmente determinado.

Starkie Gardorer pensa que, no período eoceno, as ilhas Britânicas faziam parte de uma grande ilha, ou, melhor, de um continente que se estendia no Atlântico, e aceita "que uma grande região continental existia, então, onde se encontra hoje o mar; e que o condado de Cornualha, as ilhas de Scilly e as da Mancha, da Irlanda e da Bretanha são vestígios de seus picos mais elevados". (Pop. Sc. Review, Julho de 1878).

Fauna e flora — A existência constatada de uma fauna e de uma flora similares, ou, mesmo, idênticas, sobre continentes separados por grandes oceanos, tem sido sempre um enigma para os biologistas e para os botânicos. Mas, se outrora existiu ligação entre esses continentes, — ligação que permitia a migração natural de tais animais e plantas — o enigma desaparece. Ora, encontram-se restos fosseis de camelos nas Índias, em África, na América meridional e no Kansas; mas a hipótese geralmente admitida pelos naturalistas é a de que, cada espécie animal, cada planta, apareceu originariamente sobre determinada parte do globo, de onde os respectivos espécimes espalharam-se, pouco a pouco, para outras regiões. Como, então, explicar-se a existência desses restos fosseis, sem admitir-se o fato de uma comunicação possivel entre os continentes, em alguma época remota?

Recentes descobertas nas camadas fosseis do Nebraska, parecem provar que o cavalo é originário do hemisfério ocidental, porque é a unica parte do mundo em que restos fosseis teem sido descobertos, indicando as diversas formas intermediárias que teem sido consideradas como representando os precursores do verdadeiro cavalo. E' porque seria dificil de explicar-se a presença do cavalo na Europa, sem admitir-se a hipótese de uma comunicação constante entre os dois continentes; tanto mais que o cavalo existia, certamente, em estado selvagem, na Europa e na Ásia, antes de sua domesticação pelo homem, o que remonta, aproximadamente, à idade da pedra. O boi e o carneiro, tais como os conhecemos hoje, teem ancestrais igualmente remotos. Darwin mostra o gado domesticado, na Europa, às primeiras épocas da idade da pedra, en-

MCD 2018

quanto que, muito anteriormente, surgira o búfalo selvagem da América. Os restos do leão das cavernas da Europa, são tambem encontrados na América do Norte.

Passando do reino animal ao vegetal, constata-se que, na Europa, a maior parte da flora da idade miocena, — que se encontra principalmente nas camadas fosseis da Suiça —, existe em nossos dias na América, e um pouco na África. Mas, no que concerne à America, um fato é digno de nota: — enquanto que a maior parte das espécies se encontra nos estados de leste, muitas dentre elas faltam nas costas do Pacífico. Isto parece indicar que elas penetraram no continente pelo lado do Atlântico. O professor Asa Gray afirma que, sobre sessenta e seis gêneros e cento e cinquenta e cinco espécies, encontradas nas florestas orientais das montanhas Rochosas, trinta e um gêneros e setenta e oito espécies, somente, se encontram na vertente ocidental.

Mas, é na questão da bananeira, que se apresenta o problema dificil. O professor Kuntze, eminente botânico alemão, indaga: "De que modo esta planta, originária das regiões tropicais da Ásia e da Àfrica, e que não pode suportar uma viagem artavés das regiões temperadas, pôde ser transportada para a América?" A planta é desprovida de sementes, não pode reproduzir-se por estacas ou garfos, não possue bulbos que possam ser transportados facilmente. Cuidados especiais seriam necessários para transportá-la; e, ainda, não poderia suportar longa viagem. Como, pois teria ela sido transportada, se não existisse, em alguma época, comunicação possivel entre o antigo e o novo continentes? O professor Wallace, em seu delicioso tratado *Island Life,* bem como outros autores, em muitas obras importantes, teem emitido engenhosas hipóteses para explicar a identidade da fauna e da flora nas regiões muito afastadas entre si e seu transporte para alem do oceano; mas todas essas hipóteses são contestaveis ou se desmoronam em diferentes pontos.

Cinco variedades, diferentes, de trigo eram já cultivadas na Europa, na idade da pedra. Uma dessas variedades, encontrada nas *habitações lacustres,* é conhecida sob o nome de *trigo egípcio*. Baseando-se nesse fato, pretende Darwin que "os homens das habitações lacustres mantinham relações comerciais com algum povo meridional, ou que eles descendiam de colonos do Sul". Para ele, o trigo, a cevada, a aveia, etc., proveem de espécies variadas, atualmente desaparecidas, ou tão inteiramente diferentes daquelas que produziram, que nem uma comparação é possivel. "O homem, diz ele, deve ter

MCD 2018

cultivado os cereais em épocas muito remotas". As regiões onde floresciam essas espécies desaparecidas, assim como as civilizações sob as quais foram cultivadas mediante inteligente seleção, tudo é explicado na hipótese de um continente extinto: os colonos importando seus produtos, do oriente ou do ocidente.

O Homem — A língua vasconça é a unica das línguas europeias que não tem afinidade com as outras. Segundo Farrar, "jamais se pôs em dúvida que essa língua isolada, conservando seu carater, em um recanto ocidental da Europa, e entre dois reinos poderosos, parece, por sua estrutura, com a língua primitiva do vasto continente oposto (América), e com ela somente. (Families of Speech, pg. 132). Os fenícios foram, sem dúvida alguma, os primeiros povos do hemisfério foram, sem dúvida alguma, os primeiros povos do he Mer oriental que empregaram o alfabeto fonético, os caracteres sendo considerados como simples signais representativos dos sons. E' curioso constatar-se que, em época igualmente remota, encontremos um alfabeto fonético na América Central, entre os Maiás do Iucatão, cuja civilização, segundo suas tradições, seria procedente de um país situado para alem do oceano, do lado do oriente. Plongeon, esta grande autoridade no assunto, escreveu: — "Um terço desta linguagem (maiá), é puro grego. Quem, pois, levou o dialeto de Homero à América? ou quem foi que trouxe para a Grécia a linguagem dos Maiás? O grego provem do sânscrito. Tambem dele provem o maiá? ou, melhor, seriam eles contemporâneos?" E' ainda mais surpreendente o encontrarem-se no alfabeto maiá treze letras que teem mais de uma relação com os signais hieroglíficos egípcios, designando as mesmas letras. E' provavel que a forma primitiva do alfabeto fosse hieroglífica. Era essa a "escrita dos deuses", como diziam os egípcios, que, mais tarde, na Atlântida, transformou-se em alfabeto fonético. Seria natural supor-se que os egípcios fossem uma antiga colônia de atlantes, vindos da Atlântida, (como o eram, com efeito), e que tivessem trazido com eles o tipo primitivo da escrita que, desse modo, deixou traços nos dois hemisférios; enquanto que os fenícios, povo marítimo, descobriram e assimilaram a ultima forma do alfabeto, em suas relações com os povos do ocidente. Outro ponto deve ser considerado: é no que concerne à semelhança extraordinária de muitas palavras hebraicas com palavras que teem a mesma significação na língua dos Chiapenecs, — ramo da raça maiá, dos mais antigos da América

MCD 2018

Central. Uma lista desses vocábulos, foi dada em *"North Americans of Antiquity"*, pg. 475.

A semelhança de linguagem entre as diferentes raças selvagens das ilhas do Pacífico, serviu de argumento aos autores que teem escrito sobre o assunto.

A existência de linguagens similares, entre raças separadas por léguas de oceano, e entre as quais, desde os tempos histórico, parecia não poder existir qualquer relação possivel, pode testemunhar a favor de sua origem comum, isto é, de uma só raça que teria ocupado um mesmo continente. Mas este argumento não deve ser aquí evocado, porque o continente em questão não seria a Atlântida e sim a Lemúria, muito mais antigo.

Tipos etnológicos — A Atlântida, diz-se, foi habitada pelas raças vermelhas, amarelas, brancas e negras. As investigações de Plongeon, de Quatrefages, de Bancroft e outros, provam que populações negras, do tipo negro, existiam ainda na América, em época relativamente recente. Muitos monumentos da América Central, são decorados com figuras negras e alguns ídolos encontrados nesta região representam, visivelmente, negros de crânio deprimido, cabelos curtos e carapinhos, lábios espessos. Popul Vuh, falando da primeira pátria dos guatemalenses, disse que "homens brancos e pretos habitavam em conjunto este feliz país, vivendo em grande paz, falando uma língua única". (Natives Races, — Bancroft, pg. 457).

Popul Vuh expõe, em seguida, como este povo emigrou, abandonando sua primeira pátria; como sua língua se alterou e como uns dirigiram-se para leste, enquanto outros viajaram para oeste, (para a América Central).

O professor Retzius, em *Smithsonium Report,* considera que os dolicocéfalos primitivos da América, teem parentesco muito próximo com os guanches das ilhas Canárias e com as hordas das costas atlânticas da África, que Lathan designou sob o nome de Atlântida Egípcia. A mesma forma de cranio, é encontrada na costa africana, nas ilhas Canárias e nas costas da América, nas Caraïbas, enquanto que a cor da pele entre esses povos é de um trigueiro tirando para o vermelho.

Os antigos egípcios consideravam-se como homens vermelhos, de cor semelhante à que se encontra ainda hoje em certas tribus aborígenes da América.

"Os antigos peruvianos, diz Schort, a julgar-se de acordo com numerosos espécimes de cabeleiras encontradas nos túmulos, deveriam ser de uma raça de cabelos castanho-claros".

MCD 2018

Fato notavel, concernente aos aborígenes da América, e que é, para os etnólogos enigma permanente, é a grande diversidade de cores e de tonalidades que se encontram entre eles. Desde a cor branca das tribus da Menominea, de Dakota, de Mandan e de Zuni, cuja maior parte tem os cabelos castanhos claros e os olhos azues, até a cor escura, quasi negra, dos Karos, do Kansas, e das tribus extintas da Califórnia, as raças indígenas apresentam todas as nuanças: vermelho, moreno, cobre, oliva, amarelo, amarelo-claro e bronze. (North Americans of Antiquity, Schort; "Preadamites", — Winchell; "Indians of North America", — Catlin; "Atlantis", — Donnelly). A variedade de pigmentos, encontrada no continente americano, é explicada pelas cores da raça primitiva que habitava a terra da Atlântida — "mãe das outras".

Crenças e ritos — Nada parece ter tanto surpreendido os aventureiros espanhóis, no México e no Perú, que a extraordinária semelhança das crenças religiosas, dos ritos, dos emblemas do antigo mundo com aqueles que encontraram estabelecidos no novo mundo. Os padres espanhóis consideravam essa semelhança como obra do demônio. O culto da cruz, entre os indígenas, e a presença deste emblema nos edifícios religiosos e nas ceremônias, era para eles objeto de espanto; e, com efeito, em parte alguma, nem mesmo nas Índias e no Egito, este símbolo era tido em mais profunda veneração, que entre as tribus primitivas do continente americano, enquanto que o sentido oculto sobre o qual repousava o culto que lhe era tributado era o mesmo. No ocidente, como no oriente, a cruz era o símbolo da vida, — algumas vezes, da vida física; mais frequentemente, da vida eterna.

Do mesmo modo, nos dois hemisférios, o culto do disco solar ou do círculo e da serpente, eram universais; e, o que é mais surpreendente, é a semelhança do vocábulo que significa *Deus,* nas línguas principais do leste e do oeste. Comparai, com efeito, o sânscrito *Dyaus* ou *Pitar,* o grego *Theos* e *Zeus,* o latino *Jupter,* o céltico *Dia* e *Ta,* (pronuncia *Thyah,* que parece apresentar afinidade com a palavra egípcia *Tau*), o hebreu *Jah* ou *Yah* e, finalmente, o mexicano *Téo* ou *Zéo*.

As cerimônias do batismo eram praticadas por todas as nações. No México e no Perú, o batismo das crianças era considerado ceremônia solene. (Humboldt", Mexican Researches" e Prescot, "México"). As tribus do México e do Perú, da America Central, praticavam, ainda, como as nações do velho mundo, a confissão, a absolvição, a quaresma e o casamento, em presença do padre. Os habitantes do novo mundo

MCD 2018

tinham, tambem, ordens monásticas de homens e de mulheres, nas quais se punia de morte àqueles que rompiam os votos. Como os egípcios, eles embalsamavam seus mortos, adoravam o Sol, a Lua e os planetas; mas, acima de tudo, adoravam uma divindade "onipotente, que tudo sabia... invisivel, incorpórea, um só Deus de toda a perfeição". (Sahagun, "Historia de Nueva España", lib. VI).

Tinham, tambem, sua divindade, a Virgem Mãe, "Nossa Senhora", cujo filho, o "Senhor da Luz", era designado pelo nome de "Salvador"; aí existe estreita relação com os cultos de Isis, de Beltis e das outras virgens adoradas no oriente, assim como seu divino filho. Do mesmo modo que, entre os judeus, a arca era uma espécie de templo portatil, em que a divindade era suposta habitar constantemente, tal como entre os mexicanos, *cherokees* e os indígenas de Michoacan e de Honduras, a arca era objecto de alta veneração e considerado como muito sagrado, para ser tocado por outros que não os padres". (Lord Kingsborough, "Antiguidades Mexicanas"). Tambem nas Índias, na Caldéia, na Assíria, no Egito, na Grécia e entre os povos célticos, a arca ou *arga* é um dos símbolos sagrados.

Arquitetura — Encontramos, dos dois lados do Atlântico, como um dos mais antigos monumentos religiosos, a Pirâmide. A identidade das formas das pirâmides do Egito, do México e da América Central, é muito frisante, para ser simples coincidência. *Cholula* foi comparado aos grupos do Dachur, do Sakara e à pirâmide de Meidoun. Semelhantes em sua orientação, sua estrutura e mesmo em suas galerias e câmaras interiores, esses monumentos misteriosos, do este e do oeste, testemunham alguma fonte comum, em que, aqueles que os elevaram, tomaram a idéia de seus planos.

Os vestígios imponentes das cidades e dos templos do México e do Iucatão, parecem-se tambem, estranhamente, com os do Egito; as ruinas de Teotihuacan teem sido mesmo, frequentemente, comparadas às de Karnak.

A "falsa muralha", isto é, uma camada de pedras horizontais, das quais, cada uma, excede ligeiramente à precedente, é a mesma na América Central, nas mais antigas construções da Grécia e nas ruinas etruscas. Os arquitetos dos dois continentes, os do leste e os do oeste, elevavam túmulos semelhantes sobre seus mortos e depositavam os corpos em sarcófagos de pedra, perfeitamente iguais.

A escultura e as decorações dos templos da América, do Egito e das Índias teem muita semelhança, enquanto que algumas decorações murais são perfeitamente idênticas.

MCD 2018

Tradições e lendas — Aelian, em sua obra "Varia História", (lib. III, cap. XVIII), diz que Theopompus refere uma entrevista do rei de Frígia e Sileno, na qual este último mencionava a existência de um grande continente, situado alem do Atlântico e maior que a Ásia, a Europa e a Líbia, reunidas.

Prochus cita um extrato de antigo autor, que fala de ilhas existentes alem das Colunas de Hércules (estreito de Gibraltar) e cujos habitantes tinham de seus antepassados uma tradição concernente a uma grande ilha denominada Atlantis, que durante longo tempo teria estendido seu domínio sobre todas as ilhas do oceano Atlântico.

Marcellus fala de sete ilhas situadas no Atlântico e afirma que seus habitantes conservaram a lembrança de uma ilha muito grande, a Atlântida "que durante muitos anos exerceu seu domínio sobre as ilhas menores".

Diodoro, de Sicília, conta que os fenícios descobriram "uma grande ilha, situada no oceano Atlântico, (que nome significativo!) alem das Colunas de Hércules, e à qual eles chegaram, depois de alguns dias de viagem, a partir das costas d'África".

Platão, em seu Timeu, menciona o continente isolado. O Critias ou Atlanticus, outra coisa não é senão uma descrição detalhada da história, dos costumes e dos hábitos do povo que habitava a Atlântida. No Timeu fala de uma enorme potência guerreira que, das margens do Atlântico, ter-se-ia precipitado sobre toda a Europa e sobre a Ásia, porque, nesses tempos o oceano Atlantico era navegavel e aí existia uma ilha, à entrada do estreito que se designa hoje sob o nome de Colunas de Hércules. Mas esta ilha era maior que a Líbia e a Ásia reunidas e facilitava a passagem para as ilhas vizinhas; tambem era facil passar-se dessas ilhas para os outros continentes que confinavam com o Atlântico. Os testemunhos do Critias teem tão grande valor que sua escolha é dificil, citamos, no entanto, o extrato seguinte porque se refere aos recursos materiais do país: "Eram igualmente providos de tudo quanto, em sua cidade, é considerado como necessário e util às exigências da vida. Em verdade, eram aprovisionados de muitas coisas pelas regiões estrangeiras, porque seu império era muito vasto; entretanto, sua ilha lhes fornecia a maior parte dos objetos dos quais tinham necessidade, como os minerais em estado sólido ou estado líquido, como o *oricalco,* hoje sómente conhecido pelo nome, mas que então era de renome. Se o encontrava na terra, em muitos lugares da ilha e se o considerava como um dos metais mais preciosos, excetuando-se o ouro. A

MCD 2018

ilha produzia tambem, em abundância, tudo quanto as florestas podem fornecer em madeiras de construção: havia ainda abundantes pastagens para os animais domésticos e para os animais selvagens; os elefantes eram encontrados na ilha em número prodigioso. As pastagens nutriam animais de todas as espécies, os que habitam os lagos e os rios, bem como os que habitam as montanhas e as planícies. Havia, igualmente, alimentos suficientes para os animais maiores e mais vorazes. Esta ilha produzia tambem, em abundância, tudo quanto a terra fornece presentemente em espécies odoríferas, tais como: raizes, ervas, lenho, sucos, resinas, frutos e flores".

Os gauleses possuiam tradições sobre a Atlântida, reunidas pelo historiador romano Timágenes, que vivia no primeiro século antes da era cristã. Três raças distintas habitavam, provavelmente, a Gália. Primeiro, a população indígena, (descendente, sem dúvida, da raça lemuriana); segundo, os invasores, vindos das ilhas afastadas do Atlântico e, terceiro, os gauleses-arianos ("Adamitas", pg. 380).

Os toltecas do México, faziam remontar suas tradições até um país que eles chamavam de Atlan, ou Aztlan, ou Atzlan. Os asteques pretendiam tambem ter vindo de Atzlan. ("Raças Nativas", Bancroft, vol. V, pg. 221).

O Popul Vuh, (pg. 294), fala de uma viagem que os três filhos do rei QNICHES, teriam feito a uma região do oriente, às costas do mar, de onde seus antepassados vieram; eles tinham trazido, dessa viagem, entre outras coisas, um sistema de escrita". (Bancroft, vol. V, pg. 553).

Entre os aborígenes da América do Norte, existe uma lenda muito espalhada, segundo a qual seus antepassados teriam vindo de um lugar situado para "o Sol Levante". Os indígenas de Iowa e de Dakota, segundo o Major Lind, acreditavam que todas as tribus naturais não formavam mais, outrora, que uma tribu única, habitando em conjunto uma única e mesma ilha... "para o Sol Levante". E' daí que haviam atravessado o oceano "sobre esquifes estranhos, sobre os quais os antigos Dakotas *navegaram semanas inteiras* e ganharam, finalmente, a terra firme". Documentos encontrados na América Central, afirmam que o continente americano se estendia por muito longe, no oceano Atlântico, e que essa região foi destruida por uma séérie de catástrofes espantosas, separadas por longos intervalos. Três, dentre elas, são sempre mencionadas. (Baldwin, "Ancient America").

Uma lenda espalhada entre os celtas da Bretanha, segundo a qual uma parte de seu país ter-se-ia, outrora, estendido

MCD 2018

longe, no Atlântico, vem corroborar ainda essa hipótese. As tradições do país de Gales, mencionam três grandes catástrofes.

A divindade mexicana "QUETZALCOATL" teria vindo "de um lugar do oriente, muito afastado". Ela é representada como um homem branco, com grandes barbas. (Os indígenas do N. e do S., não teem barbas). Essa divindade teria inventado as letras e regulado o calendário mexicano. Depois de haver ensinado aos mexicanos as artes e os ofícios pacíficos, este enviado divino embarcou para o oriente, em uma canoa feita de peles de serpentes. ("North Americans of Antiguity", Schort, pg. 268-271).

Conta-se a mesma coisa de Zamna, fundador da civilização do Iucatão.

As lendas sobre o dilúvio, são antigos vestígios da história, concernentes à desaparição da Atlântida, e de acolhimento geral e universal. Basta constatar que nas Índias, na Caldéia, em Babilônia, na Média, na Grécia, na Escandinávia, na China, entre os judeus, como entre as tribus célticas da Bretanha, esta lenda é absolutamente idêntica em todas as suas partes essenciais. Se se interroga no ocidente, que se encontra? A mesmíssima história, conservada em todos os seus detalhes, entre os mexicanos, os habitantes da Guatemala, de Honduras e do Perú, e em quase todas as tribus indígenas da América do Norte.

Não é possivel que, tão fundamentais semelhanças, possam ser explicadas como simples coincidências.

As linhas seguintes, tomadas à tradução feita por Le Plongeon, do famoso M. S. TROANO, conservado no British Museum, poderão servir aquí de conclusão. O M. S. Troano parece ter sido escrito há cerca de três mil e quinhentos anos, entre os Maiás do Iucatão; dá a descrição seguinte, da catástrofe que submergiu a ilha de Poseïdon: — "No ano seis, do *kan,* aos onze *muluc,* no mês de *zac,* terriveis tremores se produziram e continuaram, sem interrupção, até ao treze *chuen*. A região das colinas de argila, o país de *Mu,* foi sacrificado. Depois de ter sido duas vezes abalado, desapareceu subitamente, durante a noite; o solo sendo continuamente abalado por forças vulcânicas, que o faziam elevar-se e abaixar-se em muitos lugares, até que cedeu; as regiões foram então separadas umas das outras, depois dispersas; não tendo podido resistir a essas terriveis convulsões, afundaram-se, arrastando com elas 64.000.000 de habitantes. Isto se passou a 8.060 anos antes da composição deste livro".

MCD 2018

Fartamente demonstrada a existência da Atlântida e sua expansão para todos os lados em torno do atual oceano Atlântico, não mais é possivel duvidar-se da existência de vestígios arqueológicos no sertão do Brasil. E, se dúvida houvesse, não deveria ser motivo de conclusão oposta, por que, a dúvida, para o cientista, deve ser sempre o primeiro estado da análise.

FRAGMENTOS

Em "Cidades Petrificadas", diz Tristão de Alencar Araripe, (Revista Trimensal do Instituto Histórico, de 9 de dezembro de 1886): — "Na época do descobrimento do Brasil, o vemos habitado por uma população analfabeta e balda de arquitetura, sendo, por consequência, incapaz de produzir monumentos literários e arquitetônicos. Se, pois no Brasil, verificamos a existência de antigas inscrições e de cidades abandonadas, devemos concluir que na nossa terra subsistiu um povo civilizado, que nela precedeu às tribus erradias encontradas pelos portugueses no seu advento às plagas brasileiras, e foi o escultor dessas inscrições e o edificador de tais cidades".

Inscrições — Adiante, diz ele: — "Não é recente a tradição sobre letreiros esculpidos em penedos de vários pontos do país". E ampara-se em Elias Eckerman, Aires do Casal, Francisco de Menezes e outros, que testemunham a existência de inscripções (1641, 1796, 1806) nas serras do Assuruana, na Baía; de Anabastabia, em Minas; nas margens do Japurá; no distrito de Inhamum e outros, do Ceará; no Apodí, em Rio-Grande-doNorte; na serra do Teixeira, em Paraiba-do-Norte; e, segundo afirma, "em vários outros sítios do nosso território, apontam-se penedos, lages e cavernas, onde veem configurados desenhos mais ou menos informes, a que dão o nome de letreiros ou inscrições; e em Cabo-Frio, é conhecida a pedra onde estão certos carateres, que o vulgo denomina *letras do diabo*. Esses letreiros são uns em caracters debuxados, outros em incisões na pedra e outros, finalmente, em desenhos de tinta vermelha, como são alguns do Assuruá, da serra do Teixeira e do Inhamum". Cita o General Cunha Matos, um dos fundadores do Instituto Histórico, que diz: "Eu não vi esses caracteres, e estou persuadido que são dendrites; (Só mesmo não os tendo visto...); posto que não se pode negar a existência de hieroglifos de um povo antiguíssimo em vários lugares do Brasil".

Rerefe-se, depois, aos conhecidos letreiros da Gávea.

Cidades — Diz, ainda, Araripe: "Enquanto as cidades

MCD 2018

abandonadas no interior dos nossos extensos e inexplorados bosques, sua existência tem sido por vezes anunciada, e bem conhecemos o empenho com que este Instituto procurou verificar a notícia dada em um roteiro escrito em 1753, e encontrado ultimamente na Biblioteca Nacoinal".

Refere-se, depois, às Sete Cidades, existentes no Piauí, ao sul da vila de Piracuruca, na distância de cinco léguas, à vista da fazenda do Bom Jesús, em uma grande planície:

"Não ha alí mais do que uma cidade petrificada ou construida por um *povo antiquíssimo e civilizado,* de que já não temos mais notícias, existindo somente aquelles vestígios. Tem nela sete peças, e é claro, que dalí lhe venha o nome de Sete Cidades, confundindo-se com o das sete praças. Oitenta e cinco léguas não me obstaram a ir visitar aquele lugar, onde demorei-me três dias. A sua vista pitoresca inspirou-me desejo de maior demora, mas... a cidade não fala!... não se move!... mesmo assim faz cismar! Uma muralha que volta suas portas para o centro, fazendo a entrada por leste, para a cidade, por onde somente pode passar um carro de cada vez, cerca aquele lugar que pode ter de circunferência uma légua mais ou menos. Aquela muralha, que pode ter 6 metros de altura e 4 de largura, mais ou menos, é para leste toda coberta de peças de artilheria, juntas umas às outras e pregadas na muralha, de forma que ninguem poderia tirar dalí sem precisar muita arte. O comprimento das peças mede a largura das muralhas. Para o lado do norte oculta-se num bosque, que vem de longe alí esbarrar. Para os outros dois lados, tem um certo número de torres, que fazem lembrar um lugar de guarnição, visto que todo o seu aspecto é de uma praça forte. Suas ruas são bem alinhadas; as casas são todas ao jeito de tacanica, e separadas umas das outras, por onde pode passar um homem, e todas teem uns regos, que fingem o telhado. As pedras das casas e torres são impenetraveis, mais ou menos brancas por serem de uma espécie de pedra molar. Bem diferentes são as pedras da muralha, por serem de uma têmpera mais dura. Bem parece que o fogo alí teve sua eficiência, pois se diferençam camadas, dando aparência de matéria fundida. Mas diferentes ainda são as pedras das peças, porque se assemelham na cor, ao ferro velho enferrujado, e se não houvesse aquela diferença de cores, dir-se-ia, que muralhas e peças haviam sido fundidas de uma vez. Quando anteriormente visitei este lugar, as peças estavam cheias de uma areia alvíssima, breada em alguma amálgama, mas facilmente se desentupiam, como fiz com uma, até o meio. Um arco de

MCD 2018

abóbada guia o absorto visitante ao sair da primeira para outra peça, como todas as mais, coberta de arvoredos. A planície onde está sentada a cidade, é cortada ao lado de leste, à qual se pode chamar de terra talhada. Este talhado fica distante da muralha cerca de 20 metros, e outros 20 podem medir sua descida um tanto rápida. Da primeira e maior praça, que alí existe, rebenta um fio d'água, o qual vai se engrossando em um córrego a pouca distância, e à proporção que se prolonga, sai por um pequeno bueiro feito na muralha, e, a poucas braças de ditância, desaparece de todo, para mais tarde renascer ao pé do telhado, com mais força, a fim de refrescar uma grande quantidade de fruteiras, tais como a manga e a jaca, que, vegetando em suas margens, compõem um magnifico panorama ao contemplar-se da cidade. Sai dalí o visitante pensativo: olha para traz, vê as cúpulas do elevado torreão; depois de caminhar uma légua, surpreende-lhe: aquí uma pequena rua, ali seis, oito casas, depois mais duas e três... semelhante aos restos de um grande lugar, e à noite luta em sonhos com aquele portento. (Jácome Avelino. "CONSTITUIÇÃO" — gazeta publicada na capital do Ceará; 1886).

Tambem dá testemunho dessas coisas o professor LUDOVICO SCHWENNHAGEM, em sua "Antiga Históriado Brasil", da qual existe um exemplar no I. H. G.. Esse trabalho foi publicado em Teresina, em 1928.

Estudando essa história o período contado desde 1.100 anos, A. C., até 1.500 anos de nossa era, refere-se à "já muito vasta, mas improdutiva, literatura sobre a pre-história do Brasil". Refere-se a viagens de fenícios e de súditos de Salomão, da Judeia, ao Rio Amazonas, segundo Thoron, Bernardo Ramos, Cândido Costa, e outros autores.

Diz, Schwennhagem, que "está larga e suficientemente provado que existiu, no primeiro milênio antes da era cristã, uma época de civilização brasileira, como provam mais de 2.000 letreiros e inscrições petroglíficas, feitos com instrumentos de bronze, com tintas indeleveis, e outros meios petroglíficos, espalhados sobre o território brasileiro. Esses letreiros e inscrições estão gravados em alfabetos dos povos civilizados que circundavam o mar Mediterrâneo, como fenícios, egípcios, cartagineses, e até babilônicos".

Refere-se aos "atlantes, do Império dos Atlantes, da dinastia dos Atlas, e aos tartássios", cuja capital estaria na foz do rio Guadiana. "Tartássios e Fenícios, cerca de 1.200 a 1.100 anos A. C., fizeram aliança comercial, podendo, assim, os fenícios navegar nas costas do Atlântico. Aos 1.100, an-

MCD 2018

tes dessa era, chegou a primeira frota dos fenícios às costas do nordeste do Brasil, e, em 1008, entrou o rei Hiran, de Tiro, numa aliança com o rei Daví, da Judéia, para explorarem, em comum, a Amazônia, morrendo o rei Daví, 997 anos A. C.".

Os Egípcios, quando da usurpação de Chechonk, do trono dos faraós, em 935 A. C., começaram a emigrar em navios fenícios, principalmente tangidos pela invasão dos Núbios. Os Cartagineses participaram do domínio do Brasil, pelos fenícios, desde 700 anos A. C., até a destruição de Cartago, pelos Romanos, em 147 da nossa era, tendo aquí permanecido cerca de 553 anos".

Conteem, tambem, subsídios preciosissimos, "O Sábio Dr. Lund", do professor Anibal Matos; o "Do Homem Americano", de Julio Trajano de Moura; e "CIVILIZAÇÕES PRE-HISTÓRICAS", do professor Jorge Bahlis.

D I A S T R O F I S M O

Resta-nos indagar da Geologia sobre a possibilidade de submersão de continentes. A de ilhas é vulgaríssima. Ainda há poucos dias (15-3-1938), lemos no "Diário de Noticias": "Manifestações vulcânicas submarinas teem feito surgir, mais de uma vez, ilhas e ilhotas que voltam, alguns anos depois, ao fundo dos mares. Observou-se esse gênero de subversão geográfica, sobretudo, no século XII e no século XV. Em 1546, a Terra-de-Busse, situada entre a Groenlândia e a Irlanda, desapareceu nas ondas. Em 1780, uma ilha emergiu nas mesmas paragens, para desaparecer anos mais tarde. Muito recentemente, três novas ilhas surgiram na costa do Japão, zona proverbial de cataclismos. Mas, a ilha temporária tipo, parece ser a Ilha JÚLIA, aparecida uma bela manhã no Mediterrâneo, entre a Sicília e a Pantelleria, sumida pouco depois e reemergida 30 anos mais tarde, com 50 metros mais de altura, e sumida de novo alguns meses após, como por encanto..."

É ilusória a impressão de estabilidade do facies do geoide, pois que os contornos do litoral, os vales, os montes e até os próprios elementos constituintes da litosfera, subordinados às atividades de agentes mecânicos, físicos, químicos e biológicos, como estão, modificam-se constantemente, ininterruptamente, alterando formas e condições da crosta terrestre.

Daí, a geodinâmica.

A externa, em que o calor solar, seu princípio fundamental, em luta permanente com a gravidade, determina correntes aéreas, tufões, ciclones, evaporação das águas e sua precipi-

MCD 2018

tação em chuvas ou em gelo, em aludes, etc., abalando, derruindo, arrastando, transformando, na eterna rota de um equilíbrio impossivel. O ar, alem da ação química do oxigênio atmosférico, sob as variações de temperaturas, de alternativas de secura e humidade, desagrega, esmigalha, tritura certas rochas, e, sob a forma de vento, levanta, arrasta e transporta os resíduos. A água tambem exerce ações químicas, que alteram a constituição íntima das rochas ou as destroem, dando lugar ao surto de minerais diversos, devido à dissoloção ou à corrosão. Mas a chuva, a neve, o gelo, os rios, as torrentes, as aguas de infiltração, as do mar, produzem erosões, escavações, e transportam materiais de sedimentação e de aluvião. A corrosão é produzida pelo oxigênio, ou pelo gás carbônico, dissolvidos nas águas correntes, e se verifica principalmente sobre granitos, calcáreos e terras ferruginosas. Até os próprios organismos, os seres vivos, quer terrestes, quer aquáticos, vegetais e animais, ocorrem para a modificação incessante do envoltório terrestre.

Mas, aquí, virá em nosso auxílio a geodinâmica interna, produto da atividade de agentes internos, como o calor central, e que se manifesta pela condutibilidade do calor interno, pelos movimentos do solo, pelas erupções vulcânicas e pelas emanações consecutivas às ações vulcânicas.

O núcleo central, pirosfera, centrosfera, endosfera, metalosfera, ou barisfera, é a maior das partes do planeta; maior que a litosfera, que a hidrosfera e que a atmosfera, quer considerados esses três elementos em conjunto, quer, logicamente, cada um isolado. É a porção mais pesada e a mais densa, estimando Roche sua densidade em 10,6.

Pois bem, como todos sabem, esse núcleo, constituido de várias substâncias em estado de fusão, constituindo os chamados magmas, está em estado intermediário ao sólido e ao líquido, tendendo para o sólido, e vai diminuindo de volume, devido ao lento resfriamento de sua massa, resfriamento do qual decorre permanente contração, como é natural.

Daí resulta que as camadas mais profundas da litosfera, cuja estrutura é desigualmente elástica, (*) ficam afastadas das camadas da superfície da pirosfera. A tendência, pois, da litosfera é a de abater-se sobre o espaço vazio que a contração do núcleo determinou aí, em busca do necessário equilíbrio. Isso determina a presença dos movimentos chamados tetônicos, tendentes a essa adaptação, a esse reajustamento.

(*) A espessura da crosta é apenas de cerca de 60 quilometros.

MCD 2018

Ao conjunto de fenômenos de deformação e de deslocamento da litosfera, chamou-se de diastrofismo e é este que nos vai revelar que a submersão de ilhas e de continentes, muito mais frequente quando as atividades da geodinâmica interna eram mais amplas, devido à pouca idade da Terra, nada tem de extraordinário, é fenômeno geológico normal, consequente da diminuição da pressão interna.

Os movimentos tetônicos podem ser: *microssísmicos,* só registrados pelo sismógrafos, porque são pouco intensos; *macrossísmicos,* os muito intensos, perceptiveis mesmo sem o auxílio de sismógrafo, são os que produzem desmoronamentos; *bradissísmicos,* ou apenas lentas oscilações da crosta; *tangenciais,* os que se processam no sentido horizontal e, por isso, produzem *dobras* ou *rugas orogênicas;* e *verticais,* os que se verificam, quer no sentido do centro da Terra, quer em sentido oposto.

As dobras ou rugas orogênicas determinam curvas, que são *sinclinais* quando teem a convexidade para o centro da Terra, e *anticlinais,* quando teem a convexidade para a atmosfera, constituindo, em geral, as elevações.

Os movimentos verticais e as torções produzem fraturas, denominadas diáclases, quando os respetivos bordos ficam ao mesmo nivel; *paráclases,* quando aqueles bordos ficam em niveis diferentes, isto é, um em plano superior ao outro. Daí, as *discordâncias* e as *concordâncias*. As segundas apresentam-se, quando camadas se formam sobre outras não alteradas por erosões, mantendo perfeita correspondência quanto às suas coordenadas de inclinações e de direção. As primeiras, isto é, as discordâncias, quando as camadas inferiores, depois de alteradas, ficam sob novas camadas horizontais, que fazem desaparecer as irregularidades das primeiras, de modo que as camadas de um sistema sedimentar tomam disposições complicadas.

Geossinclinais são extensas faixas da litosfera em depressões resultantes dos abaixamentos da crosta e muito moveis no sentido vertical. Elas são, geralmente, formadas por bacias oceânicas nas quais se depositam *formações batiais*. São consequências diastróficas passivas.

Transgressões e regressões são as modificações dos niveis dos mares e terra. Verficam-se as primeiras, quando as águas do mar invadem lentamente as costas dos continentes; e as regressões, quando as águas recuam lentamente, deixando a descoberto as costas continentais. Transgressões e regressões constituem, segundo Suess, *movimentos eustáticos positivos* e

MCD 2018

movimentos eustáticos negativos, respectivamente. Os segundos são devidos ao abaixamento das bacias oceânicas e os primeiros à sedimentaçção nas bacias.

Vulcanismo é o conjunto de fenômenos eruptivos, eliminando matérias internas da terra e lançando-as sobre sua superfície. Esses fenômenos ou são decorrentes de atividade plutônica, ou de atividades diastróficas. No primeiro caso, são denominados *plutônicos-eruptivos*.

Os fenômenos vulcânicos ocupam lugar de destaque nas modificações do relevo da Terra.

Plutonismo é o conjunto de fenômenos decorrentes da ação isolada da pirosfera e são produzidos pelo estado térmico, pela constituição, pela composição química da endosfera ,e pelo resfriamento, do qual decorre a contração do núcleo.

A teoria do "resfriamento e consequente contração do núcleo", defendida por Suess e muitos outros geólogos, determina a evidência do *afundamento* e afasta a teoria da *isostasia,* que se baseia no deslocamento de materiais rochosos de umas para outras zonas da superfície do globo, porque o transporte mais intenso é o dos continentes para os fundos marítimos e oceânicos. Admitida essa teoria, não haveria, pois, as muito vulgares *transgressões*.

As cordilheiras apresentam-se como formações lineares e isso evidencia as relações existentes entre as cordilheiras e a fratura da paráclase de adaptação, promotora do enrugamento orogênico que a produziu.

Macpherson diz: — "Se observa casi invariablemente que enfrente de una depression oceanica se desarrolla una cordillera de montañas". Isso prova que foi essa faixa oceânico-continental, a zona de ruptura, o campo de atividade diastrófica, que originou, simultaneamente, uma paráclase de adaptação, um enrugamento orogênico, atividades vulcânicas, e estabeleceu contornos continentais e oceânicos". É nessa faixa, constituida pelas duas margens da fratura que a rompeu, que de fato se exerceram mais intensamente as ações e pressões látero-horizontais, desencadeadas pelo *abaixamento*. Que foi esta a zona de adaptaçção e o campo das maiores ações, nos atestam as elevações, as profundidades e as montanhas vulcânicas. O fato dos Andes na América, dos Alpes na Europa e do Himalaia na Ásia, para não citar outros pontos, apresentarem os flancos mais abruptos voltados para os oceanos, e os menos abruptos voltados para os continentes, evidencia que as ações foram originadas e mais intensas do lado dos oceanos. Daí par-

MCD 2018

tindo propagaram-se, essas ações, para o interior dos continentes, enfraquecendo-se progressivamente com as distâncias. Esse enfraquecimento, revelado pela atenuação dos enrugamentos, seria a causa da declividade mais suave dos flancos continentais das cordilheiras. Esses fatos observados conjuntamente, nos revelam *abaixamentos* que se efetuaram nos fundos oceânicos de hoje, determinando essa fisiografia que o planeta apresenta atualmente". (Alcion Veloso, "Da Geodinâmica Interna").

"Seria um levantamento contimental, capaz de produzir tais consequências? Seria ele capaz de produzir as pressões látero-horizontaes necessárias à produção de tais fenômenos? — Não. — Um afundamento, sim, provocaria essa pressão necessária, enrugando a crosta pela redução do espaço superficial, como escreveu Macpherson: — "Se vê, pues, que la corteza terrestre se halla como fendida y arrugada, cual si su espacio superficial hubiera ido gradualmente haciendo-se menor". (GEOLOGIA, pg. 97). O valor que dá Fritz Frech aos abaixamentos ou afundamentos, pode ser deduzido das expressões seguintes, quando se refere aos terremotos e abaixamentos: — "Nas regiões continentais fraturadas (África Oriental) os terremotos são algo mais raros que nos continentes afundados (oceanos Índico e Atlântico septentrional)"; e, quando escreve sobre as montanhas de *pregueamento e distensão*. — "A condição fundamental na formação desta classe de montanhas, é o *afundamento* de um geossinclinal". (Alcion Veloso, op. cit.).

O que, é, pois, normal em Geologia, através da incessante atividade geodinâmica, é o *movimento descensional de adaptação*.

Assim, nada tem de anormal a submersão de continentes.

Existiu, pois, a Atlântida, que atingiu a elevado grau de civilização e dominou o mundo de seu tempo, deixando desse domínio na América, o testemunho dos fatos aos quais nos referimos precedentemente.

De sua lógica expansão, adveio o surto do homem na América e, desse advento, a existência dos vestígios arqueológicos existentes em território brasileiro.

Desses, vi alguns, em terras da Baía e de Goiaz.

Vi diversos morros: o da Matança, o do Fumaça, o da Sovela, o da Bigorna, cujos perímetros são cortados em socalcos, muito regulares, e que lhes dão o aspecto das remotíssimas torres de assalto. Esses morros, pelo seu aspecto e pela situação que ocupam, no ponto de vista das possibilidades de

MCD 2018

trânsito, por aquellas paragens, foram, evidentemente, pontos de defesa, contra possivel penetração.

Vi tambem ruinas de monumentos ciclópicos, testemunhando a vigência alí de civilização muito superior à dos lusos e à dos bandeirantes.

Quasi todas, em blocos de arenito compacto, quarzoso, não representam, como à primeira vista se presume, simples exemplos de corrosão ou desagregação eólia, porque lá estão os blocos ligados entre si por camadas perfeitamente horizontais de substância estranha, evidentemente *argamassa;* e a Natureza não faz alvenaria. Exemplo disso, tem-se na chamada *Pedra-da-Baliza,* junto à qual, do lado norte, se encontra pequeno muro recurvado, no qual é evidente a *amarraçção* dos blocos por argamassa.

Muitas outras eu vi, desde cerca de vinte léguas para o norte de Barreiras, na Baía, até o brejo de João-Ribeiro, cerca de seis quilômetros, para o oeste da Pedra-da-Baliza, já em território goiano.

À entrada do boqueirão de João-Ribeiro, sobre as vertentes das serras de em torno, encontram-se dessas ruinas, apresentando semelhanças com algumas, cujas gravuras se encontram em "A Short History of The World", de H. G. Wells. E, já dentro desse boqueirão, existe um montículo, de cerca de oito metros de altura, cujo perfil é o de um trapézio, de base maior de cerca de sessenta metros e a menor, no alto, de cerca de um terço disso. Esse montículo lembra o Templo de Horus, em Edfu. Do lado leste, estão vestígios de escadaria e colunata, em destroços, ainda perceptiveis; do lado norte, entre a serra e o extremo do montículo, pequenas colunas, frades de pedra, ainda de pé e dispostos em certa ordem; do lado oeste a parede é vertical, emboçada, rebocada e caiada, que o foi em tempos idos.

Outra ruina, que não deixa dúvida; a de pegões de alvenaria, à margem esquerda do rio Preto, na passagem do Areal; e, outra, a de uma muralha, de cerca de cem a cento e cinquenta metros de desenvolvimento, à margem do caminho, em terreno aberto, cerca de cinco quilômetros da margem esquerda do rio Preto, a meio caminho de Encosta para Areal.

Tambem se encontram ruinas significativas, no alto da serra Negra e no da serra do Custódio, sobre terreno profundamente arenoso e plano, com quatro léguas de largura, por cerca de seis de comprimento, entre Conceição e Couro.

Alem dessas, muitas outras existem, naquelas regiões, mas já excedí à tolerância que me vindes proporcionando.

MCD 2018

Aquí fico, pois, e agradeço a presença de todos; peço escusas pela demora e peço a todos vós que voteis comigo pelo progresso do Brasil, augurando-lhe o acesso, no presente, a uma grandeza tão ampla quanto a da civilização que por ali passou.

Muito obrigado.

RESUMO — *La parolado de Kolonelo Fournier, profesoro de la Milita Lernejo, supere ripetas la malnovan temon pri Atlantido, kiu nuntempe ne estas plu poezia elpensaĵo, sed konfirmo de la realaĵo de l' malapero de granda kontinento, kie floris alta prahistoria civilizacio.*

. La paroladinto persone vizitis la ruinojn de la tiamaj ciklopaj konstruaĵoj disigitaj tra la internlandoj de Baía kaj Goiaz kaj pri ili faras al ni precizajn priskribojn en sia supra parolado.

Pprterfluge li ankoraŭ studas la antikvecon de la brazila tero kaj la devenon de la amerika homo, tiel havigante notindajn instruojn, nuntempe nediskuteblajn ĉe la sciencaj centroj.

MCD 2018

SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DO RIO-DE-JANEIRO

APELO

Feito na 7.ª Sessão do Conselho Diretor, pelo Coronel Raul Correia Bandeira de Melo

Permití, senhores, que confesse minha satisfação por estar desbravando, dentro do setor da Geografia Geral, um prestimoso compartimento de estudos deleitosos e instrutivos. Extremamente uteis para militares e outros profissionais que necessitam de bem compreender os meandros do mundo geográfico, entretanto, minhas lucubrações carecem ainda de um fundamento lógico que as enraize no terreno da filosofia ou as implante no campo das artes magnas.

Por isso, manobrando minha metafísica, deliberei internar-me pelos domínios da especulação prática, coordenar iniciativas desarticuladas e ensaiar uma tentativa de generalização.

Meu intuito é despertar a atenção dos geógrafos para os acidentes e os incidentes da grande batalha, na iminência de travar-se na planície serena das cogitações geobélicas. Meu interesse é provocar a aproximação científica de civís e militares a fim de, em comum, prepararem a barragem volante demolidora dos obstáculos antepostos pela entrosagem da rotina pertinaz e pela inércia do sonambulismo didático. Meu desejo, enfim, é atrair para o trabalho de sistematização destes Ensaios, a competência do educador civil e a boa vontade do instrutor militar. Ambos irmanados no ardor patriótico, farão obra de inteligência e de propagação, émbora extremados, respectivamente, nos postulados do partido azul das ideologias e nos textos disciplinares do partido vermelho consubstanciado nos códigos militares.

Desta base de partida poderemos convergir esforços para a classificação estrutural de alguns fenômenos de categoria elementar, que ocorrem no desdobramento da superfície terrestre e que percebemos pelos sentidos e conhecemos pela conciência.

À semelhança do que se passa na guerra, onde não se dá

MCD 2018

um passo sem o prévio reconhecimento ou a exploração do terreno, mediante o recurso das redes de informações e outros meios apropriados, *mutatis mutandis,* as deliberações da vontade equilibrada, dependem de conhecimentos obtidos *a priori,* mesmo comezinhos. Esta influência regula a necessária subordinação, às condições mesológicas, dos ensinamentos capitais das artes superiores e das elementares.

Os imperativos da estética da guerra governam, com a mesma incansavel continuidade, os transes que agitam a luta pela vida no *mare magnum* das competições sociais.

Agora, que regresso de uns exercícios militares em Campinas, tendo o espírito ainda saturado de emoções táticas e estratégicas, abalanço-me a fazer comparações entre o drama que se desenrola no teatro de operações e o espetáculo que, na arena social, faz vibrar a concorrência humana e cambalear a conciência individual.

Antes, porem, meus pendores pacíficos de engenheiro construtor de estruturas bélicas, minhas inclinações passionais de inovador visionário e meus pensamentos caprichosos mas sinceros, são todos voltados para os geobelistas conspícuos desta Sociedade de Geografia. Minha idéias levam, nesta atração sentimental, um sentido geral, que é o do apoio direto ao combate às excrescências toponícas, às incongruências da geofísica escolar e à displicência de certo professorado.

Urge que se delineie no nosso campo de manobras propedêudicas, a trajetória das operações clássicas. Esta arrancada inicial fixará o eixo segundo o qual atacaremos as massas orográficas, as espessuras florestais, os enfileiramentos hidrográficos, etc.

Pretendemos, para isso, aparelhar uma expedição com todos os elementos de força persuasiva, convocando os cooperadores, mentais e morais, sediados em varios recantos do país.

Embora pareça um abuso de confiança, ou um excesso de liberdade da minha parte, afoito-me em concitar o Exmo. Sr. General Presidente da Sociedade de Geografia para, assumindo o comando da Campanha, determinar a mobilização de todos os geógrafos e a consequente concentração em torno das obliquidades geobélicas, verdadeiras praças fortes do espírito de conservação e dos métodos arcaicos.

Equipados todos esses valores, com a invejavel envergadura de seus cabedais teórico-práticos, e orientados para a ação principal, tomarão contato de maior ou menor intimidade com os duros entraves da questão e acharão as soluções compaiveis com as especializações.

MCD 2018

Em síntese e em linguagem militar, trata-se de precisar o primeiro objetivo à posição de resistência dos conservadores tardígrados. Mediante lances sucessivos, de audácia refletida, conquistaremos a ampla esplanada das regras e preceitos, ora normativos, para acertar o passo das finalidades do ensino, quer cruciais para desengatilhar as controvérsias acadêmicas, nem sempre estereis.

Com o substrato das nossas observações pessoais acumuladas, somado ao acervo de energias colhidas, como reservas frescas, nos repositórios dos grandes mestres e tudo apoiado, como reforço decisivo, na força viva do patriotismo e no potencial do devotamento, engajaremos, a fundo, os bons combates parciais e venceremos a batalha geral.

Qualquer tentame coletivo, será coroado de êxito feliz desde que o feixe de varas parabólicas, que simboliza o esforço desprendido, possa suportar com firmeza os recontros das jornadas ou os enteveros da oposição. Quebradas as forças ocultas e os estratagemas dos antagonistas iconoclastas, poder-se-á desatar o feixe e confiar na evolução. As varas, perfiladas e alinhadas terão balizado, no chapadão do empirismo, a zona de ação, próxima da ideal ou vizinha da definitiva, das vetustas artes bélicas remoçadas.

Surge, assim, a Geobélica superintendendo teorias especializadas e com capacidade de aplicação compulsória nos misteres da segueança nacional e no respeito à nossa uniformidade linguística. Com estas diretivas imperiosas, a mentalidade militar atualizará a tática e a estratégia, mercê da impulsão que comunicarem ao binário geografia-operações militares.

Para a construção integral da Geobélica é de suma importância a colaboração universal não importando indagar a proveniência das achegas nem a originalidade da contribuição. Aliás, essa construção humana mental e prática, vem resultando da cooperação inteligentemente encadeada, desde o passado mais remoto através de gerações sucessivas, até às idiosincrasias e conveniências da era presente.

O meio físico-social em que vivemos mergulhados, aperfeiçoa e aquilata a produção humana utilizando o material e a espiritualidade trazidos do passado. Nós argamassamos as necessidades com as possibilidades atuais.

Sem amalgamar sua vontade com o azougue vivo que brota da experiência dos pósteros, com conjugar seu ponto de vista com as miradas dominantes na cultura coeva jamais poderá, um espírito empreendedor, armar racionalmente seus paralelogramos de forças, descobrir métodos novos mais uteis e

MCD 2018

inventar processos que economizem o trabalho humano e que suavizem os sofrimentos e atenuem o sacrifício das guerras.

Mas, o ciclo eterno não para e, no seu verdadeiro moto-contínuo, abre horizontes novos para o progresso e a felicidade das nações e aponta aos porvindouros as rotas melhores para os subsequentes desenvolvimentos. Conclue-se, portanto, ser inadmissivel para uma geração e muito menos para um único cerebro, a probabilidade de bem classificar todas as circunstâncias de um fato real e de instituir o aparelhamento integral para o argumento lógico e a execução de uma obra humana. Acredito não haverá nunca um só trabalho mental, manual, bracal, etc. que não seja suscetivel de evolução ou aperfeiçoamento.

Minha convicção honesta em todas as direções e sentimentos, não alimenta a pretensão de haver modelado, sequer a forma provisória da Geobélica. Apenas iniciei a escavação de uma base em que assentará o futuro monumento. Fruto do trabalho contínuo de muitos lustros, será ainda filtrado pelo crivo de tentativas aglomeradas *a fortiori*. O trabalho subjetivo reclama o esforço combinado de uma seleção de homens idôneos e instruidos. A produção abstrata só se desdobra em um ambiente bio-químico complicado, no qual intervem a tradição das conquistas já assimiladas e a mentalidade das aspirações contemporâneas. Consentí, senhores, que ilustre meus pensamentos com um caso rudimentar. Levantar uma parede, por exemplo, é uma das operações artísticas mais simples dentre as atividades proletárias. O obreiro, ainda que obtuso, poderá fazê-lo, até com a segurança garantida pela projeção do centro de gravidade, caindo do terço médio da massa, dentro da base de sustentação. Mas, artífice, não trabalha isolado; tem nas ilhargas, ajudantes que lhe trazem o tijolo e lhe preparam a argamassa. Esta primeira cooperação no emprego das unidades compostas implica uma série crescente de outras cooperações singulares e anteriores, todas atinentes à fabricação e escolha das unidades simples e à obtenção inicial das matérias primas.

Se, na aplicação da mão de obra artesã, já ocorrem e se entrecruzam complicadas operações diferenciais, e elaboração da produção espiritual congrega todos os recursos da razão e todos os haveres da nossa riqueza psico-fisiológica. Nestes termos, devo reiterar que a minha intervenção no problema geobélico é perfeitamente comparavel à de quem apanha uma gota d'água do mar imenso. Por consequente, a arregimentação eficiente dos ensinamentos da arte da guerra, a bem da tran-

MCD 2018

quilidade social e da grandeza da Pátria, solicita, exige, mesmo, que cada geógrafo desta gloriosa e respeitavel Sociedade, colha no oceano dos conhecimentos humanos, as suas gotas d'água, para serem misturadas com as demais.

Obtido o volume *optimum,* o argumento resultante das contribuições diversas para esse majestoso sistema de vasos comunicantes, conseguirá consolidar a massa amorfa e apenas irisada, dos nossos pensamentos, em um corpo transparente de simplicidades e cristalino de verdades concretas. Tenho dito.

RESUMO — *Kolonelo Raul C. Bandeira de Melo, klera supera oficiro de la brazila militistaro, faris fortan kaj varman alvokon al ĉiuj studemuloj pri nia geografio, por ke ili kunlaboru per siaj studoj kaj esploradoj por la ellaborado de nia 'Geobélica", vorto, kiun li kreis por signifi Militan Geografion.*

Kolonelo Bandeira de Melo estas aŭtoro de notinda verko titolita "Provoj pri Brazila Geobélica", kies verkado certe instigis lin fari la nunan alvokon, kiu meritas esti bone akceptata de ĉiuj, kiuj interesiĝas pri tiuspecaj studoj.

MCD 2018

MCD 2018

ALCIDES BEZERRA

A 29 de maio, empós o agravamento do velho mal a minar-lhe o organismo de compleição forte, desapareceu o ilustre pensador brasileiro JOÃO ALCIDES BEZERRA CAVALCANTI, Redator desta "Revista", Vice-presidente da Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro e Secretário da Sociedade Brasileira de Filosofia da qual era sócio fundador.

Alcides Bezerra, a pesar de sua morte prematura, porquanto nascera na Paraíra-do-Norte em 24 de outubro de 1891, conseguiu destacar-se no meio intelectual brasileiro e projetar sua figura, de inconfundivel mérito, no cenário ciêntifico do nosso continente.

Desde 1924 que o ilustrado brasileiro ingressara no seio desta Sociedade, com aquele vigor de pensamento que cedo patenteara, quando, no último ano da Faculdade de Direito do Recife, com vinte anos incompletos, divulgou erudita tese, subordinada ao título: "Estudo Filosófico Sobre as Causas Bio-psíquicas do Banditismo". Era o coroamente de um curso quase todo de distinção naquela velha e prestigiosa Faculdade.

Promovida pela Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro e pela Sociedade Brasileira de Filosofia, realizou-se a 29 de junho, uma sessão especial em memória do ilustre extinto. Tal reunião grandemente concorrida, teve numerosos oradores.

Fizeram-se ouvir: General Moreira Guimarães, Dr. Oton Costa, Dr. Wanderley de Pinto, Major Manuel Carlos de Sousa Ferreira, Dr. Francisco de Sousa Brasil, Prof. Levasseur França e Prof. La-Fayette Cortes. Em nome da Sociedade de Geografia, designado por seu ilustre Presidente, falou o comandante Cesar Feliciano Xavier apreciando a magnífica atuação daquele consócio brilhante e tão cedo desaparecido.

RESUMO — *La supra artikolo estas la nekrologo de la brazila pensulo J. Alcides Bezerra Cavalcanti tro frue forrabita al la vivo tiam, kiam la distingiĝo en la intelekta medio lumĵetadis lian figuron de nekonfuzebla merito en la sciencan scenejon de l' kontinento.*

La Geografia Societo de Rio-de-Janeiro kaj la Brazila Societo de Filozofio efektivigis specialajn kunsidojn memore de sia klera membro.

MCD 2018

MCD 2018

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

ASSEMBLÉIA GERAL DO CONSELHO NACIONAL DE ESTATÍSTICA

2.ª SESSÃO ORDINÁRIA

RESOLUÇÃO N. 82, DE 18 DE JULHO DE 1938

Adota o Esperanto, como língua auxiliar, nas atividades e publicações do Instituto.

A Assembléia Geral do Conselho Nacional de Estatistica, usando das suas atribuições;

Considerando que a vitória do Esperanto, como língua auxiliar universal é um fato que já ninguem poderá contestar, dado que o seu uso oral e escrito é hoje corrente no mundo inteiro e já tem servido brilhantemente à causa da fraternidade humana no seu mais amplo sentido;

Considerando que o comércio, o turismo, a ciência, a literatura, as instituições internacionais e até mesmo a política, teem encontrado no Esperanto um instrumento admiravel de propaganda, difusão ou entrelaçamento de relações no seio das várias coletividades humanas e entre todos os Estados da terra;

Considerando, por outro lado, que, se é por meio da estatística que melhor os povos se conhecem a si mesmos, tambem por meio dela é que mais eficazmente eles se dão a conhecer na sociedade internacional;

Considerando, portanto, que a divulgação estatística das condições da vida de cada povo, já pode socorrer-se do concurso do Esperanto, para sua maior eficiência;

Considerando que, entre nós, assim já foi compreendido e praticado há 30 anos, por sugestão do publicista Medeiros e Albuquerque e iniciativa do Dr. Bulhões Carvalho, então pela

MCD 2018

primeira vez diretor geral da Estatística, como o comprova o *Boletim Comemorativo da Exposição de* 1908, a primeira publicação organizada no Brasil com feição de repertório da estatística geral, trabalho esse que teve a sua introdução e os cabeçalhos de todos os quadros vertidos para o Esperanto;

Considerando que, ulteriormente, o Serviço de Estatística Geral de Minas-Gerais, havendo deliberado iniciar, oportunamente, a publicação dos seus trabalhos com a tradução do texto em Esperanto, adotou logo essa língua auxiliar na sua correspondência para o exterior do país;

Considerando que as iniciativas supra referidas foram recebidas com viva simpatia e atrairam uma atenção maior do mundo culto para a estatística brasileira; merecendo lembrado que a correspondência em Esperanto da estatística mineira, conforme se constatou, deu sempre excelente resultado mesmo quando os seus destinatários não eram esperantistas, e isto porque o Esperanto, graças à inteligente formação do seu dicionário de radicais, é facilmente compreendido por quem conheça qualquer das línguas européias;

Considerando, assim, a indiscutivel conveniência de que as nossas repartições de estatística, já como contribuição brasileira em benefício de um dos mais alevantados e nobres ideais humanos, já como recurso valioso para aumentar a eficiência dos seus esforços de revelação, perante os povos civilizados, das condições de vida da comunhão nacional, venham a utilizar habitualmente o Esperanto;

Considerando que esse emprego da língua poderá ter lugar quer no texto das publicações editadas por aquelas repartições, quer em sua correspondência para o estrangeiro;

Considerando que o próprio Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística já ensaiou o uso do Esperanto em uma breve Sinopse — prestes a aparecer — do Anuário Estatístico do Brasil para 1937;

R E S O L V E :

Art. 1.º — Fica recomendado que, tão cedo se torne possível, as principais publicações estatísticas brasileiras, tanto as da União como as dos Estados, contenham, na forma que for julgada mais adequada, os elementos necessários para que possam ser lidas em Esperanto.

MCD 2018

Art. 2.º — Declara-se ainda desejavel que as repartições brasileiras de estatística adotem o Esperanto na correspondência para o exterior da República.

Rio-de-Janeiro— Julho — 1938 — ano 3.º do Instituto.

Conferido e numerado — (a) *Alberto Martins* — SECRETARIO ASSISTENTE DA ASSEMBLEIA.

Visto e rubricado — (a) *M. A. Teixeira de Freitas* — SECRETARIO GERAL DO INSTITUTO

Publique-se — (a) *José Carlos de Macedo Soares* — PRESIDENTE DO INSTITUTO E DO CONSELHO

RESUMO — *La Brazila Instituto de Geografio kaj Statistiko, kiu celas la unuignon de la brazilaj statistikoj. antaŭ nelonge kreita de D-ro Getulio Vargas, prezidanto de la Respubliko, de kiu ĝi senpere dependas, kaj kies prezidanto estas Ambasadoro D-ro J. C. de Macedo Soares, eksministro por Eksterlandaj Aferoj, kunveninta en ĝenerala kunsido unuanime aprobis la jenan dezirespriman, prezintitan de ĝia ĝenerala sekretario, D-ro Mário Teixeira de Freitas.*

"Paragrafo 1a. — Estas rekomendite, ke tuj kiam estos eble, la ĉefaj statistikaj publikigaĵoj, eldonotaj de la Unuiĝo kaj ankaŭ de la Ŝtatoj, enhavu, kiel oni juĝos plej taŭge, la necesajn elementojn, por ke ili povu esti legataj en Esperanto.

Paragrafo 2a. — Estas dezirinde, ke la brazilaj statistikaj departementoj alprenu Esperanton por la korespondado eksterlanden".

Bonvolu peti ekzempleron de la "Statistika Resumeto" al la: "Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística." Praça Mauá, 7-11º andar. Rio de Janeiro — Brasil.

MCD 2018

MCD 2018

RELATÓRIO DO ANO DE 1937

Consoante disposições legais, venho, como Presidente da Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro, apresentar-vos o relatório do que ocorreu na tradicional Sociedade pelo ano de 1937:

Assembléia Geral e Sessão Magna

Durante o exercício findo só foi realizada uma assembléia geral ordinária bem como uma só sessão magna, ambas efetuadas aos 25 de Fevereiro. E nelas foram tratados os seguintes assuntos: — na assembléia geral —, procedeu-se à leitura do Relatório, do Balanço, do respectivo Parecer da Comissão de Contas bem como do Orçamento financeiro para o exercício de 1937, sendo discutida e aprovada toda a matéria. Depois dessa parte dos trabalhos pronunciou uma interessante exposição o Dr. Augusto de Lima Junior, sobre a viagem que fizera a Portugal, viagem essa concernente à transladação das cinzas dos inconfidentes mineiros. Terminada a assembléia, foi a sessão transformada em "Sessão Magna" commemorativa do 54º aniversário da fundação da culta instituição, sendo ato contínuo empossada a administração para o biênio 1937-1939. Concluida a solenidade da posse, seguiu-se a parte relativa à comemoração, pronunciando belas orações alusivas ao ato os Srs. Drs. Taciano Accioli Monteiro, Alcides Bezerra, Alexandre Emilio Sommier e o que ora lê o presente relatório, orações essas que despertaram da ilustre assistência calorosos aplausos.

Devido à mudança da sede social, não foi possivel realizar-se a sessão magna comemorativa ao aniversário da instalação da Sociedade, registado aos 17 de Setembro.

SESSÕES DO CONELHO DIRETOR

Comunicações e Efemérides Geográficas

No decorrer do ano de 1937, celebraram-se normalmente dez sessões ordinárias e uma extraordinária do Conselho Diretor, nas nas quais foram ventilados assuntos de grande interesse para a douta associação. E são esses assuntos os seguintes: — COMUNICAÇÕES na 1.ª sessão ordinária, o Dr. Augusto de Lima Júnior disse da demolição do prédio onde funcionou o "Erário Regio" bem como a primitiva "Academia de Belas Artes", fazendo o orador eruditas considerações sobre o valor artístico e histórico de ambas essas considerações, na 3.ª sessão ordinária, o Dr. J. P. Carneiro da Cunha falou sobre a inauguração do "Parque Nacional" em Itatiaia e lembrou a necessidade de serem criados idênticos Parques em diversas localidades do país. Ainda nessa mesma sessão, o almirante Raul Tavares tratou da existência no sólo patrio do petróleo apresentando amostras desse minério co-

MCD 2018

lhidas nas minas do Lobato; na 4.ª sessão ordinária o professor Lupércio Hoppe, ocupou-se do livro do Dr. Alcides Bezerra concernente ao Dr. Vicente Licínio Cardoso; na 5.ª sessão ordinária o Dr. Pires Brandão apresentou elogiosas considerações respeito ao livro do Dr. Luiz Fernando Ozório — "Sangue e Alma do Rio-Grande" — e ainda nessa mesma sessão o Dr. Alexandre Sommier falou sobre a assinatura do "Tratado de Limites entre o Brasil e a Colômbia" tendo feito referências sobre o mesmo assunto o Dr. João Severiano da Fonseca Hermes Júnior; na 6.ª sessão ordinária o Dr. Pires Brandão ocupou-se da modificação da letra e música do "Hino Nacional"; na 7.ª sessão ordinária os Srs. coronel Temistocles Pais de Sousa Brasil e capitão José Guiomard dos Santos pronunciaram considerações sobre a "Questão de Limites Inter Brasil-Colômbia"; na 8.ª sessão ordinária, o Desembargador Carlos Xavier Pais Barreto apresentou um trabalho referente às questões de "Limites-Interestaduais"; na 9.ª sessão ordinária o Dr. Alexandre Sommier descreveu a sua viagem a "Poços-de-Caldas" e estudou a "Questão de Limites entre Goiaz e Mato-Grosso", sendo que nessa mesma sessão o Dr. J. P. Carneiro da Cunha se ocupou da "Redivisão Territorial do Brasil". Finalmente na 10.ª sessão ordinária, o general Uchoa Cavalcanti, pronunciou interessante comunicaçãa denominada "Concepção da Geografia e sua Utilidade Prática".

Nas mesmas sessões acima citadas, foram lembradas as seguintes "EFEMÉRIDES" pelo Dr. Alexandre Emílio Sommier — 10 de Fevereiro de 1912, falecimento do Barão do Rio-Branco; 4 de Março, em 1568 nomeação de Salvador de Sá para Governador da Capitania de São Sebastião do Rio-de-Janeiro, em 1598, a Câmara de São-Paulo pedia a separação da Capitania do Rio-de-Janeiro e, em 1823, verificação de praça de Joaquim Marques de Lisboa, depois Marquês de Tamandaré; 20 de Abril — centenário de nascimento do Barão do Rio-Branco, em 30 do mesmo mês, centenários de nascimentos do Barão Homem de Melo e do professor João Antônio Coqueiro, em 9 e 12 de Maio, os centenários de nascimento do Barão de Tefé e Evaristo da Veiga, respectivamente; aos 7 de Maio, falecimento do Duque de Caxias; em 4 de Julho — falecimento do capitão Pedro Teixeira, descobridor da Bacia do Amazonas e, aos 7 desse mesmo mês, no ano de 1494, era assinado o "Tratado de Tordesillas" entre os Reinos Português; e Espanhol! aos 30 de Junho de 1722, partia de São-Paulo a bandeira de Bartolomeu Bueno da Silva, sendo por essa bandeira fundado a Arraial de Santana, depois Vila-Boa e finalmente a atual cidade de Goiaz; aos 9 de Julho de 1829, falecimento do frei Leandro do Sacramento que foi professor de botânica e diretor do Jardim Botânico desta capital: em Novembro, o centenário de Couto de Magalhães, aos 4 do mesmo mês, foi paga a última prestação pelo resgate da Capitania do Rio-de-Janeiro, assumindo a posse da mesma Capitania Antônio de Albuquerque. Nessa mesma ocasião tomara posse do cargo de Vice-rei do Brasil o Marquês do Lavradio. Pelos Srs. Drs. Herbert Reichardt e Bernardino de Sousa, foram lembradas as datas: o primeiro, no ano de 1773, foi elevada a categoria de Paróquia a Aldeia fundada em 1742 a atual cidade de Porto-Alegre capital do Estado do Rio-Grande-do-Sul e, o segundo, o 2 de Julho de 1823, data

MCD 2018

essa em que terminou a guerra pela Independência do Brasil, no Estado da Baía.

Centenário do Barão de Tefé

Não pôde a Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro deixar de, apoiando a iniciativa do Governo Federal, pelo Sr. Ministro da Educação e Saude, nas homenagens aos ilustres concidadãos falecidos, render preito de gratidão ao seu saudoso sócio fundador — Barão de Tefé — no seu primeiro centenário de nascimento, registrado aos 9 de Maio. Por essa ocasião realizou a douta associação, aos 10 desse mesmo mês, uma Sessão Magna, na qual fez o histórico da vida brilhante de tão notável personagem, não somente na Marinha, como na diplomacia, enfim, em toda a sua vida pública o inteligente confrade comandante Cesar Feliciano Xavier. O que foi o brilhantismo dessa comemoração, excuso-me de o dizer, porque já o dissera ao seu tempo toda a imprensa desta Capital.

Conferencias

Não pôde a Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro realizar, durante o ano findo, as suas apreciaveis conferências, em sua sede social, devido à deficiência de acomodações por não possuir uma sala condigna para tal mirtér. Não obstante, efetuou em sua acanhadíssima sala das sessões, uma reunião aos 11 de Agosto, pronunciando o sr. A. C. Couh interessante conferência sob o título: "Geografia Econômica da Turquia", assistida por numeroso e seleto auditório.

Ainda sob os auspícios da Sociedade de Geografia, foram pronunciadas conferências pelos Srs. Júlio Cesar Chaves e major João da Costa Palmeira, nos salões da "Sociedade dos Amigos de Alberto Torres" e do "Clube Militar" gentilmente cedidos para esse fim.

Publicações

Como redatores da "Revista da Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro", estão os prezados confrades Drs. Alexandre Emílio Sommier, Carlos Augusto Guimarães Domingues, João Alcides Bezerra Cavalcanti, Luiz da Costa Porto Carreiro Neto e Raimundo Saladino de Gusmão, todos incansáveis na direção da aludida "Revista". No ano de 1937 findo, vieram à luz os tomos XLII e XLIII referentes aos 1.º e 2.º semestres de 1936, achando-se no prelo os tomos subsequentes referentes ao ano de 1937.

O movimento da expedição das publicações da Sociedade no transcurso do ano de 1937, foi o seguinte: 1970 exemplares dos diversos tomos da "Revista", 160 exemplares dos quatro volumes da "Geografia do Brasil" e 25 exemplares da "Redivisão Territorial do Brasil", expedição essa bastante desenvolvida em relação aos anos anteriores o que demonstra serem as publicações da Sociedade com especialidade a sua "Revista" de-veras apreciada, sobretudo no estrangeiro, onde assim se faz a propaganda do nosso país sob os seus aspectos mais interessantes.

MCD 2018

Devo acentuar ainda que precisam ser reeditados alguns tomos da aludida "Revista" os quais já se acham esgotados. E que sobre esses tomos importantes ha inúmeras solicitações, convindo que se atenda a esses pedidos formulados por instituições culturais, não só nacionais como tambem estrangeiras, com as quais é mantido o serviço de permuta.

Secretaria

Este departamento, durante o ano de 1937, teve o seu movimento bem ampliado em relação ao ano anterior, mantendo-se à frente de tal departamento o operoso e digno Secretário-Geral Dr. Carlos Domingues, auxiliado pelos 1.º e 2.º Secretários, respectivamente os Srs. Dr. João Ribeiro Mendes e Coronel Raul Correia Bandeira de Melo, bem como com inteligência e devotamento pelo chefe do expediente Aristóteles Gomes Macedo.

O expediente da Secretaria durante o aludido exercício foi o seguinte:

CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA — 84 ofícios, 88 cartas, 86 cartões, 30 telegramas, 94 circulares e 80 diversos.

CORRESPONDÊNCIA ENVIADA — 139 ofícios, 389 cartas, 53 telegramas, 563 cartões para convocações das Assembléias gerais, 385 cartões para as convocações das sessões do Conselho Diretor e 358 cartões de agradecimentos de obras recebidas para a biblioteca.

INSCRIÇÃO NO QUADRO SOCIAL — foram inscritos como sócios "Efetivos" os Srs. capitão-tenente Ernesto de Melo Batista, Dr. Floriano Nunes Pereira, Dr. Aurélio Porto, Dr. Eudoro Linclon Berlink, capitão de fragata Luiz de Oliveira Belo, Dr. Mário de Magalhães Porto, Dr. Alceu Faião de Abreu Gomes, coronel Jônathas da Costas Rego Monteiro, Major João da Costa Palmeira, tenente-coronel Leopoldo Nery da Fonseca, capitão José Guiomard dos Santos, Ministro Hildebrando Pompeu Pinto Acioli, coronel Renato Barbosa Rodrigues Pereira, Tenente Valfredo Caldas, Coronel Temistocles Pais de Sousa Brasil, major Djalma Polly Coelho, capitão Nelson Pulquério, Dr. Gustavo da Fonseca Sartore, Dr. Joaquim Franco de Melo, Dr. Francisco de Sousa Brasil, general Dr. Salvador Barbalho Uchoa Cavalcanti e capitão Miguel Arcanjo Vieira; como sócios "Correspondentes" Dr. Antônio Ferrão, residente em Lisboa — Portugal, professor Aroldo Edgard de Azevedo, residente em São-Paulo e Ministro Ciro de Freitas Vale, residente provisoriamente em Bucareste, Rumania; passaram à categoria de sócios "Remidos" os efetivos, srs. capitão José Augusto Barbosa e Dr. Álvaro Bomilcar da Cunha.

Deram cumprimento aos dispositivos da letra — H — do § 2.º do artigo 6.º dos Estatutos em vigor os seguintes sócios "Correspondentes": professor Aroldo Edgard de Azevedo, Dr. Carlos Xavier Pais Barreto, Dr. Cincinato Cesar da Silva Braga, Ministro Ciro de Freitas Vale, Dr. Fernando Luiz Ozório, Padre Francisco Tavares de Bragança, professor José Bueno de Oliveira Azevedo Filho, Dr. Paulo Francisco de Almeida Arantes, Dr. Se-

MCD 2018

bastião Paraná de Sá Sotomaior, Dr. Vitor de Carvalho Ramos e Dr. Vicente de Andrade Racioppi.

Faleceram durante o exercício findo os seguintes associados: "Efetivos" — Sr. Alexandre Lambert S. Guimarães, Dr. Samuel das Neves, Dr. Laudelino de Oliveira Freire, Dr. João Severiano da Fonseca Hermes, Dr. Vitor Viana, Dr. Alexandre Max Kitzinger, Dr. Otávio Vinelli, Dr. Teodoro Fernandes Sampaio e Dr. Joaquim Franco de Melo.

Foi excluido do quadro social, conforme resolução tomada pela oitava sessão ordinária do Conselho Diretor, o sócio "Efetivo" tenente Valfredo Caldas.

Devo assinalar, aquí, a necessidade de que seja feita a revisão do quadro social, pois como todos sabem, é conservada até esta data a mesma inscrição iniciada com a fundação da Sociedade, em 1883. E alem de ser tal inscrição antiquíssima, não oferece a menor facilidade para se obterem os dados históricos dos consócios, tornando-se, assim, uma simples relação de nomes e datas das respectivas inscrições, tal sistema ainda hoje existente.

Tesouraria

Continua esse departamento sob a proficiente e digna direção do sócio "Benemérito" Dr. Alberto Couto Fernandes, o qual como Tesoureiro abnegado, probo, honestíssimo, vem prestando os melhores serviços a esta utilíssima associação.

Pelo Balanço apresentado pelo mesmo Tesoureiro, balanço anexo a este Relatório, verifica-se que o movimento durante o ano de 1937, foi o seguinte: — RECEITA — Saldo transportado do ano de 1936 Rs. 13$100, Quotas de sócios Rs. 7:990$000, Empréstimos Rs. 5:000$000, Eventuais Rs. 6$000, Subvenção do Governo Federal do ano de 1936 Rs. 19:980$000 e do 1.º Semestre de 1937 Rs. 9:990$000, Anulação de adiantamentos Rs. 13:191$200, perfazendo um total de Rs. 56:170$300; a — DESPESA — total foi de Rs. 55:879$700, verificando-se um — SALDO — para o corrente exercício na importância de Rs. 290$600.

Pelas linhas acima verifica-se que os recursos financeiros da Sociedade não são ainda o suficiente para que a mesma instituição possa atender todas as suas despesas. Motivado pela demora no recebimento do auxílio concedido pelo Governo Federal, foi a mesma Sociedade, no ano próximo findo, obrigada a lançar mão de empréstimos na importância já acima citada, empréstimos esses que lhe acarretam aumento de despesas, com o pagamento dos juros correspondentes.

O Governo Federal manteve no exercício findo, a subvenção anual de Rs. 20:000$000, importância, entretanto, ainda considerada insuficiente para que a mesma Sociedade possa cubrir as suas despesas, considerando-se a natureza dos serviços que ela vem prestando à cultura e à mesma propaganda do país.

Devo ainda declarar que no decorrer do ano deixaram de ser pagas diversas despesas efetuadas, proveniente de ordenados, materiais de conservação e expediente, adaptação da sede social, aquisição de obras para a biblioteca, impressão da "Revista" e outras, orçadas em cerca de Rs. 10:000$000.

MCD 2018

Biblioteca e Mapoteca

Durante o exercício findo, esses departamentos estiveram sob a competente chefia do 2.º Secretário coronel Raul Correia Bandeira de Melo, o qual exerce conjuntamente as funções de bibliotecário.

A biblioteca foi enriquecida com diversas obras e publicações. assim discriminadas: **Obras de curso,** 187 em 390 volumes; **Autorais,** 71 em 82 volumes; essas obras foram adquiridas pela seguinte forma: **Por permuta**, 187 obras em 390 volumes; **Por oferta,** 69 obras em 169 volumes; **Por compra** 2 obras em 13 volumes num total de 258 obras em 472 volumes; dessas, são: 138 **Nacionais** em 193 volumes e 120 obras **Estrangeiras** em 279 volumes e, a Mapoteca recebeu 9 mapas ou peças geográficas.

Tanto a Biblioteca como a mapoteca atenderam durante o exercício findo a numerosos visitantes, os quais consultaram as seguintes obras: **Geografia,** 68 obras em 95 volumes; **Botânica**, 39 obras em 52 volumes; **Etnografia,** 34 obras em 47 volumes; **Meteorologia,** 29 obras em 38 volumes; **Filosofia,** 19 obras em 22 volumes; **Literatura**, 23 obras em 28 volumes; **História,** 31 obras em 48 volumes, num total de 243 obras em 330 volumes e 79 peças ou mapas geográficos.

Com a mudança da sede social para o prédio da praça da República n.º 54, foi a consulta suspensa para arrumação, não só da biblioteca como igualmente da mapoteca, devendo essas dependências ser novamente franqueadas ao público em Março próximo.

Atualmente, com o número sempre crescente de obras recebidas para a biblioteca, torna-se necessário e com grande urgência a aquisição de novos armários ou estantes, a fim de que sejam melhor acondicionados as inúmeras obras que a Sociedade possue, obras essas, em sua maioria de indiscutivel valor, como igualmente deve ser continuada a recatalogação das mesmas obras, que foi paralizada por deficiência de armários e estantes.

Sede Social

O Governo Federal por intermédio de Sua Excia. o Sr. Ministro das Relações Exteriores, resolveu oferecer à Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro, os 1.º e 2.º andares do prédio da praça da Repúbica n.º 54, prédio do Domínio da União e no qual outrora foi a sede da Faculdade Livre de Direito.

Nesse edificio, ocupa a Sociedade de Geografia todo o 1.º andar, composto o mesmo de 4 salas e um gabinete; dividindo-o a Sociedade da seguinte forma: a sala da frente, ficou servindo de sala das sessões do Conselho Diretor e o gabinete da Presidência, na segunda sala foi instalada a Secretária e depósito das publicações da Sociedade bem como a portaria, na terceira sala, foi instalada em uma divisão a seda da "Liga Esperantista Brasileira" e noutra parte, a mapoteca e armazem de livros da biblioteca, e, a última sala ficou sendo o salão de conferências onde se encontra tambem parte da biblioteca. O 2.ºandar, que é composto de três salas, se encontra assim dividido: sala da frente, funciona o "Centro de Estudos Históricos do Rio-de-Janeiro",

MCD 2018

e nas demais salas funciona o "Círculo dos Oficiais Reformados do Exército e da Armada".

E' de se notar que em consideração às reduzidas acomodações em que se encontrava a Sociedade no prédio 212 da Avenida Marechal Floriano, se acha atualmente bem melhor instalada, muito embora, não seja a atual sede, um prédio digno para ser instalada a douta Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro, que se sentirá impossibilitada de receber individualidades de reconhecido renome ou de saber mundial que constantemente nos visitam e procuram a aludida instituição cultural.

Enfim, dentre em pouco poderá realmente a Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro continuar suas apreciadas séries de conferências anuais, as quais foram suspensas por falta de recinto em sua sede anterior, o que vinha eu assinalando nos meus relatórios anteriores.

Não resta dúvida, que antes de serem entregues à Sociedade de Geografia, os dois andares do prédio citado, o Ministério das Relações Exteriores fez executar serviços de limpeza, interior e exteriormente, no mesmo prédio. Entretanto, é necessária a adaptação de diversos serviços para satisfazer às necessidades da instituição, serviços esses que estão orçados num mínimo de vinte contos de réis, importância que a Sociedade não pode dispender em virtude da sua precária situação financeira, esperando assim ser melhor amparada por quem de direito.

Todavia não deixa a Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro de ser grata ao último e penúltimo Ministros das Relações Exteriores Srs. Drs. Mário de Pimentel Brandão e José Carlos de Macedo Soares, pelas atenções que sempre dispensaram à mesma instituição e gentilezas inclusive a cessão da atual sede, alem do fornecimento de pessoal para a mudança.

Atendendo aos relevantes serviços acima prestados, a Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro, em sua sessão do Conselho Diretor, de 7 de Outubro do ano findo, inaugurou na sala das sessões do aludido Conselho os retratos de tão ilustres diplomatas.

Representação

No decorrer do ano findo a Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro atendeu aos convites que recebera, fazendo representar-se em todas as solenidades, quer de carater oficial, diplomático ou não, entre as quais as seguintes: série de conferências na "Academia Carioca de Letras", conferência do Sr. Pierre Lyautey no "Instituto Brasileiro de Ensino", abertura das aulas do "Colégio Pedro I", inauguração da 3.ª sessão legislativa do Congresso Nacional, conferência do Sr. Riuzo Torii na "Sociedade Polono-Brasileira" e no "Gabinete Português de Leitura", no "Instituto Cultural Nipo-Brasileiro", no "Comité Internacional d'Histoire des Sciences na "Federação das Academias de Letras do Brasil", na "Associação dos Artistas Brasileiros", na "Academia Nacional de Medicina", no "Centro Matogrossense", no "Clube Universitário do Rio-de-Janeiro", na Academia Brasileira de Letras, na Federação das Associações Portuguesas no Brasil", no "Instituto Teuto Brasileiro de Alta Cultura", conferências do Sr. Georolano Azzi na "Sociedade Nacional de Agricultura", na "Associação Brasi-

MCD 2018

leira de Educação", no "Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro", no "Clube de Engenharia", na "Defesa Social Brasileira", centenário do "Colégio Pedro II" e encerramento das aulas da "Escola Superior do Comércio.

CONCLUSÕES

Aí estão resumidamente, os fatos capitais ocorridos em 1937 os quais dizem respeito à vida da Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro.

Finalmente, — e aqui me apraz dizer o que lembro nesta hora — todos de tão benemérita Sociedade, todos aquí trabalhamos com o mesmo ardor de sempre, honrando-lhe as nobres tradições, e envidando os maiores esforços para que cada vez mais cresça toda a utilidade da mesma Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro, Sociedade que exige que cada um de nós e de todos, o maior devotamento a fim de que tão proveitosa instituição científica se coloque à altura de servir ainda melhor á nacionalidade de que nos orgulhamos.

Rio-de-Janeiro, 3 de Janeiro de 1938.

General Moreira Guimarães
Presidente

MCD 2018

BALANÇO DO ANO DE 1937

Receita

Saldo do ano de 1936		13.100
Quotas de sócios	7:990.000	7:990.000
Subvenção do ano de 1936	19:980.000	
Subvenção do 1.º Semestre de 1937	9:990.000	29:970.000
Empréstimos	5:000.000	5:000.000
Venda de revistas	6.000	6.000
Anulação de diversas despesas ..	13:191.200	13:191.200
Rs.		56:170.300

Despesa

Ordenados	16:580.000	
Adiantamentos	11:700.000	
Emprestimos e juros	9:880.000	
Impressão da "Revista"	3:183.500	
Material de Expediente	1:779.100	
Material de limpeza	725.900	
Armários para a Biblioteca	3:050.000	
Telefone	1:211.400	
Luz	222.600	
Obras para a Biblioteca	1:385.000	
Seguro contra fogo	254.400	
Percentagens das Cobranças	1:159.300	
Selos e Estampilhas	442.800	
Diversas Despesas	803.300	
Taboleta	120.000	
Conservação de moveis	764.000	
Bandeira	200.000	
Armação para livros e consertos de moveis	2:340.000	
Pano para mesa	58.400	55:879.700
Saldo para o ano de 1938		290.600
Rs.		56:170.300

Tesouraria da Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro, em 3 de Janeiro de 1938.

Alberto Couto Fernandes
Tesoureiro

Á Comissão de Contas para os devidos fins.

Moreira Guimarães
Presidente

MCD 2018

PARECER DA COMISSÃO DE CONTAS

Contas de 1937

O parecer que abaixo damos é um parecer eminentemente laudatório, pois os trabalhos do Sr. Tesoureiro e principalmente do Sr. chefe do expediente, são dignos dos maiores encômios.

Verificadas as diversas parcelas e computadas as diversas quitações, verifica-se que o balanço de 1937 nada mais é que a expressão exata do bom emprego dos rendimentos da Sociedade.

Assim sendo e resultando de tudo isso um pequeno saldo, proponho que seja aplicado o saldo ou feita alguma compressão em qualquer verba a criterio do Sr. Tesoureiro, para que, desse saldo ou dessa compressão, seja aumentado o atual ordenado do Sr. Aristóteles Macedo, encarregado do expediente.

Justificando essa proposta, devo dizer que não é estranho aos sócios que o Sr. Aristóteles Macedo é, praticamente um dos funcionários que mais trabalha na Sociedade e, alem disso, o unico que efetivamente assume todo o pesado onus do expediente e demais serviços da Sociedade de Geografia. Ora, para tais serviços, é pequena a rumuneração atribuida a tão competente e digno funcionário.

Deixo, contudo, ao critério justo e à capacidade técnica do Sr. Tesoureiro e demais membros da Comissão de Contas, a apreciação da proposta supra citada.

Quanto a aprovação das contas e quitação dos responsáveis, sou de opinião que ambos sejam concedidos, acrescidos ainda do voto de louvor ao Sr. Tesoureiro e ao Chefe do Expediente pela dedicação e competência reveladas no exercício de suas funções.

Tal meu parecer submeto-o contudo, aos meus ilustres confrades que, a seu critério, julgarão seu mérito.

A COMISSÃO DE CONTAS

Francisco de Sousa Brasil.
Relator

De pleno acordo — **Taciano Accioli Monteiro.**
Vogal

De pleno acordo — **Luiz M. Barros Fournier.**
Vogal

MCD 2018

MCD 2018

IRMÃOS PONGETTI

MCD 2018

MCD 2018

MCD 2018